Diário de Lisboa

Janeiro
1981
Terça-feira

ANO 60.º
N.º 20 462
15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Eanes ao dar poderes a Garcia dos Santos:

A posse do CEME ainda não é um acto estritamente militar

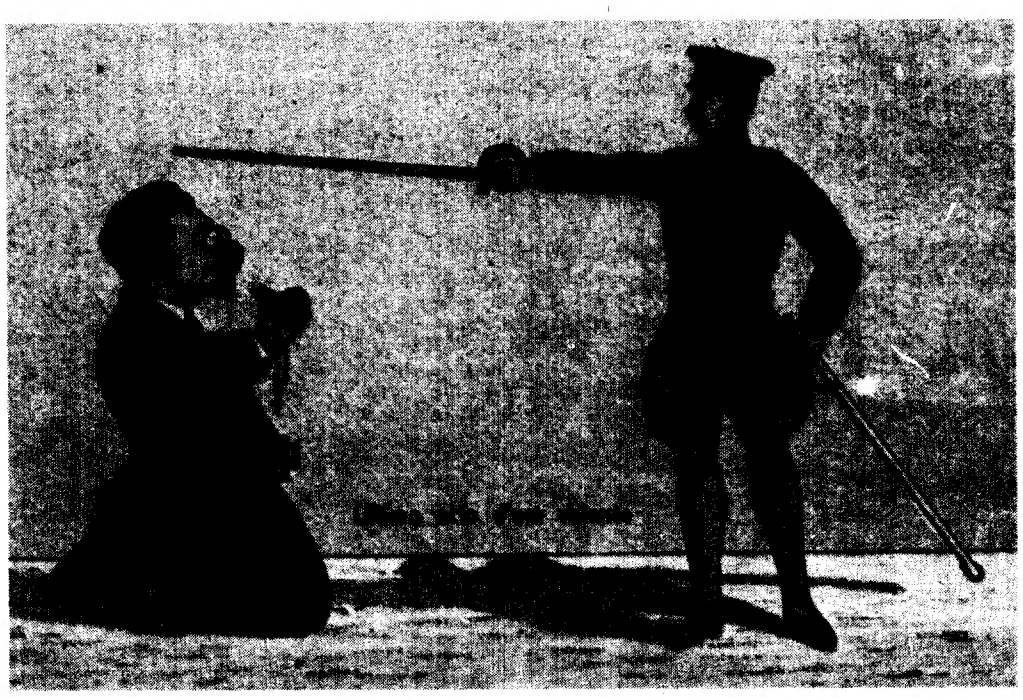
Esta cerimónia não é ainda um acto estritamente militar, recordou o Presidente da República no acto de posse do chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, que substitui naquelas funções o general Pedro Cardoso. No entanto, os discursos proferidos por Ramalho Eanes e pelo CEME tiveram como tónica comum a próxima subordinação dos militares ao poder civil.

Eanes no seu discurso revelou que vai propor que o exercício de funções de Chefe do Estado-Maior passem a ter um limite temporal de três anos, eventualmente prorrogável por mais dois.

Numerosos oficiais superiores de Lisboa assistiram ao acto de posse, desmentindo a existência de grande hostilidade ao nome de Garcia dos Santos, que fora propalada em órgãos de Informação de direita. Sabe-se apenas que o general Duarte Silva pediu a passagem à reserva, pedido que foi recusado ainda pelo general Pedro Cardoso.

Pág. 5

Garcia dos Santos no uso da palavra, esta manhã



«O irmão Platão» vencido pelo «irmão Carlyle», ou Afonso Costa deposto por Sidónio Pais

Sidónio Pais e a Maçonaria

Um documento inédito revelado pelo prof. João Medina

Na sua edição de amanhã, o «Diário de Lisboa» publica um documento inédito de grande interesse histórico: o «testamento de iniciação» do dr. Sidónio Pais na extinta loja «Estrela de Alva», de Coimbra. Sabia-se que Sidónio Pais tinha sido maçon, mas não era conhecido qualquer documento relativo à sua iniciação. O documento agora revelado pelo prof. João Medina, da Faculdade de Letras de Lisboa, encontra-se na Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Hoje há "Exclusivo"

Ao aproximarem-se as eleições presidenciais francesas, a Imprensa daquele país tem-se feito eco, com grande insistência, do facto da esquerda se apresentar dividida (PS e PCF). No «Exclusivo» de hoje publicamos dois textos do «Le Monde», em que o problema é analisado criticamente, embora isso não signifique total isenção perante as forças em presença. De qualquer maneira permite ao leitor avaliar por si próprio a intensidade do debate em curso. Problemas do Brasil, Coreia, América, etc. completam o conteúdo deste suplemento.

Dirigentes chineses inquietos com grave agitação no país

Pág. 13

Recomeça a Conferência de Madrid

Primeiro "embate" entre a URSS e Reagan

Pág. 13

Luta social na Bélgica

Estradas cortadas e comboios bloqueados

Pág. 20

Televisão em Moçambique

Mira técnica já no ar

A Televisão Experimental de Moçambique vai dedicar o seu primeiro ano de existência à formação dos próprios quadros, não se preocupando sobremaneira com a rapidez na transmissão de emissões – afirma o correspondente da ANOP em Maputo. Conforme conversa mantida com o responsável pelo projecto, António Schwalbach, trata-se de uma televisão experimental com boa capacidade técnica, mas com trabalhadores ainda não rodados, pelo que naturalmente terão de vir a ser enquadrados por alguns estrangeiros. A Estação irá assim funcionar durante este ano apenas em parte da província de Maputo, apenas alguns dias por semana e sem uma programação muito bem definida.

Tendo já começado a enviar para o ar a sua mira técnica, a Televisão Experimental de Moçambique (TVE) poderá começar eventualmente a transmitir programas durante a primeira parte de Fevereiro, mas Schwalbach não desejou adiantar quaisquer datas.

Afirmou Schwalbach, que trabalhava na Rádio, que o projecto em fase de arranque se aproxima das características de uma televisão comercial, pois que mobiliza um pequeno número de pessoas e se destina de início a cobrir um pequeno espaço.

Operar-se-á a cores, sistema PAL, tal como em Portugal, e da RTP virão provavelmente alguns cooperantes, a concretizar-se uma das alíneas do memorando de acordo já assinado entre a Secretaria de Estado da Comunicação Social e a Direcção Nacional da Informação de Moçambique.

A audição dos programas experimentais será predominantemente colectiva, uma vez que as estruturas oficiais distribuem os televisores de que dispõem por grupos dinamizadores de bairros, células da Frelimo, Casas de Cultura, escolas e hospitais.

Os estúdios da Televisão Experimental, de Moçambique situam-se num rés-do-chão da Avenida Julius Nyerère, entre a Embaixada de Portugal e o mais conhecido hotel da cidade, o Polana.

Manipulação na RTP

Números e "casos" negam pluralismo proclamado por Proença de Carvalho

«Tal como a direita, Proença perdeu em 7 de Dezembro, pelo que a sua saída da RTP é uma reivindicação dos trabalhadores da empresa e dos portugueses» – esta a opinião da célula do Partido Comunista Português daquela estação de comunicação social estatizada. Unicamente «a saída de Proença e do seu «gang» – que o novo Primeiro-Ministro repescou», a correcção de situações irregulares, nomeadamente nas direcções de Informação e de programas, são exigências que se colocam em nome dos interesses da empresa, dos seus trabalhadores e da estabilidade do regime democrático» – acentua-se ainda.

Insurgindo-se contra recente afirmação de Proença de Carvalho, segundo a qual «em matéria de opinião o pluralismo é evidente», os profissionais comunistas da RTP desmente tal juízo com os seguintes números, relativos, respectivamente, ao Canal 1 (Setembro), ao Canal 2 (Setembro), ao Canal 1 (Novembro) e ao Canal 2 (Novembro):

AD/Governo/ Partidos da AD – 1 hora, 21 minutos, 31 segundos; 26 minutos e 47 segundos; 2 horas, 16 minutos e 43 segundos; e 36 minutos e 15 segundos. **Oposição** – 29 minutos e 11 segundos; 15 minutos e 45 segundos; 1 hora e 36 segundos; e 16 minutos e 28 segundos. **Governo** – 1 hora, 11 minutos e 22 segundos; 22 minutos e 5 segundos; 1 hora, 8 minutos e 3 segundos; e 33 minutos e30 segundos

Presidente da República – minutos e 36 segundos; 9 minutos e 30 segundos; 27 minutos e 25 segundos; e 25 minutos e 46 segundos.

Estes números, como se depreende, são referentes aos meses que antecederan as duas últimas eleições, «eleições que determinaram a ida de Proença de Carvalho para a RTP por parte da AD».

Quanto a manipulação (que Proença de Carvalho nega) são formuladas as seguintes questões: «Então o que foi o tratamento da greve da Torralta, de que Proença de Carvalho foi presidente? Então o que foi o aproveitamento do funeral de Sá Carneiro para a campanha eleitoral de Soares Carneiro? Então como chamar ao facto de no próprio dia das eleições presidenciais, pelas 15 horas, se ter transmitido um depoimento de um 'anónimo', dizendo que era necessário 'escolhar um presidente melhor'? Então o que é ler notícias baseadas em fontes de informação sem qualquer crédito ou baseadas em apontamentos filmados sem referência de origem? Então o que é apresentar notícias encadeadas de maneira a que, por associação automática de ideias, se sugerir uma **nova** informação? É ou não verdade que Duarte Figueiredo, injectado como director de informação, se limitou a desempenhar um papel de director político por parte da AD? Isolado pelos jornalistas desta casa, por todas as forças democráticas e até acusado de manipulação por vários sectores da direita, Proença de Carvalho defenderá ainda que as acusações que contra si pendem são simples 'manipulação dos comunistas'»?

Os trabalhadores comunistas da RTP, depois de denunciarem «a ausência de um plano de produção», declararn que apesar de Maria Elisa ter sido nomeada directora de Programas, «o verdadeiro centro de decisão é o grupo Proença / Ressurreição/ Luís Andrade/ Cintra Torres». E ainda: «o que a experiência mostrou é que este grupo não tem qualquer projecto, faltando-lhe competência e decidindo por rompantes, em obediência aos interesses políticos.»

Os comunistas terminam por exigir que aquele grupo cesse as suas funções, para que a RTP possa servir devidamente o regime democrático.

RUPERT MURDOCH, MILIONÁRIO AUSTRALIANO que já possui «The Sun» (o jornal britânico com maior tiragem) e «The News of the World», encontra-se já na posse de «The Times», internacionalmente conhecido como «a linha editorial da Grã-Bretanha». Murdoch (à direita na foto) tem encontrado uma certa contestação por parte dos jornalistas, personalidades diversas e elementos do Partido Trabalhista. De momento, Murdoch anunciou já a intenção de proceder a despedimentos, sob a forma de saídas voluntárias, a fim de tornar o periódico rentável

"Brisa" no SJ

Carneiro Jacinto aguarda parecer técnico

Face às acusações que lhe têm sido formuladas pelo facto de colaborar com a empresa construtora de auto-estradas «Brisa», Carneiro Jacinto, dos corpos gerentes do Sindicato dos Jornalistas, demitiu-se das funções que exercia no SJ.

Nos próximos dias, no entanto, o Conselho Técnico do SJ irá debruçar-se sobre as funções que Carneiro Jacinto tem vindo a desempenhar na «Brisa», uma vez que, em sua opinião, essas funções não se situam no campo da publicidade, nem no das relações públicas da mencionada empresa.

As funções de Carneiro Jacinto situar-se-iam ao sector da informação.

"Jornal do Brasil"

Televisão "escondeu" "Malu Mulher"

O «Jornal do Brasil», editado no Rio de Janeiro, considera que a Televisão portuguesa «escondeu» a série «Malu Mulher» ao programá-la para o segundo canal da RTP.

A série, protagonizada por Regina Duarte, «passa praticamente despercebida, só notada pela crítica que lamenta a restrição a que foi submetida, atribuindo-a a pendores moralistas da direcção da RTP», escreve o correspondente em Lisboa daquele jornal.

Considerando-a a melhor série da TV Globo, a empresa que vende os programas brasileiros que habitualmente passam na sua congénere portuguesa, como «Dona Xepa», o jornalista diz que «Malu Mulher» está «destinada ao fracasso» por a audiência do segundo canal ser apenas de 20 por cento.

E no entanto (acrescenta o jornalista) «as questões difíceis que aborda, como o adultério, aborto, prostituição e droga, tratados sem excesso ou irrealismo, são familiares aos portugueses».

Saneados da RDP

Dois despachos–dilema para CA

O presidente da Comissão Administrativa da RDP devolveu à Secretaria de Estado da Comunicação Social o parecer da Procuradoria Geral da República (recentemente homologado pelo titular daquele departamento governamental) favorável à reintegração dos trabalhadores afastados da Radiodifusão Portuguesa na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro.

Segundo o presidente da CA da RDP subsistem dúvidas quanto à natureza política ou disciplinar dos processos movidos àqueles trabalhadores (entre os quais alguns jornalistas).

Esta manhã, no entanto, conseguimos a informação de que há um dilema, por assim dizer, na CA da RDP: ou o despacho de Sousa Brito, anterior titular da SECS, que recomendava o estudo «caso por caso» dos processos em questão; ou então o despacho do actual titular da SECS, Luís Fontoura, que homologa o parecer favorável da Procuradoria Geral da República.

A SECS (e segundo conseguimos apurar) irá pronunciar-se brevemente sobre o assunto.

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

GABINETE DE ESTUDOS E INTERVENÇAO PSICOPEDAGOGICA

(G.E.I.P.P.)

CURSO DE SENSIBILIZAÇAO SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Orientado por

VÍTOR DA FONSECA

(Mestrado em Ciências da Educação)

Horário Pós-laboral. Início a 11 de Fevereiro
Inscrições: Avenida Marquês de Tomar, 33 - 4.º Esq.
Telef. 760951/760552

ALCATIFAS
AS MELHORES MARCAS AOS MELHORES PREÇOS
ALCATIFA INDUSTRIAL DESDE 140$00 m2
PAVIMENTOS
GRANDE SORTIDO PARA COZINHAS E CASAS DE BANHO
PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR
Largo Dr. António Sousa Macedo, 6 • Tel. 675948
(AO FUNDO DA CALÇADA DO COMBRO)
PESTANA & COUCEIRO

TRIBUNAL CIVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUIZO

ANUNCIO

2.ª Publicação

Pela 1.ª secção deste Juízo correm éditos citando a ré Electro-Popular de Entre Campos, Lda, actualmente com sede em parte incerta, e cuja última sede conhecida foi na Rua de Entre Campos, 62-C, em Lisboa, para comparecer neste Tribunal no próximo dia 5 de Março, pelas 10 horas, ou se fazer representar por procurador com poderes especiais, a fim de ter lugar uma tentativa de conciliação na Acção Especial de Despejo n.º 1153, que lhe é movida bem como a outros por Augusto José Araújo dos Anjos, sendo advertida de que se não comparecer nem se fizer representar, será condenada em multa e de que o prazo para contestar a referida acção é de cinco dias a contar da data da tentativa de conciliação, se esta se frustrar.

Lisboa, 16-1-81

O juiz de Direito,
(João Alfredo Diniz Nunes)
O escriturário,
(António Francisco Martins)

ponto a ponto

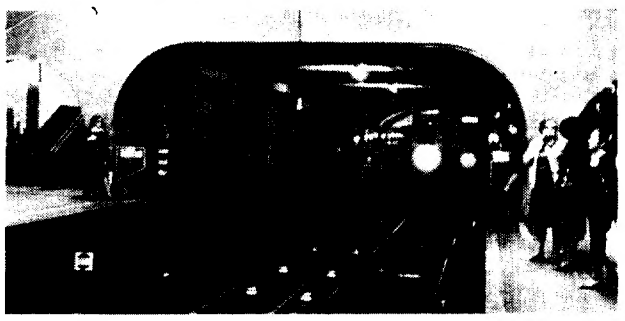
● A delegação do Porto da Secretaria de Estado da Comunicação Social vai editar brevemente uma brochura «fac-símile» dos números únicos dos jornais que se publicaram em **31 de Janeiro de 1891**, para comemorar a data da revolta republicana que teve lugar no Porto na referida data.

● Os cidadãos com mais de 65 anos vão deixar de pagar a entrada nos **museus portugueses**. Tal medida, que diz respeito aos museus oficiais dependentes da Secretaria de Estado da Cultura, tem por objectivo «facilitar à terceira idade a fruição dos seus tempos livres». Para usufruir deste direito, basta que o visitante abrangido apresente o bilhete de identidade no acto da entrada.

● A Comissão Distrital **da Guarda** do PCP promove no próximo sábado, pelas 14 e 30, na Escola do Magistério Primário, o I Encontro Distrital de Quadros, que contará com a presença de Jaime Serra, do Comité Central daquele partido. No final haverá uma confraternização com os participantes no encontro, vindos de todos os pontos do concelho.

● A **Força de Unidade Popular (FUP)**, manifestou o seu apoio às lutas dos trabalhadores «contra a política de repressão económica e social praticada pelo Governo AD/Eanes». Em comunicado, a FUP solidarizou-se com as lutas encetadas pelos trabalhadores da SAPEC, do Metropolitano, da Petrogal, do Entreposto Industrial Automóvel de Setúbal e com os jornalistas. A FUP acrescenta que os trabalhadores começam já a pagar a factura imposta pela AD e pelos «partidos reformistas» que apelaram ao voto em Eanes.

● E já no sábado, 31 de Janeiro, que vai ter lugar no Restaurante do Mercado do Povo, a partir das 20 e 30, a anunciada homenagem a **Manuel Tito de Morais**. As inscrições para o jantar estão publicamente abertas nas instalações do Partido Socialista na Rua da Emenda, S. Pedro de Alcântara, Largo do Rato e ainda na sala do grupo parlamentar do PS na Assembleia da República.



● Confirmada a notícia que demos ontem na primeira página: a greve dos trabalhadores do **Metropolitano de Lisboa** marcada para o dia 29 foi desconvocada, após a Comissão Negociadora Sindical ter recebido garantias formais do Ministério do Trabalho de que o ACT da empresa seria publicado ainda este mês. O acordo consagra aumentos de cerca de 22% e beneficia os 1500 trabalhadores do «metro».

Freitas do Amaral: o guardião do templo

César Oliveira

Um dos aspectos de maior relevância política, dos muitos entretanto ocorridos, no recente debate parlamentar sobre o programa do VII Governo Constitucional foi, sem sombra de dúvida, o discurso proferido pelo prof. Freitas do Amaral.

Ao encerrar os debates, Freitas do Amaral, medindo cuidadosamente as palavras, controlando os gestos e procurando conservar a serenidade olímpica de quem olha a «ralé» (**os outros, «tout court»**), do alto da sua própria magnificência e esplendor, fez um discurso que, bem vistas as coisas, só poderá ser classificado como um verdadeiro discurso de **oposição por dentro**.

Na verdade, o líder do CDS dando apoio ofereceu sobretudo desconfiança a Pinto Balsemão. Vejamos: Freitas do Amaral fez um discurso que, na interpretação de quem escreve estas linhas, se pode resumir esquematicamente do seguinte modo: a) o **assumir claro da execução testamentária do que foi a AD/Sá Carneiro; b) afirmação inequívoca, de que quem lidera a AD – enquanto projecto e coligação – é ele, Freitas do Amaral; c) resumo do que ele, enquanto líder, espera que o VII GC/Balsemão faça; d) assumir-se, ele Freitas do Amaral, como juiz supremo da prática do VII GC e da sua fidelidade à pureza da AD.**

Eis, aqui, o que creio ser, não um resumo do discurso do auto-recém-promovido líder da AD, mas a síntese do seu significado político no momento em que a investidura de um novo Governo ficará, pela própria força das palavras e das posições do líder do CDS, em permanente contraponto com o que foi o Governo-AD no seu estado mais puro, o de Freitas do Amaral/Sá Carneiro.

Freitas do Amaral, a serenidade feita máscara para futura instalação em átrios de branco mármore, aposta-se a si próprio um destino que não terá: suceder a Sá Carneiro na liderança do que é agora – e que tão diferente já se mostra do que foi – a AD. A importância da posição assumida por Freitas do Amaral no encerramento dos debates na AR é tanto maior quanto é certo o abismo que existe entre o presidente do CDS e o falecido presidente do PSD, Sá Carneiro. E aqui, nesta diferença abissal, que, julgamos, o próprio Freitas do Amaral amarguradamente reconhecerá, que reside certa perplexidade. Expliquemo-nos.

Sá Carneiro era, como com facilidade todos o reconhecem – pese nos situarmos nos antípodas das suas posições – um «jogador» de «cave plena»: jogava e arriscava tudo, no momento mais certo e mais favorável. E não há dúvidas de que, na esmagadora maioria dos casos, ganhou. O seu carisma, a força das suas «jogadas» e a lucidez política do melhor percurso para aglutinar todas as forças conservadoras para objectivos e metas sempre propostos como se a sua alternativa fosse o caos, foram o cerne do seu triunfo pessoal. Por isto mesmo Sá Carneiro não era apenas o líder incontestado da AD/PSD, mas da AD/PSD-/CDS/PPM e de toda a direita portuguesa.

Ora, o prof. Freitas do Amaral, só pode ser o líder incontestado de uma parte da AD (do CDS obviamente e dos sectores mais à direita do PSD). Não tem carisma, nem «chama», nem espírito de decisão para a «jogada certa» no momento certo, e como versão caseira de democrata-cristão, é demasiado conotado à direita para se impor a toda a AD. Conotação que, na declaração de voto do CDS, Narana Coissoró se apressou a confirmar ao classificar o I Governo AD como de «direita democrática».

Mas há, contudo, grandes dificuldades numa tentativa de análise das contradições internas da AD e das repercussões imediatas do discurso de Freitas do Amaral/Guardião do Templo-AD. Aqueles que, em várias ocasiões, mais têm tentado aproximar-se daquilo que poderiam ser posições sociais-democratas, aqueles que, como Helena Roseta, já por diversas ocasiões exprimiram o desejo de não prolongar a AD para além de 84 e prognosticaram futuras aproximações ao PS, tiveram na semana passada expressões de claro apoio à dureza olímpica de Freitas do Amaral. E que, ao que julgamos não podemos aplicar esquemas ideológicos-programáticos de análise a um partido, o PSD onde as clivagens parecem não terem como fundamento posições ideológicas claras e distinções e políticas definidas. Quem é que no PSD representa a «esquerda» e quem representa a direita, quem pode ou não encabeçar a resistência à liderança de Freitas do Amaral ou quem poderá vir a lutar pela conquista da autonomia do PSD face à voragem do CDS são «coisas» envoltas em manto espesso e misterioso. A verdade é que com o discurso de executor-testamentário-guardião do templo de pureza-da-AD-mais autêntica, Freitas do Amaral desafiou, quiçá consciente e voluntariamente, a resistência no interior do PSD. Isto porque sabe que a esse desafio por ele proposto a resistência será de pouca monta, certamente espartilhada pela luta pelo poder interno no PSD e que do direitismo imprimido à AD e que Freitas do Amaral forçou só o CDS poderá tirar lucros a prazo.

Freitas do Amaral visa, pois, ao que julgamos, dois objectivos: no caso de a AD continuar e se verificar a manutenção da sua coesão, **garantir a «pureza» da AD-original sob a sua própria liderança embora esta seja bem menos forte e rentável em termos político-eleitorais ao mesmo tempo em que mantém rigoroso controlo e vigilância sobre o Governo AD-/Balsemão do qual se distinguiu com clareza,** no caso de desagregação da AD, **assegurar o desenolvimento e o reforço do CDS sobre os escombros de uma AD desagregada.**

E esta, a grande interrogação posta pelo debate do VII Governo Constitucional: até que ponto (como, quando e quem) o PSD resiste à liderança de Freitas do Amaral, liderança de que o PSD será, em qualquer caso, o inevitável perdedor?

Os próximos meses encarregar-se-ão de responder a esta questão. A morte prematura de Sá Carneiro, as eleições de 7 de Dezembro, a falta de «garra» de Balsemão e a posição agora assumida pelo serenamente académico professor/presidente (**enquanto Sá Carneiro era sobretudo um líder activo**) são factores que conduzirão, tarde ou cedo, ao desgaste da AD.

Os objectivos da esquerda neste contexto marcado pelo que vai ocorrer na AD não são os de **partir** a AD para «piscar» o olho a uma das partes. **Trata-se de conseguir assegurar**, pela clareza, viabilidade e eficácia de propostas alternativas às de uma AD cada vez mais CDS, **as condições para que parte da base de apoio da AD que em 7 de Dezembro votou pela defesa do regime constitucional se desloque consolidadamente para o campo da esquerda democrática.** O problema da estabilidade política e a construção de uma alternativa à AD **não se resolve por meio de blocos centrais PS/PSD ou FRS/PSD.** O futuro do projecto constitucional passa, é certo, pela consolidação e aprofundamento da FRS enquanto projecto capaz de atrair parte do que foi o eleitorado flutuante que votou AD em 2 de Dezembro e 5 Outubro e Eanes em 7 de Dezembro, mas passa também por um novo curso de entendimento com o PCP, cuja chave reside mais neste partido do que na FRS. Freitas do Amaral ajudará ao reforço da flutuação dos 500 000 eleitores que «fugiram» da AD em 7 de Dezembro, ele é um «guardião do templo da AD» demasiado severo, excessivamente «chato» e manifestamente desinteressante para suceder ao imprevisto, ao político arriscado mas atraente que era Sá Carneiro.

Revisão da Constituição e Forças Armadas

Joaquim Ribeiro Simões*

1. Compreende-se a impaciência e a celeridade que os partidos da AD põem na revisão constitucional. Quanto mais rapidamente conseguirem suprimir tudo aquilo que torna a Constituição progressista e a maioria das disposições que concedem decisivos poderes ao Presidente da República, tanto melhor. A Constituição de 1976 é para os dirigentes dos partidos de direita verdadeiro pesadelo. Percebe-se assim que o Primeiro-Ministro, no discurso da posse, tenha dedicado largos períodos a este assunto; também se percebe que um bispo ultraconservador venha esconjurar o nosso texto fundamental, considerando-o em emanação de Belzebu. Não se entende, isso não on que certos «constitucionalistas», à esquerda da AD, demonstrem igual pressa nos trabalhos de revisão alegando acentuados perigos para a democracia no caso daquela não se efectuar imediatamente. A defensiva, dizia Clausewitz, é a mais forte das formas estratégicas. No que concerne à revisão, o campo democrático e socialista encontra-se numa posição defensiva, forte e duradoira, e pode bater o adversário senão cometer erros graves.

Deve deixar à coligação de direita a iniciativa de desencadear a ofensiva do processo de revisão constitucional, vigiando constantemente o cumprimento das normas estabelecidas no Título II, da Parte IV. Os deputados da FRS, APU e UDP não têm que se mostrar apressados, porque nada lucram com a satisfação dos fins expressos pela AD. Há quatro anos para propor medidas de revisão, tempo que permite estudar o assunto em profundidade, com calma, procurando sempre o aperfeiçoamento da Constituição e não a sua subversão. Os deputados da área democrática e socialista têm sobre os seus ombros a pesada responsabilidade de manterem incólume o espírito da Revolução de Abril. Se permanecerem unidos ou convergentes, no essencial, na defesa das estruturas da Constituição, de nada valerão as retóricas (e os namoros) dos doutores da área conservadora, que vêm arquitectando planos de ofensiva generalizada contra essas mesmas estruturas. Desde já alertamos para certas ideias perigosas e erradas como a de eleger o PR por um colégio eleitoral com base na AR. Esta opinião, defendida por alguém que se proclama socialista é, no mínimo aberrante: se vigorasse em Dezembro de 1980, em vez de um Presidente da República eleito por todo o Povo, teríamos um PR eleito pela coligação AD, que vale actualmente escassos 40% do eleitorado votante.

2. A submissão das Forças Armadas ao poder civil, expressão usada (e desabusada) por certos teóricos jovens, que não conheceram o fascismo, e por outros idosos, que nesse tempo nunca arriscaram um dedo para o combater, embora verdadeira, requer tratamento de rigor. O ditador Salazar aproveitara o conceito para dispor das F.A. conforme lhe convinha. Servia-se delas para os seus desígnios, mas desprezava-as. Ora essas décadas cruéis da ditadura não voltarão mais, porque as F.A. estão imbuídas, dentro do possível, da democraticidade nascida com a Revolução de Abril. As suas missões encontram-se bem claras no Título X da Parte III da Constituição: «garantem a independência nacional, a unidade do Estado e a integridade do território, e bem assim as condições que permitam a transição pacífica e pluralista da sociedade portuguesa para a democracia e o socialismo».

Com o desaparecimento do Conselho da Revolução, as suas funções deverão passar para outros órgãos: Conselho da República (e não de Estado), Tribunal Constitucional e Conselho Superior das Forças Armadas (ou de Defesa Nacional).

Em artigo anterior mostrámos como o projecto de revisão do dr. Freitas do Amaral reduzia o Conselho da República a uma sucursal da AD: o PR ficaria metido num colete de forças, e nada mais lhe restava senão submeter-se à maioria governamental, embora tivesse sido eleito com mais de 56% dos votos populares. Como acentuámos, os doutores do CDS-

Continua na pág. 4

Lista A da Função Pública

Unir a classe na defesa dos seus interesses

Unir a classe e dinamizar a vida sindical são dois dos objectivos fundamentais da lista A, candidata às eleições na próxima quinta-feira, dos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Açores.

«Para unir a classe e combater o divisionismo é necessário proceder a uma grande dinamização da vida sindical. Estamos conscientes disso», afirmou-nos Carlos Mamede, um dos nove componentes da lista A que integram os actuais corpos gerentes do SFP. Outro dos elementos desta lista que faz parte dos actuais corpos gerentes, é Adalberto Ribeiro, já veterano nas lides sindicais.

«Pretendemos aumentar a participação na vida sindical, nomeadamente através da reactivação da eleição de delegados sindicais, reuniões de delegados, formação de grupos socioprofissionais; através da descentralização da vida sindical, até porque temos desde Junho de 79, um novo sector no Sindicato que é o da Região Autónoma dos Açores», prosseguiu Carlos Mamede. «A dinamização da vida sindical passará, dentro da nossa óptica, também pela reactivação das actividades culturais, desportivas e recreativas e, finalmente, por um programa de formação sindical dos trabalhadores, activistas e delegados sindicais, não só através de cursos de formação mas também da promoção regular de debates, mesas-redondas, colóquios».

As eleições vão decorrer num período importante da vida dos TFP, já que coincide com a altura em que é discutida uma proposta de tabela salarial para o sector, a negociar com o Governo.

«E muito complicado este momento em que os TFPZS vão ser solicitados a eleger os corpos gerentes do Sindicato. Complicado devido às muitas tarefas que surgem», afirmou ainda Carlos Mamede. «e ao facto de o actual Governo se propor seguir a política do anterior, ou seja, no nosso caso, que está disposto a restringir os direitos constitucionais dos trabalhadores da FP».

Revisão de salários e direitos constitucionais

Dois tipos de problemas irão, de acordo com as intenções da lista A, mobilizar os TFP, no caso de aquela lista sair vencedora das eleições de quinta-feira, 29: melhoria de condições de vida e defesa dos direitos constitucionais.

No primeiro caso, os componentes da lista A propõem-se lutar pela revisão anual de salários, actualizações periódicas das prestações complementares (diuturnidades, subsídio de refeição e das pensões de reforma ou aposentação e invalidez). uniformização do subsídio de refeição e de creche; melhoria do esquema complementar de acção social, nomeadamente com uniformização de benefícios existentes e sua extensão a todos os trabalhadores da FP. Reestruturação de carreiras (passando pela formação profissional permanente) e estabilidade de emprego são outras duas áreas fundamentais do programa da lista A.

«Até há pouco tempo dizia-se que os TFP não tinham problemas de emprego»., esclarece C. Mamede. «Isto não é verdade. O Governo está a usar cada vez mais uma prática de contratos a prazo na Administração. Estão já a verificar-se despedimentos de trabalhadores cujo vínculo é precário. Esta situação exige a regulamentação do regime de vínculos à Administração e a integração no quadro, de todos os trabalhadores que estão de fora.»

O direito à negociação colectiva

Quanto à defesa dos direitos constitucionais dos trabalhadores, também a lista A tem aqui um vasto campo de acção: lutar pela regulamentação dos direitos consignados na Constituição, mas não regulamentados no caso específico dos trabalhadores da FP.

Estão neste caso, o direito à greve e à associação sindical, além do direito à negociação colectiva.

«É verdade», afirma C. Mamede. «Ao contrário dos outros trabalhadores, antes de negociarmos condições de trabalho, temos que começar por lutar para impor a negociação e depois, temos que desenvolver outra luta para impor as nossas reivindicações. Isto é de tal modo importante que as greves feitas até agora pelos TFP tiveram como uma das principais razões, a luta pela negociação.»

Direitos das mulheres

Duas questões contempladas no programa da lista A são especificamente dirigidas às mulheres da FP: a uniformização do subsídio de creche e o período de doença. Delas nos falou Luísa Viana, membro da lista A e delegada sindical do MHOP.

«Nós pretendemos lutar pela instituição de um subsídio de creche. A assistência social é feita através das Obras Sociais dos vários Ministérios, donde resulta uma situação de desigualdade, uma vez que há Ministérios que possuem creches e noutros, concede-se subsídios de creche. Nós pensamos que será justo, portanto, instituir um subsídio. Por outro lado, quando uma mulher trabalhadora da FP está doente ou tem algum membro do agregado familiar doente, dispõe de um mês por ano para ficar em casa, cuidando de si ou da pessoa doente. Esta situação também é injusta na medida em que a mulher solteira dispõe do mesmo mês que a mulher casada e mãe de filhos. Quer dizer, enquanto a primeira tem um mês inteiro para si, a mãe de família tem que repartir o mês pelo agregado familiar. Se tiver de faltar para lá desse mês, descontam-lhe no vencimento. Queremos também corrigir esta situação.

A lista A integra pela primeira vez e de acordo com os novos Estatutos do Sindicato da Zona Sul, 35 elementos, todos eles activistas sindicais. A sua idade média é de 34 anos, e o mandato, será, também pela primeira vez, de 3 anos.

"Normalidade" em S. José e outros hospitais?

"Só a construção dum novo hospital em Lisboa resolveria o problema do congestionamento"

— opinião da CC dos HCL

Só a construção dum novo hospital na capital poderia atenuar o congestionamento dos hospitais existentes – disse à Anop o presidente da Comissão Coordenadora dos Hospitais Civis de Lisboa. Para Mateus Marques, os problemas que se levantam nos serviços de urgência do Hospital de S. José decorrem essencialmente do aumento da população na zona de Lisboa e também do afluxo de doentes vindos dos hospitais distritais.

Um novo hospital premitiria a transferência de alguns serviços de medicina, com consequente descongestionamento de outros e a possibilidade de aumentar o número de camas. O problema, segundo Mateus Marques, é que «por razões humanitárias», não se pode recusar doentes, enviando-os para os hospitais a que pertencem.

Sobre S. José, a par da aglomeração de doentes nos serviços de urgência, a equipa de enfermeiros daqueles serviços apela ainda para uma maior rentabilidade nos vários serviços de internamento como solução interna e prioritária. Segundo os enfermeiros, os doentes permanecem mais tempo do que seria normal nos vários serviços, quer devido às demoras verificadas nos exames de diagnóstico (análises, radiografias), quer ainda na concretização de intervenções cirúrgicas.

Segundo os enfermeiros – opinião veiculada pela Anop –, esses atrasos provocam maior tempo de permanência dos doentes que, a serem tratados a devido tempo, deixariam a cama vaga para outros.

Durante o ano de 1979 o tempo médio de ocupação por camas resultante de intervenções cirúrgicas registou um mínimo de 20 dias e um máximo de 36 dias, o que é elevado se tivermos em conta que nas clínicas particulares o tempo de ocupação se situa entre seis a dez dias.

Os enfermeiros afirmam que existem blocos operatórios de 3 e 4 salas em que apenas se faz uma operação por dia. A falta de pessoal de apoio e de organização do pessoal médico poderá estar na base desse pouco rendimento, acrescentam.

A este respeito, a Comissão Coordenadora dos Hospitais Civis de Lisboa disse à Anop que foram tomadas medidas no sentido de um melhor aproveitamento das camas através de um escoamento de doentes para outras instituições hospitalares logo que o seu estado o permita.

Existem muitos doentes que em período de convalescença e mercê de situação familiar difícil são obrigados a permanecer no hospital.

Nesse sentido, a Comissão Coordenadora contactou também o Hospital da Misericórdia de Lisboa para que fossem ali instalados doentes deste tipo.

Outros serviços como traumatologia, obstetrícia e ginecologia, que registam maior afluência, foram também objecto de estudo no sentido de se efectuarem transferências para outros hospitais menos sobrecarregados.

Por outro lado, a Comissão iniciou medidas tendentes à contratação de pessoal paramédico e de enfermagem.

Mateus Marques afirmou ainda que «estas medidas e outras não foram tomadas agora, mas decorrem de um conjunto de esforços» que aquela comissão tem efectuado nos últimos dois anos junto das administrações hospitalares e do Ministério da Tutela.

«Estes esforços – acrescentou – foram intensificados perante a actual situação de supercongestionamento e o próprio pessoal já o sentiu», disse.

Entretanto, apesar de se verificarem melhoras nos serviços de urgência no Hospital de S. José, a equipa de enfermagem daqueles serviços reuniu-se ontem à tarde para um balanço da situação e tenciona solicitar hoje uma audiência à Comissão Coordenadora dos Hospitais Civis de Lisboa.

Dia Mundial da Lepra

O Dia Mundial da Lepra foi assinalado no domingo no Hospital Rovisco Pais, na Tocha, Cantanhede.

Esta unidade hospitalar é a única apetrechada para o tratamento da lepra em Portugal.

Actualmente, e apesar da recessão que se vem verificando nas últimas décadas no domínio da lepra, em Portugal como em todo o mundo, encontram-se ali internados 180 doentes.

O número parece excessivo, todavia o Rovisco Pais já chegou a albergar cerca de dois mil doentes.

A idade média dos doentes internados na Tocha é de sessenta e cinco anos e a sua permanência no hospital deve-se, em muitos casos, a falta de apoio familiar. Muitos dos doentes poderiam abandonar o hospital, uma vez que o seu tratamento já ultrapassou a fase dos cuidados hospitalares.

Há algum tempo que se considera insignificativa a existência de casos de lepra em Portugal. O Hospital da Tocha encontra-se subaproveitado e deverá ser reconvertido a médio ou curto prazo.

SITESE abre campanha de dinamização sindical

O Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, Comércio e Serviços (SITESE) vai lançar uma campanha de dinamização sindical, que será desenvolvida em moldes inéditos. Elementos dos órgãos directivos do sindicato estabelecerão contactos directos com os trabalhadores na rua e nos locais de trabalho, tendo em vista demonstrar-lhes as vantagens da sindicalização.

António Janeiro, presidente da direcção daquele sindicato, filiado na UGT, divulgou a iniciativa esta manhã, numa conferência de Imprensa que decorreu em pleno Rossio, tendo na altura suglinhado que não se trata de uma campanha «de um SITESE que procura desesperadamente sócios, já que é o maior sindicato do País, com 65 mil associados, mas sim de uma acção que visa acabar com a desmobilização sindical dos trabalhadores».

A campanha, que terá âmbito nacional e que irá demorar vários meses, vai iniciar-se na zona da Baixa lisboeta «onde existem cerca de 15 mil trabalhadores». E só nesta zona, serão gastos cerca de dois meses. Depois, a campanha estender-se-á para outras localidades do País.

António Janeiro afirmou que, «para além dos contactos com os trabalhadores nos seus locais de trabalho», serão montadas bancas em locais de passagem, onde se desenvolverão acções de esclarecimento».

Revisão da Constituição

Continuação da pág. 3

-PSD nem sequer davam ao PR a possibilidade de escolher alguns dos seus conselheiros (neste ponto, Salazar fora bastante pródigo). Ponderadas as coordenadas sociológicas de maior relevo para a função, sugerimos a seguinte composição do Conselho da República: Presidente da República, presidente da AR, Primeiro-Ministro, presidentes dos Supremos Tribunais (de Justiça, Administrativo e Militar), 4 deputados (1 de cada um dos 4 maiores partidos), 1 representante da maior central sindical e 3 cidadãos nomeados pelo PR.

Esta composição parece-nos equilibrada e reflecte as várias tendências que se encontram subjacentes à sociedade portuguesa do pós-25 de Abril. A introdução de um elemento das organizações sindicais, do CEMGFA, e a possibilidade do PR escolher três dos seus conselheiros fornece ao Conselho da República meios de análise profunda e extensa, indispensáveis à sua elevada função. A presente composição tem ainda a vantagem de ser mais económica e operacional do que a sugerida pelo dirigente do CDS (apenas 14 membros contra 19 da proposta da AD).

3. Há um ponto normalmente esquecido pelos tais jovens doutores, que agora tanto proclamam o primado do poder civil: é que o nosso sistema político é bipolar (a Aguia de duas cabeças, de Duverger). Não é só a Assembleia a fonte do poder: o presidente da República tem igual legitimidade. No que respeita às Forças Armadas, estas devem ser accionadas ou dirigidas pelos dois poderes legítimos, e não apenas por um. Quando se pretende retirar ao PR todo o poder sobre as FA esta-se a cometer um abuso. O Presidente da Republica em regime semi-presidencialista, como comandante-supremo das Forças Armadas, deve ter o direito de escolher o chefe do Estado-Maior-General das F.A. e de presidir ao **Conselho Superior das Forças Armadas** (ou de Defesa Nacional).

Este órgão, crêmo-lo absolutamente necessário, porque permitirá equilibrar os dois poderes, ao mesmo tempo que fornecerá as directivas superiores de Defesa Nacional, traçará as linhas fundamentais da estratégia e coordenará superiormente os três departamentos das Forças Armadas.

O Conselho Superior das Forças Armadas a constituir-se, seria o garante da independência e do apartidarismo das FA, condições indispensáveis para que estas possam cumprir cabalmente as suas importantes e patrióticas missões. Porque, em Portugal, a História fala claro: o maior perigo é o da subordinação das Forças Armadas a um único partido (ou coligação).

Apresentamos agora uma composição do Conselho Superior das Forças Armadas, que nos parece adequada à sua missão:

Presidente da República, Primeiro-Ministro, ministro da Defesa, chefes dos Estados-Maiores (General das Forças Armadas, Exército, Marinha e Força Aérea) e 4 representantes eleitos (2 do Exército, 1 da Marinha e 1 da Força Aérea). A eleição dos quatro membros das F.A. seria feita democraticamente, por um período de 4 anos, tendo direito a voto todos os oficiais e sargentos, incluindo os milicianos, e todas as praças com mais de um ano nas fileiras.

A criação de um órgão como o Conselho Superior das F.A., com as características apontadas, contribuiria para prestigiar as Forças Armadas e para manter viva a chama humanista e libertadora da Revolução de Abril.

✱ Coronel na Reserva
Licenciado em
C. Históricas e Filosóficas

Com ambiente de crise em pano de fundo

Eanes empossou Garcia dos Santos

O general Garcia dos Santos foi esta manhã empossado no cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército, pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, numa cerimónia que reuniu a grande maioria dos oficiais superiores da guarnição de Lisboa, e desmentiu as notícias postas a circular por alguns órgãos de Comunicação Social, segundo aos quais existiria grande contestação à decisão do general Ramalho Eanes.

Tratou-se de uma cerimónia revestida de inegável solenidade, «uma cerimónia normal», como nos referiu uma alta figura militar, mas que revelou «a maturidade das Forças Armadas para não se deixarem envolver em manipulações», comentaria outro oficial.

Eanes chegou a Santa Apolónia pouco antes das 10 e 30 onde lhe foi prestada guarda de honra pelo Batalhão de Comandos 12, ao qual o Presidente da República passou revista.

Na tribuna assistiram ao desfile da guarda de honra, além dos conselheiros da Revolução Marques Júnior, Vítor Alves, Vasco Lourenço, Franco Charais, Sousa e Castro e Pezarat Correia, os generais do Estado-Maior, o ministro da Defesa, Azevedo Coutinho, e Anacoreta Correia, secretário de Estado da Defesa.

Após a cerimónia militar na Avenida D. Henrique, junto à estação de Santa Apolónia, Ramalho Eanes dirigiu-se para o edifício do Estado-Maior do Exército, onde conferiu posse ao novo CEME.

O salão estava repleto. Muitos oficiais generais, entre eles Galvão de Figueiredo, Belchior Vieira, Salazar Borges, o brigadeiro Vergas Richa, o almirante Silva Horta, e muitos outros.

Ali se encontravam diversos outros membros do Conselho da Revolução cujos membros compareceram quase na totalidade à cerimónia.

Uma ausência notada foi a do general Duarte Silva que segundo alguns matutinos de hoje teria pedido para passar à reserva.

A reportagem do «DL» pôde confirmar que o ex-vice-chefe do Estado-Maior do Exército que, ao que parece estava indigitado para comandante-geral da GNR, havia efectivamente dirigido um requerimento ao general Pedro Cardoso que este todavia não deferiu.

De momento não se conhece com exactidão o verdadeiro significado da atitude do general Duarte Silva.

Uma nota a destacar foi a expectativa de todos os presentes tanto em relação ao discurso de Garcia dos Santos como ao do Presidente da República, ambos escutados com interesse.

Os dois discursos

«O Exército não é, não poderá ser, o suporte ou o instrumento de vontades e interesses restritos, de ambições e projectos que não obedeçam à expressão da vontade e dos interesses nacionais, democraticamente afirmados», afirmou esta manhã o general Ramalho Eanes, no acto de posse do general Garcia dos Santos como novo chefe do Estado-Maior do Exército.

Todo o discurso proferido pelo Presidente da República dependeu de uma ideia força – a aceitação pelas Forças Armadas da subordinação ao poder político democrático. Eanes demorou-se na análise da implicação das Forças Armadas no 28 de Maio, tendo referido que «as Forças Armadas foram utilizadas nos jogos do poder político, servindo a ambição de alguns militares e satisfazendo os objectivos de alguns políticos, a tudo dispostos para conquistar ou conservar as posições de poder». E assim conseguiram «criar as condições propícias para que se celebrasse a aliança fatal entre a ideologia formal militar, assente na defesa da unidade das Forças Armadas e a ideologia totalitária hostil ao pluralismo partidário».

O Presidente sublinhou também que «a ordem e a disciplina, valores fundamentais da instituição militar, não representam o desejo ou a tentação de mandar e de ser fonte real da decisão política», e que nelas reside «a oportunidade para a manipulação dos militares». Daí que «o comando do Exército exige a compreensão correcta da filosofia institucional e a aceitação consciente dos valores democráticos».

Referindo-se aos anos mais recentes, o Presidentes Eanes considerou-os globalmente positivos, para as Forças Armadas, mas não deixou de denunciar que «não foram poucas as ocasiões em que, de modo directo ou velado, foram feitos apelos a alguma forma de intervencionismo militar». No entanto, e na perspectiva do ainda CEMGFA, «as Forças Armadas portuguesas souberam respeitar as condições da sua integração na sociedade democrática e manter uma efectiva estabilidade interna».

Mais adiante o Presidente reafirmou que «qualquer forma de intervencionismo militar só pode conduzir a sociedade ao bloqueamento e às crises sucessivas ou à inevitabilidade dos caminhos autoritários que conduzem à ditadura».

Depois de anunciar as principais tarefas das Forças Armadas nos tempos mais próximos, Eanes falou da importância das chefias militares e revelou que decidira propor «na sede adequada, o princípio de que o cargo de chefe do Estado-Maior passará a ser desempenhado por um prazo de três anos prorrogáveis, se para tal houver razão bastante, por um único período de dois anos».

Antes de terminar, o Presidente fez o elogio do ex-CEME, general Pedro Cardoso e de Garcia dos Santos.

O novo chefe do Estado-Maior do Exército, que é ao mesmo tempo o mais jovem general português, referiu também a problemática da subordinação dos militares ao poder político, e debruçou-se também sobre a modernização do Exército e a sua gestão.

Afirmou também que «Caminhamos... para a criação de um aparelho militar democrático», formado por «militares democratas», que são aqueles que, inseridos no conjunto das Forças Armadas, se integram nesse conjunto, cumprindo as leis preparadas pelos legítimos representantes do Povo», para depois sublinhar que «o comportamento institucional do Exército foi correcto», Garcia dos Santos ressalvou, no entanto, que «sendo esta afirmação válida relativamente à instituição, já o não é quanto a alguns militares em particular que, não compreendendo o seu papel na sociedade democrática, tiveram acções políticas pessoais, de carácter mais ou menos público, lesivas, portanto, da neutralidade efectiva das Forças Armadas perante a discussão democrática e eleitoral da Nação».

Durante a sua visita a Portugal

Presidente Figueiredo inaugura em Lisboa serviço telefónico automático com o Brasil

O presidente brasileiro, João Baptista Figueiredo, inaugura em 2 de Fevereiro, durante a visita oficial a Portugal, o serviço telefónico automático entre Lisboa e o Brasil.

A ligação será feita às 10 e 45 no Palácio de Queluz e João Figueiredo terá como interlocutor, em Brasília, o ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país, Saraiva Guerreiro.

O Brasil é o segundo país do continente americano a receber comunicações telefónicas automáticas a partir de Lisboa.

O primeiro será os Estados Unidos da América com quem se estabelecerá, em 31 deste mês, tal tipo de ligação.

Cerca de 250 mil assinantes de Lisboa e de algumas localidades da linha de Cascais passam assim a ter acesso automático ao serviço telefónico intercontinental.

Relacionada também com a visita de João Figueiredo encontra-se patente nos serviços de filatelia dos CTT/TLP, desde ontem e até dia 4 de Fevereiro, uma exposição de selos brasileiros subordinada ao tema «História postal do Brasil».

O certame foi ontem inaugurado nas instalações dos referidos serviços, na Avenida Casal Ribeiro, pelo ministro dos Transportes e Comunicações de Portugal, Viana Baptista, que era acompanhado pelo secretário de Estado das Comunicações, Carlos Parreira.

No âmbito dos CTT/TLP a visita do Presidente da República do Brasil será também assinalada com a emissão de um carimbo comemorativo.

A visita de Figueiredo vista do Brasil

Os órgãos de comunicação social brasileiros têm dado largo destaque à visita de João de Figueiredo a Portugal.

Lembrando que em 1976 o ex-presidente Ernesto Geisel também veio a França mas não tocou em Lisboa, a Imprensa brasileira realça o significado político desta visita de João Figueiredo a Portugal. Os comentadores deixam contudo bem claro que os brasileiros não precisam de «intermediários» para as suas relações com África, que desde há muito, e com um realismo que Lisboa tem estado longe de revelar, têm vindo a ser intensificadas e com resultados bem palpáveis.

A prová-lo está a recente viagem do ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro à Tanzânia, Zâmbia, Moçambique, Zimbabwé e Angola, onde manteve contacto pessoal com as respectivas autoridades, ao mais alto nível. Saraiva Guerreiro considerou que todos os objectivos tinham sido alcançados e as expectativas ultrapassadas, falando de cooperação económica, comercial, técnica e cultural. O incondicional apoio à causa da Namíbia também não foi esquecido nessa viagem nem é esquecido nas relações do Brasil com África.

Apesar de tudo isto – lembram os mais avisados – as relações de Portugal com África, ainda que mais afectivas do que políticas, não serão naturalmente esquecidas nesta deslocação de João Figueiredo a Portugal. E neste contexto ganha naturalmente grande relevo a figura do Presidente Eanes.

Como curiosidade registe-se ainda que nos noticiários da informação brasileira tem sido muito ventilado o velho tema dos «laços culturais» entre as duas nações. A televisão, por exemplo, e a propósito, transmitiu na noite de ontem uma serenata de Coimbra, interpretada por estudantes daquela universidade, com capas negras e tudo... O comentador televisivo do «Jornal do Brasil», no entanto, foi adiantando, ao anunciar o referido programa, não acreditar que a «Grândola Vila Morena» fizesse parte do reportório.

Outro tema muito ventilado pela Imprensa brasileira, em tempo de visita do presidente Figueiredo a Portugal, é o da língua comum. A este respeito o «Jornal do Brasil» salienta que «compete a brasileiros, portugueses, angolanos, moçambicanos, guineenses, cabo-verdianos e são tomenses» avaliar» a sua importância para o destino dos nossos povos», concluindo: «Estaremos em todos os continentes, formaremos um bloco de 150 milhões de almas, seremos condóminos de uma civilização, representaremos uma força nova no concerto das nações».

O presidente do Brasil e sua esposa

Partido Socialista propõe

Comissão Mista dos Parlamentos de Espanha e Portugal

O Partido Socialista propoôs a criação de uma comissão mista de deputados portugueses e espanhóis destinada a debater problemas comuns aos dois países.

Destes problemas, a proposta do PS salienta os que se referem ao ordenamento do território, gestão da água e do meio ambiente e qualidade de vida, com especial incidência nas zonas fronteiriças.

Os deputados socialistas sugeriram que a Assembleia da República proponha às Cortes de Espanha a criação da referida comissão mista.

10% dos deputados no estrangeiro

Os presidentes do Parlamento e do CDS, os líderes parlamentares dos dois maiores partidos e mais 23 deputados estarão no estrangeiro nesta última semana de Janeiro.

Leonardo Ribeiro de Almeida deslocou-se à Colômbia, com um deputado da AD e outro da oposição, assistir a uma reunião do Parlamento latino-americano.

Antes do regresso a Lisboa, assiste em Palma de Maiorca com Freitas do Amaral e mais dois deputados do CDS, dois do PSD e dois do PPM, ao Congresso da UCD. Basílio Horta e Luís Fontoura, membros do Governo, estarão também na reunião da UCD.

Treze deputados, entre os quais Pedro Roseta e Salgado Zenha, líderes parlamentares do PSD e PS, participam em Estrasburgo na Assembleia de Parlamentares do Conselho da Europa.

Na mesma cidade reúnem-se também esta semana a Assembleia de Parlamentares da EFTA, de que fazem parte os portugueses Rui Amaral e Cabrito Neto (PSD), Manuel dos Santos (PS), Anacoreta Correia (CDS) e Sousa Marques (PCP).

Assim, mais de 10% dos deputados em funções estarão no estrangeiro na semana que hoje começou.

A Assembleia da República reúne-se terça, quinta e sexta-feira e de novo na segunda-feira, em sessão solene para receber o presidente João Figueiredo do Brasil.

Na quarta-feira reúnem-se as comissões parlamentares.

Entretanto, um grupo de deputados da AD está a concluir um projecto de lei de alteração do regimento do Parlamento, que será submetido às direcções dos grupos parlamentares do PSD, CDS e PPM antes de apresentado à assembleia.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL E AÇORES

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

DIA 29 DE JANEIRO DE 1981

LOCALIZAÇÃO DAS MESAS DE VOTO

Pela importância de que se revestem as eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato, resolveu a Mesa da Assembleia Geral pôr a funcionar 230 mesas de voto em toda a sua área, com vista a assegurar uma participação massiva dos associados.

A votação decorrerá entre as 9 horas e as 18.30 horas, tendo sido concedidas pelo MRA facilidades a todos os trabalhadores para exercício do direito a voto, durante o período de tempo necessário para o efeito.

Nos termos dos Estatutos é permitido o voto por correspondência, sendo no entanto só considerados válidos os votos com carimbo de CTT do dia 29 ou anteriores.

Enumeram-se a seguir as mesas de voto e sua distribuição. Contudo, para uma informação mais pormenorizada, nomeadamente no caso do distrito de Lisboa, deverão ser consultados os mapas que o Sindicato enviou para todos os locais de trabalho, e estão também à distribuição na Sede e Delegações.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1981

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

DISTRITO DE BEJA

Mesa n.º	Concelho ou localidade	Localização da mesa
001	Aljustrel	Centro de Saúde
002	Almodôvar	Escola Preparatória
003	Beja	Delegação do Sindicato
004	Beja	Hospital Distrital
005	Beja	Centro Regional Seg. Social
006	Castro Verde	Casa do Povo
007	Cuba	Hospital Concelhio
008	Ferreira do Alentejo	Serviço de Fomento Mineiro
009	Mértola	Casa do Povo
010	Moura	Casa do Povo
011	Odemira	Casa do Povo
012	Odemira	Viveiros Florestais
013	Odemira	Cent. Eléct. da Bugalheira
014	Ourique	Escoal Preparatória
015	Serpa	Casa do Povo
016	Vidigueira	Hospital Concelhio

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

Mesa n.º	Concelho ou localidade	Localização da mesa
017	Belmonte	Casa do Povo
018	Castelo Branco	Delegação do Sindicato
019	Castelo Branco	Hospital Distrital
020	Castelo Branco	Serviços Médico-Sociais
021	Castelo Branco	Museu Tav. Proença Júnior
022	Covilhã	Esc. Sec. Frei Heitor Pinto (Ex-liceu)
023	Covilhã	Hospital Distrital
024	Covilhã	Centro Reg. de Seg. Social
025	Covilhã	Lar de São José
026	Fundão	Escola Sec. Polivalente
027	Fundão	Hospital Concelhio
028	Fundão	Brigada Agron. Topográfica da Cova da Beira
029	Idanha-a-Nova	Casa do Povo
030	Sertã	Escola Secundária

DISTRITO DE EVORA

Mesa n.º	Concelho ou localidade	Localização da mesa
031	Arraiolos	Escola Secundária
032	Borba	Antiga Esc. Preparatória
033	Estremoz	Escola Secundária
034	Evora	Delegação do Sindicato
035	Evora	Hospital Distrital
036	Evora	Universidade de Evora
037	Montemor-o-Novo	Escola Secundária
038	Mora	Hospital Concelhio
039	Redondo	Hospital Concelhio
040	Reg. de Monsaraz	Escola Secundaria
041	Reg. de Monsaraz	Herdade da Revilheira
042	Vendas Novas	Hospital Concelhio
043	Vila Viçosa	Antigos Correios

DISTRITO DE FARO

Mesa n.º	Concelho ou localidade	Localização da mesa
044	Albufeira	Hospital Concelhio
045	Faro	Delegação do Sindicato
046	Faro	Hospital Distrital
047	Faro	Serv. Medico-Sociais (Sede)
048	Faro	Centro Reg. de Seg. Social
049	Lagos	Hospital Concelhio
050	Loulé	Hospital Concelhio
051	Olhão	Escola Secundária
052	Portimão	Sindicato dos Escritorios
053	Portimão	Hospital Distrital
054	S. Bras de Alportel	C. Recreativo 1.º Dezembro
055	S. Bras de Alportel	San. Carlos Vasc. Porto
056	Silves	Escola Preparatoria
057	Tavira	Escola Secundária
058	V. Real St.º António	Escola Secundária

DISTRITO DE PORTALEGRE

Mesa n.º	Concelho ou localidade	Localização da mesa
059	Alter do Chão	Escola Preparatoria
060	Alter do Chão	Coudelaria de Alter
061	Arronches	Casa do Povo
062	Avis	Escola Preparatoria
063	Castelo de Vide	Escola Preparatoria
064	Crato	Hospital Concelhio
065	Elvas	Escola Secundaria
066	Elvas	Est. de Melhoram. de Plantas
067	Fronteira	Escola Preparatoria
068	Gavião	Hospital Concelhio
069	Nisa	Hospital Concelhio
070	Ponte de Sor	Escola Secundaria
071	Portalegre	Delegação do Sindicato
072	Portalegre	Hospital Distrital
074	Portalegre	Centro Reg. de Seg. Social

DISTRITO DE SANTAREM

Mesa n.º	Localidade ou concelho	Localização da mesa
075	Abrantes	Escola Secundária n.º 1
076	Abrantes	Hospital Distrital
077	Alcanena	Escola Secundária
078	Almeirim	Escola Preparatoria
079	Benavente	Escola Preparatoria
080	Cartaxo	Junta Nacional dos Vinhos
081	Chamusca	Hospital
082	Coruche	SMS-Posto Clinico
083	Coruche	Posto Experimental do INIA
084	Entroncamento	Escola Preparatória
085	Rio Maior	Ex-Escola Comercial
086	Santarém	Delegação do Sindicato
087	Santarém	Est. Zootécnica Nacional
088	Santarém	Hospital Distrital
089	Santarém	Escola Preparatória
090	Santarém	Centro Reg. Seg. Social
091	Tomar	Escola Preparatória
092	Torres Novas	Escola Preparatória
093	Vila N. de Ourém	Escola Sec. Polivalente

DISTRITO DE SETUBAL

Mesa n.º	Concelho ou localidade	Localização da mesa
094	Alcácer do Sal	Casa do Povo
095	Alcácer do Sal	Associação de Reg. e Beneficiários do Vale do Sado
096	Almada	Serviços Médico-Sociais (Centro Policlínico)
097	Almada	Hospital Distrital
098	Almada	Serviços Médico-Sociais (Posto Clínico 15 052)
099	Almada	Portagem da Ponte 25 de Abril
100	Barreiro	Serviços Médicos-Sociais (Posto Clinico 15 004)
101	Barreiro	Hospital Distrital
102	Barreiro	Escola Secundária
103	Barreiro	Serviços Médico-Sociais (Posto Clinico 15 053)
104	Grândola	Escola Preparatória
105	Moita	Serviços Médico-Sociais (Posto Clinico 15 013)
106	Moita (Alhos V.)	Santa Casa da Misericórdia (Lar da 3.ª Idade)
107	Montijo	Sindicato das Carnes
108	Montijo (Cruz. de Pegões)	Parque de Material Agrícola
109	Montijo	Escola Secundária
110	Palmela	Serviços Médico-Sociais (Posto Clinico 15 017)
111	Santiago de Cacém	Serviços Médico-Sociais (Posto Clinico 15 032)
112	Santiago de Cacém	Hospital Concelhio
113	Santiago de Cacém	Gabinete da Area de Sines (Viveiros de Sancha)
114	Santiago de Cacém	Gabinete da Area de Sines (Herdade de Ortiga)
115	Seixal	Escola Preparatória de Amora
116	Seixal	Matadouro
117	Sesimbra	Escola Preparatória
118	Setúbal	Delegação do Sindicato
119	Setubal	Matadouro
120	Setubal	Hospital Distrital
121	Setubal	Serviço Médico-Sociais (Sede Distrital)
122	Setubal	Centro Reg. de Seg. Social
123	Sines	União dos Sindicatos
124	Sines	Gabinete da Area de Sines (Departamento do Porto)

REGIAO AUTONOMA DOS AÇORES

Mesa n.º	Ex-Distrito e Ilha	Localização da mesa
125	Faial/Horta	Delegação do Sindicato
126	Faial/Horta	Hospital Distrital
127	Terceira/Angra	Sind. Indústrias Transformadoras (Pátio do Inatel)
128	Terceira/Angra	Hospital Distrital
129	S. Miguel/P. Delgada	Delegação do Sindicato
130	S. Miguel/P. Delgada	Hospital Distrital

DISTRITO DE LISBOA (Excepto Concelho de Lisboa)

Mesa n.º	Concelho ou localidade	Localização da mesa
131	Alenquer	Centro de Saude
132	Alenquer	Escola Preparatoria
133	Amadora	Serviços Medico-Sociais (Posto Clinico 11 023)
134	Amadora (Venda Nova)	DG Serv. Veterinarios (Estação de Estudos e Reprod. Animal)
135	Amadora	Escola Secundaria
136	Amadora (Alfragide)	Instit. de Informatica do Minist. das Finanças e Plano
137	Arruda dos Vinhos	Centro de Saude
138	Azambuja	Escola Preparatoria
139	Azambuja	Cadeia Penit. (Alcoentre)
140	Cadaval	Hospital Concelhio
141	Cascais	Escola Secundaria
142	Cascais	Hospital Distrital
143	Cascais (Parede)	Sanat. Dr. Jose de Almeida
144	Cascais (Alcoitao)	Centro Medicina e Reabilitação
145	Cascais (Linho)	Cadeia C. de Lisboa (Linhó)
146	Loures (Sete Casas)	Junta Autonoma das Estradas
147	Loures	Serviços Medico-Sociais (Posto Clinico 11 049)
148	Loures (Odivelas)	Escola Preparatoria
149	Loures (Moscavide)	Serviço Medico-Sociais (Posto Clinico 11 021)
150	Loures (Sacavém)	Escola Primaria Prior Velho
151	Loures (Sacavem)	L.N.E.T.I.
152	Lourinhã	Hospital Concelhio
153	Mafra	Escola Preparatória
154	Oeiras	Escola Secundaria
155	Oeiras (Quinta do Marquês)	Estação Agronómica Nacional
156	Oeiras (Algés)	Esc. Preparat. Bartolomeu Dias
157	Oeiras (Caxias)	Instit. Padre Ant. Oliveira
158	Oeiras (C. Quebrada)	DGD-Centro de Estágio
159	Sintra	Esc. Preparat. D. Fernando II
160	Sintra	DGOGF-Parque da Pena
161	Sintra	Matadouro
162	Sintra (Cacem)	Esc. Secund. Ferreira Dias
163	Sintra (Queluz)	Escola Secundária
164	Sintra (Telhal)	Casa de Saude
165	Sob. de Monte Agraço	Escola Preparatoria
166	Torres Vedras	Escola Secundária n.º 1
167	Torres Vedras (Dois Portos)	INIA-CNEV
168	Torres Vedras	Hospital Distrital
169	Torres Vedras (Barro)	Sanatório do Barro
170	V. F. de Xira	União dos Sindicatos
171	V. F. de Xira	Matadouro
172	V. F. de Xira	Hospital Distrital
173	V. F. de Xira (Alhandra)	Serviços Médico-Sociais (Posto Clínico 11 029)
174	V. F. de Xira (Alverca)	Escola Preparatória
175	V. F. de Xira (Cast. do Ribatejo)	Junta Nac. das Frutas
176	V. F. de Xira	Associação Pop. Apoio à Criança
177	V. F. de Xira (Vialonga)	Hospital Concelhio

CONCELHO DE LISBOA

Mesa n.º	Zona	Localização da Mesa
178	Alameda-1	Caixa de Previdência do Comércio (Alameda Afonso Henriques, 82)
179	Alameda-2	Posto Clínico n.º 11006-Radiologia (R. Carvalho Araújo, 103)
180	Alcântara	INIA-Serviços Centrais (R. das Janelas Verdes, 92)
181	Algés	INIP—(Algés Praia)
182	Alvalade	Dir.-Geral das Constr. Escolares (Praça de Alvalade)
183	Amoreiras	Edifício do Ministério da Indústria e Energia (Av. Conselheiro Fernando de Sousa)
184	Aeroporto	Inst. Nac. de Meteorologia e Geofísica (Arruamento C. do Aeroporto)
185	Areeiro	Caixa de Previdência da Indústria (Av. Afonso Costa, lote 2)
186	Artilharia Um	Caixa de Previdência da CUF (R. Francisco Manuel de Melo, 3)
187	Av. República	Caixa de Doenças Profissionais (Av. da República,25)
188	Av. 24 de Julho-1	Direcção Geral do Ensino Básico (Edifício do MEC, n.º 104)
189	Av. 24 de Julho-2	Posto Clínico n.º 11210 (Central CUF) (Av. 24 de Julho 120)
190	Benfica	Posto Clínico n.º 11025 (Rua dr. José Baptista de Sousa)
191	Cais do Sodré	Caixa de Prev. da Marinha Mercante (R. da Boavista, 81-3.º)
192	Campo de Santana	Hospital dos Capuchos (Al. St.º António dos Capuchos, 7)
193	Chiado	Santa Casa da Misericórdia (Largo Trindade Coelho)
194	Cidade Universitária	Reitoria da Universidade Clássica (Al. Cidade Universitária)
195	Chile	Hospital de Arroios (Rua Quirino da Ponseca)
196	Conde Redondo-1	Caixa dos Empregados da Assistência (R. Gonçalves Crespo, 21-A)
197	Conde Redondo-2	Caixa dos Empregados da Assistência (R. Sousa Martins, 20)
198	Entre Campos-1	Caixa Nac. de Pensões (Refeitório) (Av. da República, 78)
203	Entre Campos-2	Caixa Nac. de Pensões (Refeitório)
199	A.E.U.A.-1	Serv. Médico-Sociais (Serv. Centrais) (Av. E.U.A., 77)
200	A.E.U.A.-2	Caixa de Previdência dos Serviços (Av. E.U.A., 39)
201	Praça do Comércio	Ministério das Finanças e do Plano (Claustros)
202	5 de Outubro	Serviços Centrais do MEC (Av. 5 de Outubro, 107)
204	Estefânia	Hospital D. Estefânia (Rua Joaquim Bonifácio)
205	Estrela	Caixa de Prev. Trab. Porto de Lisboa (Rua Buenos Aires, 15)
206	Fac. Ciências	Faculdade de Ciências (Rua da Escola Politécnica)
207	Graça	Voz do Operario (Rua Voz do Operário)
208	Hospital S. Maria	Hospital de Santa Maria (Rua Professor Egas Moniz)
209	Junqueira-1	Hospital Egas Moniz (Rua da Junqueira)
210	Junqueira-2	Caixa dos Migrantes (Rua da Junqueira, 112)
211	L.N.E.C.	Laboratorio Nac. de Engenharia Civil (Av. do Brasil)
212	Lumiar-1	Hospital Pulido Valente (Alameda Linhas de Torres)
213	Lumiar-2	Posto Clinico 11066 (Lumiar) (Al. Linhas de Torres, 243)
214	Marvila	Posto Clinico 11064 (Rua Dr. Estêvão de Vasconcelos, 52)
215	Martim Moniz	Hospital de S. José (R. José António Serrano)
216	Moscavide	Matadouro de Lisboa (R. Conselheiro Ferreira Amaral)
217	Olivais	Universidade Nova de Lisboa (Seminário dos Olivais)
218	Praça de Espanha	Instituto Português de Oncologia
219	Palácio da Ajuda	Palácio Nacional da Ajuda
220	Palácio Necessidades	Palácio das Necessidades
221	Praça de Londres	Edifício do Ministério Trabalho
73	Picoas	Maternidade Alfredo Costa
222	Restauradores	Sec. de Estado da Comunicação Social (Palácio Foz)
223	S. Sebastião	Posto Clínico 11001 (Radiologia) (Av. Ressano Garcia, 2)
224	S. Bento	Departamento Central do Planeamento (Av. D. Carlos I)
225	Tapada da Ajuda	Instituto Superior Agronomia
226	Xabregas	Dir. Serviços de Formação Profissional (Rua de Xabregas, 56)
227	Sete Rios	Palácio das Laranjeiras (Est. das Laranjeiras)
228	Visconde Valmor	Caixa dos Ferroviários (Av. Visconde Valmor, 48)
229	Marquês	Nova Sede do Sindicato (R. de Santa Marta, 47 r/c)
230	Conflitos	Sede do Sindicato (Rua Rodrigues Sampaio, 138-3.º)

VOTA! PARTICIPA NA VIDA DO TEU SINDICATO!

Em reunião do C. de Ministros

"Roda" dos governadores é já na quinta-feira

● Governador civil do Porto vai "saltar"?

PORTO, 27 – Admite-se nos meios políticos portuenses que o coronel Rocha Pinto, governador civil deste distrito, venha a ser um dos que irão «saltar» em consequência dos «reajustamentos» que o ministro da Administração Interna está a planear.

Recorda-se que aquando da nomeação do coronel Rocha Pinto, em Fevereiro do ano passado, gerou-se alguma polémica entre os quadros do CDS e PSD.

Hoje, como então, os principais dirigentes sociais-democratas do distrito empenham-se pela sua substituição. Por outro lado, no seio do CDS não se nota qualquer esforço na defesa do seu «independente».

De qualquer forma, só na próxima reunião quinta-feira é que o Conselho de Ministros se irá debruçar sobre as alterações previstas, conforme afirmou ontem à Imprensa o ministro da Administração Interna. O dr. Fernando do Amaral falava no final de uma reunião com os governadores civis da região norte, durante a qual, segundo o ministro, lhes foi dada a conhecer «a preocupação do governo de promover todo o processo de reforço do poder local, passando pela regionalização».

Respondendo concretamente a questões postas pelo «DL», Fernando Amaral disse que ainda não estão definidos pelo Governo os critérios que presidirão às mudanças dos governadores civis. Todavia, acrescentou, um deles depende da expressão dos partidos constantes da formação do Governo.

A propósito do projecto SIR (Serviço de Informação da República) que tem gerado muita controvérsia, o ministro disse que não tenciona ressuscitá-lo se acaso ele vier à sua mão. Outra questão colocada pelo «DL» diz respeito ao problema da câmara de Valpaços onde as ilegalidades são mais que «mosquitos»... Pois sobre este assunto o ministro soube apenas dizer que tem conhecimento dos inquéritos que foram mandados fazer e da existência de processos no tribunal da respectiva comarca.

Relativamente aos trabalhos da comissão de coordenação da Região Norte, Fernando do Amaral deu conta da sua satisfação com o que está planificado. «O plano é vasto, grandioso, mas... fiquei com a certeza de que será cumprido» – sublinhou.

Reunião amanhã com A. Capucho e Rui Oliveira

Entretanto, Fernando Amaral reune amanhã, em Lisboa, com António Capucho e Rui Oliveira, respectivamente secretários-gerais do PSD e do CDS, para tratar da designação de governadores civis para Aveiro, Beja e Bragança. Os actuais titulares do cargo pediram a sua demissão por razões de ordem profissional.

Concurso será aberto em Fevereiro

Lisboa vai ter novos murais

Gomes de Pinho, vereador responsável pelo sector da cultura da Câmara Municipal de Lisboa, anunciou ontem, no decorrer da sessão pública da vereação, que deverá ser aberto já no próximo mês o concurso para a execução de pinturas murais na cidade.

Célebre já em toda a Europa pelos seus famosos murais, criados no âmbito da propaganda política permitida com o 25 de Abril, Lisboa terá, assim, novas pinturas, enquanto que das existentes serão recuperadas – frisou o vereador – as consideradas de valor.

Para o efeito, serão seleccionados artistas por sugestão de um grupo de trabalho que irá estudar ainda a recuperação da Feira da Ladra. O grupo tentará «criar condições para que a feira regresse às suas funções iniciais e acabe com a degradação» – sublinhou Gomes de Pinho.

Favores de Abecasis

Outra questão levantada na sessão diz respeito ao despacho do presidente Krus Abecasis que autoriza técnicos da CML a desenvolverem em conjunto com a Sociedade Portuguesa de Obras de Construção (SPOC) uma solução a que concretizar-se levará à destruição de um edifício onde funcionou a sede de candidatura de Soares Carneiro.

Segundo frisou Silva Graça, vereador da APU, que abordou o caso, a «operação SPOC» aparece como favor concedido por Abecasis à empresa pela cedência do edifício. O projecto final, passaria pela construção de novo prédio numa zona «a preservar a todo o custo».

O presidente da câmara disse, a propósito, ignorar o ofício que o Instituto de Protecção ao Património Cultural remeteu acerca do caso à edilidade.

Outro problema – abordado por Cunha Serra (APU) foi o da falta de farmácias à noite, na cidade. Seguro Dias (CDS), responsável pelos abastecimentos remeteu a questão para o Governo, de aumentar o número de farmácias abertas e informou que se isso não acontecer a própria câmara terá uma sua farmácia aberta diariamente após as 22 horas.

Foram anunciadas ainda as comemorações do 750.º aniversário da morte de St.º António e foi guardado um minuto de silêncio pela morte de Dias Amado. A criação de uma rua com o seu nome e outra alusiva ao pintor Cipriano Dourado foram ainda propostas e vão ser discutidas na próxima sessão.

Aprovada na AM com abstenções AD

Moção de censura à Câmara do Porto

PORTO, 27 – A Assembleia Municipal do Porto aprovou, na sua reunião plenária de ontem à noite, uma moção de censura ao executivo camarário. Apenas dois elementos da AD votaram contra e os restantes abstiveram-se. A moção apresentada, da autoria do PS, obteve os votos favoráveis daquele partido, da APU e da UDP e votos contra do PSD (2) e abstenções dos restantes membros do PSD, CDS e PPM, num total de 21 votos.

Da ordem de trabalhos da reunião constava, no seu primeiro ponto, a «análise e deliberação sobre a situação criada pela não apresentação à AM do plano de actividades e orçamento referentes ao ano de 1981 dentro do respectivo prazo legal». Foi, na sequência deste debate que foi apresentada a moção de censura.

Nos seus considerandos, a moção de censura afirma que «o Executivo AD, força política maioritária no Município do Porto, vem dando mostras de absoluta incompetência e inoperância».

Acrescenta que «o não envio a esta assembleia do plano de actividade e do orçamento para 1981, que afecta a possibilidade de resolução dos graves problemas da cidade, é prova cabal desta incompetência».

O CDS, na sua declaração de voto, fundamenta a abstenção da totalidade dos seus deputados, dizendo que «a lei é para se cumprir, sendo sempre imputável a responsabilidade a quem segue o caminho da ilegalidade».

Referindo-se à violação, pelo executivo camarário, no disposto no n.º 2 do Artigo 44.º da Lei 79/77 (a falta do plano de actividades e orçamento para 1981), o CDS afirma a sua «recusa total em solidarizar-se com o sacrifício da lei».

O CDS acrescenta, na sua declaração de voto, «dever deixar uma palavra de simpatia relativamente a destacados e zelosos membros da maioria AD, que no executivo camarário são vítimas da crise da sua presidência».

Que mais poderá acontecer na Câmara de Valpaços?

Represálias, ilegalidades e pressões denunciadas ao MAI Primeiro-Ministro e PR

VALPAÇOS, 27 – Enquanto a morosidade da máquina administrativa e judicial dá a impressão de que os processos instaurados contra a Câmara Municipal de Valpaços não avançam, o seu presidente, Sobrinho Morais é agora acusado de exercer represálias e provocações durante as reuniões do executivo.

A acusação é feita pelo próprio secretario da Câmara em telegramas enviados a várias entidades oficiais, depois do que se passou no último sábado. Regista-se que, no dia anterior, a Comissão de Fiscalização da Inspecção de Finanças havia acabado a peritagem às contas da Câmara, facto que, aliás, é sublinhado no telegrama, como também a circunstância de o secretário estar com pena suspensa.

O telegrama diz expressamente que o presidente da Câmara exerce sobre o signatário «pressões, represálias e provocações de toda a ordem, no sentido de que (este) possa reagir a fim de ser punido». Raul Trindade conta: «secretariando a reunião de 24 do corrente fui obrigado a sair da mesma, vítima de forte tensão nervosa. Fui encontrado moribundo na rua, transportaram-me ao médico encontro-me doente».

Acrescenta que a maioria dos funcionários estão solidários com ele e que os substitutos se recusam a secretariar as reuniões do executivo com este presidente e alguns elementos do mesmo. O secretário afirma também no telegrama que o presidente e alguns vereadores da «AD» só permitem informações suas após as deliberações do executivo no sentido de que estas sejam tomadas sem obstáculos.

Mais: «inúmeras ilegalidades foram cometidas sem que me fosse permitido chamar a atenção do executivo. Quando tento fazê-lo sou impedido de falar. Quando a informação do signatário consta da acta e não convém, não é assinada. Factos agravados após saída da inspecção de finanças, dia 23 do corrente».

Os telegramas foram enviados ontem ao ministro da Administração Interna e à inspecção-geral daquele Ministério. Hoje seguem cópias dos mesmos para o Presidente da República, Primeiro-Ministro e governador civil de Vila Real.

Recorda-se que continua sem juiz a comarca de Valpaços onde neste momento se encontram dois processos-crime contra o presidente da Câmara. O último processo foi levantado pela Inspecção de Finanças e diz respeito a burlas de que foram vítimas alguns industriais.

Beja vai construir novo edifício dos Correios

O estudo do edifício dos correios de Beja, em colaboração com os CTT, é um dos trabalhos a realizar pela secção de planeamento da câmara municipal da capital do Baixo Alentejo, no primeiro trimestre do ano.

De acordo com uma decisão tomada na última reunião camarária, a secção de planeamento vai também efectuar naquele periodo, o programa de renovação urbana, o arranjo paisagístico do Terreiro das Peças e o projecto de trinta fogos para o bairro da Esperança, em Beja.

PART-TIME — 7 DIAS — 5000$00

Firma necessita de algumas pessoas com o equivalente ao antigo curso geral. Compareça na Av. António Augusto Aguiar n.º 3-1.º Letra D, (Metro Parque), às 12 ou 15 horas de amanhã.

PUB.

SINDICATO

DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6-3.º LISBOA — Tel. 41 751

COMUNICADO

SERVIÇO DE URGÊNCIA (BANCO) DOS HOSPITAIS CIVIS LISBOA

— À cerca de 18 meses que a forma desumana como são tratados os doentes que recorrem àqueles Serviços se tem vindo a agravar. As infra-estruturas do Banco do Hospital de S. José com o afluxo cada vez maior de doentes faz com que este se encontre a rebentar pelas costuras.

— As condições de trabalho para os trabalhadores que lá desempenham as suas funções e por consequência as condições em que os doentes são recebidos, atendidos e tratados chegaram ao limite do caótico, desde o tratar doentes no chão até ao falecimento de doentes por falta de assistência adequada, tudo é possível observar nestas estruturas infra-humanas.

— É do conhecimento público que em quaisquer locais onde se tratem doentes em situação de Urgência e não só, os ENFERMEIROS, estão naturalmente da primeira à última linha desse atendimento. São habitualmente os enfermeiros quem mais ouve as justas razões dos que «sofrem» e dos seus familiares, e, são-no também (salvo raras excepções) quem melhor ou pior resolve as situações de conflito existentes. É esta classe que todos muito bem conhecem que habitualmente é a ultima a ser ouvida por quem de direito tem para solucionar os problemas.

— No dia 19 do corrente os enfermeiros do Banco do Hospital de S. José disseram «BASTA» e tomaram uma actitude DIGNA ao recusarem continuar a trabalhar naquelas condições sem que a Comissão Coordenadora dos H.C.L. resolvesse no mais curto espaço de tempo (garantia essencial para recomeço do trabalho normal), pois de contrário limitar-se-iam a atender as situações pontuais de Urgência.

— **CONTRARIAMENTE AO DIVULGADO POR ALGUMA IMPRENSA, (por ex. Diario de Noticias) OS ENFERMEIROS NAO ESTAO EM GREVE. Todas as situaçoes foram e são de facto atendidas.**

— A situação do Serviço de Urgência dos H.C.L. mas infelizmente típica no nosso País, muitos outros Bancos tem naturalmente as mesmas situações e condições de trabalho.

— Enquanto não tivermos um Governo que cumpra o preconizado na Constituição da República e as Leis votadas na Assembleia da República, Serviço Nacional de Saúde nunca será melhorado nesse nem nos restantes serviços de atendimento dos nossos Hospitais. A gravidade da doença que estes sofrem não se compadece com «mezinhas». Cumpra-se a Constituição e a Lei do S.N.S. que a melhoria dos Serviços será rapidamente sentida, por todos aqueles que lá trabalham e a todos que a eles recorrem.

— NAO SERA A «MEDICINA CONVENCIONADA» QUE RESOLVERA OS PROBLEMAS DA SAUDE.

— SERA APROVEITANDO AS ESTRUTURAS EXISTENTES (em especial ao nivel da província) E UMA POLITICA CORRECTA DE INTEGRAÇAO DE SERVIÇOS E DO SEU APROVEITAMENTO RACIONAL QUE RESOLVERA MUITOS DOS PROBLEMAS EXISTENTES.

— O Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul reafirma o seu apoio à actitude assumida pelos colegas, que no Banco de S. José lutam por melhores condições de atendimento de doentes, de trabalho e de dignificação da classe e apelam a todos os trabalhadores de saúde em geral e aos enfermeiros em particular para que situações como esta sejam pronta e correctamente denunciadas.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1981

A DIRECÇAO

de ontem para hoje

Aconteceu no Barreiro: carro enfiou-se em "cratera"

É o fim do Mundo» – deve ter pensado aquele automobilista do Barreiro quando ele e o seu carro, calmamente parados num sinal vermelho, começaram a entrar pela terra adentro.

A cena passou-se às duas horas da madrugada numa rua do Barreiro. António Fresco Pereira aguardava tranquilamente que o semáforo ficasse verde quando subitamente rebentou uma conduta de água que passava exactamente no sítio onde se encontrava.

Conforme o próprio explicou à Câmara Municipal do Barreiro, o pavimento ruiu fragorosamente abrindo uma cratera com três metros de comprimento, dois metros de largura e 1,40 de altura e o condutor só conseguiu libertar-se do «caixão flutuante» saindo por uma das janelas.

A viatura só foi porém retirada da cratera duas horas depois graças à intervenção dos bombeiros.

Como dizia hoje o «Jornal do Barreiro» a propósito deste caso «o insólito... acontece».

Para António Fresco Pereira a batalha, agora, é saber quem irá pagar as despesas do «insólito». O caso já foi exposto ao município, que numa das suas últimas reuniões pediu aos respectivos serviços municipalizados para elaborarem uma informação detalhada sobre o acidente.

Feira do Queijo da Guarda

O Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) promove em 22 de Fevereiro, na Guarda, uma feira-concurso do queijo da serra.

A iniciativa tem o apoio das entidades municipais e visa promover a qualidade do produto – uma das principais fontes económicas da região – e a venda directa do produtor ao consumidor.

Idêntica realização vai ter lugar em 28 de Fevereiro em Celorico da Beira, considerada como o principal mercado português do queijo.

Zona arqueológica de Caminha

Uma equipa de técnicos da Direcção-Geral de Planeamento e Urbanismo desloca-se a Caminha nos próximos dias, para efectuar um levantamento à zona arqueológica ali existente.

Segundo o presidente da edilidade caminhense, Pita Guerreiro, o levantamento da zona arqueológica de Caminha já devia ter sido feito «há muito tempo». Foram necessárias «muitas diligências para que tal venha a acontecer» – acrescentou.

Ainda no âmbito das necessidades do concelho, foi solicitada à mesma Direcção-Geral, o levantamento aerofotogramétrico da zona costeira de Caminha – revelou Pita Guerreiro.

Universidade do Minho

As novas instalações para a sede da Universidade de Arqueologia e do Campo Arqueológico da Universidade do Minho foram inauguradas segunda-feira.

Ao acto inaugural esteve presente o presidente do Instituto Português do Património Cultural, Natália Correia Guedes, e o antigo reitor da Universidade do Minho, Lloyd Braga.

João de Ruão

A edição dum livro e a projecção dum filme sobre a vida e a actividade do escultor renascentista João de Ruão assinalam quarta-feira as comemorações do seu centenário no Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra.

Nesse dia, que marca o regresso de duas esculturas suas ao retábulo da Capela do Tesoureiro, haverá uma visita guiada às peças da sua autoria existentes no museu.

Preços da fruta esta semana

De acordo com a Secretaria de Estado do Comércio, são os seguintes os preços dos legumes e frutas, vendidos nos postos regularizadores da Junta Nacional das Frutas, esta semana:

Bananas – 68 esc., laranja Baía – 15 esc., limões – 14 esc., maçã golden – 13 esc., maçã raineta – 24 esc., maçã starking – 18$50, pêra – 16 esc., tângera – 15$50, abóbora – 8 esc., agriões – 26 esc., alfaces – 43 esc., alhos – 80 esc., batata – 10$50, batata doce – 18 esc., cebolas – 13$50, cenouras – 18 esc., couve flor – 31 esc., couve lombarda – 24 esc., couve portuguesa – 18 esc., grelos – 15 esc., nabiças – 13 esc., nabos – 16 esc., feijão branco fidalgo – 69 esc., feijão catarino – 74 esc., feijão frade – 61 esc., feijão manteiga – 69 esc., grão de bico – 49 esc. e miolo de amêndoa inteiro – 300 escudos.

Mais autocarros para a a Portela

Duas novas carreiras de autocarro de ligação entre a Portela de Sacavém e o centro da cidade, serão inauguradas no próximo dia 1. A carreira expresso 83 parte do Cais do Sodré e a 25-A, da Praça do Comércio.

Regadas voltou à PJ

Júlio Regadas voltou à Directoria do Porto da Polícia Judiciária, depois de ter sido absolvido pelo Tribunal de Cascais da acusação de encobrimento num caso de contrabando de automóveis. Regadas é acusado de envolvimento na rede bombista, cujo julgamento começa no próximo dia 2.

A Caritas e os sismos

A Caritas diocesana de Beja conseguiu cerca de 360 mil escudos na campanha a favor das vítimas dos sismos ocorridos no final do ano passado em Itália.

Aquela iniciativa, denominada «Campanha Itália», foi lançada com base numa nota pastoral do Bispo de Beja, D. Manuel Falcão.

Alentejo no centro da seca — 2

...Não tem água senão a que vem do céu (?)

As cidades vão ter sérias dificuldades

Uma carreta estrada acima, entrando em S. Bartolomeu do Outeiro, a poucos quilómetros de Portel, é bem um sinal dos tempos. Transporta água numa barrica de madeira. Também os bombeiros por ali passam, frequentemente, nessa tarefa já rotineira, quando um furo artesiano não tem aproveitamento.

Não menos clara e significativa é a venda que, em Aljustrel, se faz de produtos hortícolas, à porta do mercado local. O veículo que os levou até ali tem uma tabuleta com a sua origem: S. Bartolomeu de Messines. E que couves, nabos, verduras em geral, vão escasseando, quando aparecem são sempre mais caros e de qualidade em decrescendo.

E assim que o mal alastra dos campos às cidades alentejanas, passando pelas aldeias e lugarejos. É a dificuldade cada vez maior em obter esses géneros, a certeza de que ela aumentará se se mantiver o tempo seco e a inevitabilidade de abrir sempre, e sempre mais, os cordões à bolsa, que estas coisas andam todas ligadas.

Aliás, o panorama quanto ao abastecimento de água durante o próximo Verão (os problemas maiores deverão surgir nessa altura), começa já a tornar-se muito claro em todo o Alentejo (certamente em todo o País). Évora, por exemplo, tem garantias até ao começo do Verão, a partir do Divor, e, ir mais além no tempo, implicaria chuva suficiente para dar um mínimo de «vida» à nova barragem do Degebe, em que a edilidade local aposta para resolver futuras situações similares.

Portalegre, por seu turno, já não tem ilusões. De quando em quando, se há pontas nos consumos industriais ou nas regas muitos se esmeram, corta-se de noite, tanto tempo quanto o necessário para restabelecer níveis nos reservatórios. Aqui como em muitos outros locais, bebe-se de furos, os caudais nem sempre são os mais fortes e depois ressentem-se desta secura que por aí vai.

Então, as máquinas frequentemente já tão velhas como os problemas, começam a cansar-se, há uma que cede, menos água entra nos reservatórios. Isso, passa-se, por exemplo, agora. As negociações com os alemães para comprar maquinaria mais moderna, de maior potência: «é tudo tão demorado – dizem-nos por lá.

Mas em Beja também já as máquinas sossobram ao ritmo exagerado. Por isso, papelinhos estratégicos, até na montra do «Turismo» pedem: «Gaste menos água, por favor.» E os juros, que são sempre mais, também não mantêm a juventude. Aposta-se em máquinas, reparações. Sabe-se, depois de tudo, que o futuro passa por uma barragem, a do Roxo, cujo padrão afinal também não foi preparado, de início, para a água que lhe deram. Daí que esteja aberto, homens e máquinas operando lá em baixo, ao nível das águas mínimas.

Males e desinteresse que vêm de longe

No fundo, estas dificuldades estão relacionadas com o desinteresse, com os males, que durante décadas se fizeram sentir e que só agora, leia-se a partir de 1974, começaram a entrar no campo das soluções. Quanto à agricultura, as críticas também estão aí, exige-se já no Alentejo que os problemas sejam encarados, que haja subsídios.

(Um parêntesis para duas notas: 1 – os agrários estarão com tantas dificuldades que, dizem-nos, há pouco, em Moura, um deles apelava à actuação conjunta com «os homens da Reforma Agrária» para fazer pressões junto do Governo. «Querem dinheiro» – comentava-nos um homem da R.A. 2 – o Secretariado das UCP's de Beja, contradizendo o MAP: «é demagogia o que o ministro disse na televisão. Como podemos substituir as sementeiras que não nasceram se não temos as terras arranjadas e não parece que haja água para tanto?»).

Retomando a questão do abastecimento de água: no caso das três cidades alentejanas, os problemas já são muito antigos, nunca tendo sido encarados em termos de futuro, contando com crescimentos industriais e populacionais e, aqui, com evoluções positivas no consumo por habitante.

Agora, os municípios são solicitados a resolver tudo isso, a prazo sempre curto, confrontados desde logo com a falta de vontade política de executivos que não parecem minimamente interessados em cumprir a Lei das Finanças Locais. (No passado, Évora ficou sem o dinheiro necessário para todas as obras de abastecimento de água). E que, para fazer as obras, é preciso dinheiro e as câmaras terão de ir buscá-lo a qualquer lado. No caso, com frequência se recorre ao crédito.

E o crédito relaciona-se com outros problemas: ainda que bonificado, implicará encargos, aumento no custo da água, o que ainda é agravado pela necessidade de ir buscá-la mais longe, de satisfazer exigências técnicas, de ultrapassar os problemas que afinal são originados pela construção clandestina.

Esta é uma situação que se faz sentir em Évora, por exemplo. Mas Beja não lhe é indiferente. No primeiro caso, a barragem do Degebe deverá (ou deveria) começar o enchimento já em Fevereiro. No segundo, decorrem as obras tanto de condutas como de reparação no Roxo.

Portalegre, por seu turno, vira-se também para uma barragem, a da Apertadura, que, como é usual, deverá simultaneamente dar água para regadios. Contudo, o processo está agora em andamento e é de desejar, antes de tudo, que as condições climatéricas vão minorando as dificuldades naquela cidade.

Para se ter uma ideia de como têm sido encarados, ao longo do tempo, os problemas nas três cidades, de acordo com uma política de tapa buracos, veja-se que tudo em matéria de soluções foi de horizontes curtos. A um furo que se vai esgotando responde-se com um outro. A uma necessidade que surge, um outro mais.

Em Évora, há cerca de 15 anos, o milagre chamava-se Divor. Só que as condutas montadas até à cidade já não bastam, hoje, para consumos que cresceram verticalmente. Por isso, mesmo que a barragem tivesse capacidade para mais, e não é o caso, as condutas teriam de ser substituídas, reforçadas, ou lá o que fosse.

Beja, por sua vez, já vai em vinte furos. Durante anos discutiu-se o Roxo, questões como se as condutas poderiam atravessar uma velha mina, a de Juliana, sem contaminação pelo arsénico. Concluiu-se pela negativa, quando os consumos anuais já ultrapassam o milhão e meio de metros cúbicos. E avolumam-se as dúvidas, porque nunca se sabe quando aparece o fundo do poço.

Portalegre também andou alegre e pouco segura. Foi aos «Olhos d'Água» – Lisboa também passou pelos seus, Redol cantou-os –, passou pela serra de S. Mamede. Num caso utilizou a bombagem, noutro muito naturalmente deu a mão à gravidade. E os problemas continuaram, até que agora a solução se chama Apertadura.

Rogério Vidigal

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AGUA E SANEAMENTO

SERVIÇOS TÉCNICOS

CONCURSO PUBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA «REDES DE DISTRIBUIÇÃO DEPENDENTES DO RESERVATÓRIO DE BRIELAS»

ANUNCIO

Faz-se público que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida, sendo de trinta dias o prazo para apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário da República.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas do primeiro dia útil que se seguir ao prazo de trinta dias fixado neste anúncio, na Secretaria dos Serviços Municipalizados de Almada.

O respectivo caderno de encargos encontra-se patente ao público na Secretaria dos Serviços Técnicos dos Serviços Municipalizados.

A base de licitação é de 37.000.000$00.

O depósito provisório, que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais é de 925.000$00 e o definitivo de 5% sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem ser titulares do alvará de empreiteiros de obras públicas da 3.ª subcategoria da Categoria V e da classe correspondente ao valor da proposta apresentada.

Publique-se.

Almada, 14 de Janeiro de 1981

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO,
Carlos de Sousa

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AGUA E SANEAMENTO

SERVIÇOS TÉCNICOS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA «RESERVATÓRIO DO LAZARIM»

ANUNCIO

Faz-se público que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida, sendo de trinta dias o prazo para apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário da República.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas do primeiro dia útil que se seguir ao prazo de trinta dias fixado neste anúncio, na Secretaria dos Serviços Municipalizados de Almada.

O respectivo caderno de encargos encontra-se patente ao público na Secretaria dos Serviços Técnicos dos Serviços Municipalizados de Almada.

A base de licitação é de 18.480.000$00.

O depósito provisório, que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais, é de 462.000$00 e o definitivo de 5% sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes deverão ser titulares do alvará de empreiteiros de obras públicas da 3.ª subcategoria das Categorias I e V e da classe correspondente ao valor da proposta apresentada.

Publique-se.

Almada, 15 de Janeiro de 1981

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO,
Carlos de Sousa

Continente-Regiões, via aérea

Ministério dos Transportes justifica aumentos nas tarifas

A correcção das tarifas aéreas entre o Continente e as Regiões Autónomas teve em conta a evolução dos custos gerais que pesam negativamente na gestão da TAP e as consequências da insularidade para essas populações – afirmou ontem em comunicado o Ministério dos Transportes e Comunicações. Para o MTC, apesar dos aumentos tarifários de 17 de Janeiro, as tarifas continuam muito abaixo dos valores praticados nas carreiras aéreas internas de diferentes países. O MTC divulga números.

Assim, uma viagem Lisboa-Funchal, tarifa turística custa 9,3 escudos milha, tarifa excursionista 6,1, e residentes na Madeira pagam na base dos 4,92 cada milha. Em relação aos Açores, Lisboa-Ponta Delgada é tarifado a 9,35 escudos a milha (corrente), 6,1 (excursionista) e 4,86 residentes.

Enquanto isto, eis algumas tabelas praticadas noutros países: divulgados pelo MTC.

– Em Inglaterra, Londres-Edimburgo, 16,14 escudos a milha, e Londres-Belfast, 14,91.

– Em Espanha, Madrid-Las Palmas, 6,33, e Madrid-Barcelona, 12,70.

– Em França, Paris-Bordéus, 14,61; Paris-Biarritz, 14,48; Paris-Ajaccio, 11,69.

Na Alemanha Federal, os voos internos são na base dos 32 escudos.

A informação divulgada pelo MTC não pode passar sem um comentário. Na verdade abona pouco a posição do actual Executivo e não serve grande coisa de argumento a favor dos aumentos tarifários entre o Continente e as Ilhas.

E evidente que os preços praticados na RFA são mais elevados, e bem assim na Inglaterra e na França, pelo menos. Todavia, o rendimento **per-capita** nestes países é pouco mais ou menos três vezes superior ao português.

Por outro lado, a insularidade parece ser factor de peso, não só em Portugal, mas também em França e Espanha, pelo menos.

Assim, em Espanha, uma ligação entre a capital do Estado e a cidade de Barcelona é sensivelmente o dobro mais cara do que a ligação Madrid-Las Palmas, apesar de a distância ser cerca de metade.

Em França, igualmente, uma ligação continental entre a capiral e Bordéus ou Biarritz é também sensivelmente mais cara do que uma ligação para a Córsega, no Mediterrâneo.

Lembra o MTC, todavia, que «os estudantes das regiões autónomas beneficiam ainda de um desconto adicional às tarifas de residente, o qual, no total, representa cerca de 50 por cento de tarifa normal em classe económica para não-residentes».

Mais – lembra o MTC – , segundo a portaria de 17 de Janeiro, as tarifas de residentes aplicam-se aos primeiros dois voos diários nas ligações Madeira-Continente, e aos dois últimos voos diários, no sentido inverso.

Pgo sua vez, nas ligações Continente-Açores, as tarifas de residentes aplicam-se a um voo diário em ambos os sentidos, no mínimo de 59 lugares.

Serviço nocturno de táxis vai custar mais 20 por cento

O serviço de táxi nocturno passa a custar mais vinte por cento dentro de algumas semanas, na chamada «tarifa-2» que vigorará entre as 22 e as seis horas da manhã.

A notícia que o «DL» deu já, há tempos, foi agora confirmada por um dirigente da Associação Nacional dos Transportes Rodoviários em Automóveis Ligeiros (ANTRAL).

Esta medida visa a compensação do trabalho nocturno dos taxistas, aguardando-se a sua publicação no «Diário da República» – disse um porta-voz da ANTRAL à ANOP.

O táxi passará a ter duas tarifas, custando mais 20 por cento das 22h00 às 06h00.

O cliente saberá que está a pagar a «tarifa 2» através de duas luzes acesas no «tablier», em local visível.

A «tarifa 1» corresponde à actualmente praticada e não sofrerá qualquer acréscimo. A sua identificação será feita através de uma única luz.

O dirigente da ANTRAL, acrescentou que este aumento de 20 por cento durante a noite deve-se, igualmente, ao inferior movimento, que leva os veículos a fazer o percurso de regresso vazio.

O custo de actualização de novas tabelas nos cerca de quatro mil taximetros existentes nos «carros de praça» em Lisboa equivale ao preço de três andares na capital.

Depois do aumento ocorrido no princípio do ano, as três empresas agentes de máquinas-taximetros levam entre 1500 a 1800 escudos para colocar um aparelho, o que equivale a seis milhões e seiscentos escudos.

Os táxis surgiram em Lisboa em 1926 e a sua bandeirada era de 25 tostões. Desde 1974 verificaram-se mais de sete subidas no preço.

Presentemente os táxis utilizam aparelhos de origem alemã e francesa sendo grande parte das peças importadas.

O preço de um taximetro ronda os 24 mil escudos sem contar a montagem e mão-de-obra, sabendo já os seus agentes que os aparelhos encomendados terão novas tabelas.

Apesar das declarações em contrário

Governo português insiste na adesão à CEE em 1983

Não obstante se acumularem os indícios e as declarações em contrário, o Governo português continua a insistir que a adesão à CEE se efectuará em Janeiro de 1983, tal como inicialmente estava previsto.

Esta posição, que tem muito de política mas é pouco ou nada conforme com a realidade, foi ontem expressa pelo ministro Álvaro Barreto após uma reunião com representantes da Câmara de Comércio e da Indústria Portuguesa.

A Câmara do Comércio passará, aliás e a partir de agora, a fazer parte do Conselho de Câmaras de Comércio e Indústria da CEE o que lhe possibilitará um acesso permanente aos «dossiers» em discussão nesta fase de pré-adesão.

No próximo dia 2 de Março, tanto o ministro dos Negócios Estrangeiros,l Gonçalves Pereira, como o novo ministro da Integração Europeia, Álvaro Barreto, reunir-se-ão com os embaixadores dos países membros ou candidatos à adesão à CEE.

Integração da Espanha vai custar milhões

A entrada da Espanha na Comunidade Económica Europeia, vai exigir investimentos equivalentes a 112 milhões de contos na reconversão do sector têxtil – afirmou, domingo, em Tarragona o ministro para as Relações com a CEE.

Eaduard Punset assinalou que se trata de um plano muito ambicioso que é preciso levar a cabo, se se quiser que o sector têxtil seja competitivo quando chegar a hora de entrar para o Mercado Comum.

No que respeita ao turismo, o ministro pediu aos industriais do sector que se debrucem sobre as implicações da adesão.

Quanto à agricultura, o ministro declarou que, apesar de neste sector, a integração estar praticamente feita – uma vez que 90% das exportações se encaminham para a CEE –, a entrada da Espanha comporta o fortalecimento da agricultura dos países mediterrânicos.

Telefonar para a Europa também é mais caro

Cartas, telegramas e telefones para o estrangeiro vão aumentar, por decisão dos CTT que se segue ao aumento generalizado das tarifas no continente.

Estas subidas de preços dos serviços são particularmente gravosas nos telefonemas para a Europa em que se juntaram a subida dos custos internos e a desvalorização do escudo para fazer escaldar qualquer conversa por breve que seja para onde vive a maior parte dos nossos emigrantes.

Seja qual for a via (mesmo terrestre ou marítima) nenhuma cartinha sai de Portugal sem um selo de 22 escudos. Um simples bilhete postal sobe para 15, descontada já a taxa de avião que essa voa mais alto, ainda.

As taxas fixas dos telegramas são, agora, de 300 escudos para a Europa, países africanos de língua portuguesa e bacia mediterrânica, de 150 para Espanha e 100 para Macau. Depois disso, e por palavra, temos três escudos para Macau, cinco para Espanha e seis para os restantes países referidos.

O preço das chamadas internacionais é mais complicado e é também mais caro. Caríssimo mesmo, diríamos, se se olhar para o quadro que se segue:

45 escudos de 4,7 em 4,7 segundos para Andorra, Espanha, Gibraltar e Marrocos; 62 escudos de 3,4 em 3,4 segundos para RDA, RFA, Argélia, Austria, Bélgica, Dinamarca, França, Irlanda, Itália, Holanda, Inglaterra, Luxemburgo e Suíça; 75 escudos de 2,8 em 2,8 segundos para a Bulgária, Checoslováquia, Chipre, Finlândia, Grécia, Hungria, Jugoslávia, Noruega, Polónia, Roménia, Suécia, Turquia e zona europeia da União Soviética; 91 escudos de 2,3 em 2,3 segundos para a Islândia e zona asiática da União Soviética. Quanto a ligações automáticas intercontinentais: Estados Unidos e Canadá, 120 escudos de 1,8 em 1,8 segundos; Moçambique, Angola e S. Tomé, 150 escudos de 1,4 em 1,4 segundos. Cabo Verde e Guiné-Bissau são apenas servidos por exploração manual e a taxa é de 86 escudos.

Na Bolsa de Lisboa

Mercado de obrigações subiu 140 por cento no ano passado

O mercado de títulos teve em 1980 uma acentuada recuperação com mais acções transaccionadas, subida de cotações e maior interesse do público pelas obrigações, afirma-se numa análise do Banco Totta e Açores.

O índice mais evidente deste melhoria, segundo o Departamento de Gestão de Títulos deste Banco é o índice Totta e Açores das cotações accionistas: criado em Março de 1977, com base em, encerrou em 1978 a 60,8 pontos, em 1979 com 114,7 e em 1980 a 235,2.

Na análise do mercado financeiro do Banco acentua-se a manutenção das características estruturais do mercado financeiro, como a «escassa disseminação de títulos» junto dos investidores potenciais.

Neste sentido, manifesta-se a escassa dimensão do mercado primário de títulos, ou seja dos aumentos de capital das empresas preenchido por subscrição pública, e que se tem mantido.

«Representados nos últimos tempos, quase exclusivamente por incorporações de reservas de reavaliação de imobilizações, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 430/78, os aumentos de capital não originam a criação de novos accionistas, mantendo as proporções e a concentração existentes» – afirma-se na análise citada.

Para corrigir esta situação, que representa de resto uma velha tendência no mercado financeiro português, o estudo afirma que «uma política de benefícios fiscais para acções cotadas, admitida, sem confirmação, nalguns órgãos de Imprensa, teria de tomar em conta a distribuição de capital social».

De outra forma seria «um mero pretexto para atribuição de vantagens sem qualquer contrapartida em termos de mercado», ou seja as empresas poriam as suas acções à cotação na Bolsa, mas a escassa oferta poderia levar a que não fossem transaccionadas.

Um exemplo desta possibilidade, ou seja, que mesmo com resultados empresariais favoráveis, certos papéis cotados na bolsa podem manter-se sem movimento, é dado pela Regisconta.

Esta empresa pagou em 1979, dividendos iguais a 40 por cento do valor nominal do seu capital, mas apesar disso «não suscitou qualquer tentativa de oferta de compra, muito provavelmente porque a completa ausência de oferta vendedora limita as perspectivas de concretização das operações».

O número de acções transaccionadas aumentou muito em 1980, pois atingiu os 97 918 milhares de escudos, em contraste com os 11 637 milhares de escudos de 1979.

No sector das obrigações, elas revelaram-se em 1980 como capazes de atrair poupanças privadas, embora neste sector desempenhem papel importante os investidores institucionais como os Bancos e as Companhias de Seguros.

O montante total de transacções foi de 444 083 milhares de escudos, 140 por cento mais do que em 1979, índice revelador da animação que está a atingir este mercado.

Também aponta neste sentido, a colocação em pouco mais de cinco meses de 25 mil milhões de escudos de títulos de dívida pública: quinze mil milhões do tesouro FIP-21 por cento e dez milhões do Tesouro-curto prazo, 18 por cento.

Pescas

Negociações com a Espanha vão recomeçar brevemente

As autoridades espanholas já recomeçaram a fazer propostas a Portugal para a negociação do acordo de pescas entre os dois países, as quais deverão recomeçar brevemente – noticia a ANOP.

Segundo uma fonte do Ministério da Agricultura e Pescas, o acordo vigente foi prorrogado até 28 de Fevereiro.

«A posição portuguesa é de não cedência às condições propostas em Novembro de 1980, quando se realizaram reuniões a nivel de directores-gerais das Pescas dos dois países» – disse essa fonte.

Nessa reunião, Portugal tinha proposto que a Espanha concedesse 162 licenças de pesca para embarcações portuguesas operarem em águas teritoriais espanholas.

A esta proposta, os espanhóis responderam com um pedido de 451 licenças para a sua frota em águas territoriais portuguesas, ao que Portugal contrapôs 245 licenças para barcos portugueses pescarem nas águas espanholas.

De acordo com a fonte contactada pela ANOP, a Espanha não aceitou esta contraproposta portuguesa, mas «é só sobre esta base que Portugal se sentará de novo à mesa para negociações» – acrescentou.

Administração da Cabora Bassa diz não estar em litígio com o Governo moçambicano

O conselho de administração da Hidroeléctrica Cabora Bassa (HCB) considerou ontem, em comunicado, não ter entrado em litígio com as autoridades moçambicanas ao propor um aumento de 20 por cento dos salários dos seus trabalhadores.

A administração da HCB disse à ANOP que a decisão de aumentar os vencimentos dos seus trabalhadores em Moçambique foi tomada em Setembro de 1980, face ao aumento do custo de vida nos dois países.

Moçambique considerou «ilegal e atentatória da soberania nacional» a decisão e anulou-a invocando a legislação moçambicana que estipula as condições em que podem ser efectuados aumentos.

A nota da administração da HCB afirma: «devidamente estudadas as disposições legais moçambicanas e considerando-se nada haver que o impedisse, foi comunicado por telex nas vésperas de Natal a deliberação tomada».

Acrescenta que os aumentos se traduziriam em mais de 20 por cento de subida generalizada e mais 35 por cento para os trabalhadores estrangeiros, nomeadamente os portugueses, tendo em conta os subsídios de deslocação.

Contrato assinado para 200 cooperantes

Foi assinado pela Motécnica, empresa moçambicana de cooperação, e a Sismet, empresa portuguesa de selecção de pessoal, um contrato que vai permitir a ida imediata de 200 técnicos cooperantes portugueses para Moçambique.

Este contrato concretiza um protocolo assinado em Junho do ano passado e com base nele outros técnicos portugueses poderão vir a ser encaminhados regularmente para Moçambique.

TRIBUNA LIVRE

Ó motorista, olha o balão!

Senhor director: De um modo geral, os temas relacionados com o automóvel servem sempre para aprofundamento de importantes questões sociais do nosso tempo, tal como outrora serviam os temas relacionados com o cavalo – já houve quem dissesse que o automobilismo desempenha nos nossos dias a funçõ significativa que antigamente cabia à cavalaria...

Ora o nosso estimado «DL» nem sempre tira partido destas circunstâncias (sem que, com isto, eu queira dizer que compete a um jornal tirar partido do que quer que seja). Por exemplo: recentemente, o «DL» tem mostrado grande preocupação com o problema das negregadas «palas» do rodado traseiro dos automóveis; e, no entanto, também veio a lume um assunto relacionado com o automóvel e seu uso que, em meu fraco entender, se reveste de muito maior significação social – e não só – do que aquele. Refiro-me ao anunciado projecto de lei sobre a repressão da condução de veículos automóveis depois da ingestão de bebidas alcoólicas.

E evidente – e nisto desejo desde o início ressalvar uma posição de princípio quanto à justeza **in abstracto** do projecto – que o consumo de bebidas alcoólicas entra em conflito insanável com as condições psicofísicas exigidas pela condução de **qualquer máquina** e, portanto, e muito especialmente, dos veículos automóveis. Mas a problemática da condução automóvel em Portugal sugere-me, a este respeito, diversas dúvidas que me permito passar a expor, sugerindo que, se assim o entender, o «DL» as desenvolva com eventual colaboração de especialistas dos vários ramos envolvidos no assunto.

1. Diz-se que uns 50% dos acidentes de viação verificados em Portugal são devidos à ingestão de bebidas alcoólicas pelos condutores (até já isso foi dito dos condutores dos célebres «laranjas» da Carris lisboeta...). E aqui, visto que ainda não há processo de verificação em vigor, cabe perguntar: como se pode apurar esse número? Por outro lado, também se pode perguntar se não influi nessa sinistralidade o mau estado (e anacronismo de traçado, etc.) das vias, a caótica sinalização, etc. Desejo salientar ainda que, mesmo que tivesse havido uma verificação objectivamente indiscutível da ingestão de bebidas alcoólicas pelos condutores envolvidos nos acidentes verificados, isso não permitiria concluir que os respectivos acidentes devessem ser atribuídos a esse facto, que, quanto muito, poderia ser tomado como circunstância, mas não como causa, deles. Os outros factores não podem ser elididos num passe de ilusionismo...

2. O alcoolismo é um flagelo social que atinge sectores da vida muito mais vastos que a condução de veículos automóveis. Pode-se perguntar se é mais urgente combater o alcoolismo em geral que o alcoolismo ao volante, e parece que a resposta não tem dificuldade: combata-se o alcoolismo em geral e logo se terá ganho uma importante batalha contra o alcoolismo ao volante. Então por que é que se prepara um projecto de lei contra o alcoolismo ao volante e não se trata de combater **eficazmente** o grande flagelo social do alcoolismo, cujos malefícios ultrapassam em muito, no plano material e no plano moral e, **tout court**, humano, os indiscutíveis malefícios exclusivamente viários?

3. Por outro lado, basta ter alguma experiência de condução de veículos automóveis – na estrada ou nas povoações – para se saber que o comportamento dos condutores extravasa a questão do álcool. Não é preciso dispor de verificações científicas para se poder afirmar que há muitos condutores que só bebem água e se comportam como verdadeiros selvagens, reflectindo uma mentalidade de afirmação individual e de falta de respeito pelos direitos dos outros que bem traduz velhas taras da ideologia característica da sociedade burguesa em decomposição. Claro que, tendo tomado uns copos de alguma bebida alcoólica, essas taras afloram mais facilmente à superfície do comportamento do cidadão condutor. Mas o mal estará no vinho ou no homem? E que faz o legislador para influir na educação do cidadão condutor – já não digo na do cidadão puro e simples? Pelo que se vê, nada. E mais cómodo dizer que os acidentes se dão porque os condutores andam bêbados. Mas andarão **todos**?

4. Se a lei vier a ser aprovada – e disso estou certo, e não acho mal, como já declarei no princípio –, é quase seguro que as forças «da ordem» organizarão operações de verificação da «pureza» alcoólica dos condutores, em estradas e ruas de aglomerados populacionais, por meio de dispositivos adequados (ou não?) que, ao que parece, e pelo que se sabe de outros países, serão constituídos pelo célebre balãozinho para soprar. Que garantias serão oferecidas por essa lei quanto à eficácia e ao rigor desse dispositivo? Quem garante que ele não dará resultado positivo com pessoas que só tenham bebido água das Pedras? Já se soube que a lei há de prever um sistema de recurso baseado em contraprova; mas essa contraprova é diferida no tempo e será conduzida por agentes das mesmas forças «da ordem», diplomados em Medicina ou não, tanto faz. A sua credibilidade há-de vir a ser contestada exactamente em favor do balãozinho... e as sanções são extremamente duras, evidentemente (de outro modo a lei seria inoperante). E de prever que as penas de prisão venham a ser remíveis a dinheiro, e então pode-se perguntar que classes sociais estarão a ser objecto de discriminação.

5. Parece que uma lei como a que se prepara servirá para reduzir o consumo de bebidas alcoólicas – vinho e cerveja, principalmente, que são duas grandes produções do nosso País – em benefício de bebidas não-alcoólicas, como a água, as laranjadas e a celebérrima «Coca-Cola»... Servirá, também, para eliminar das estradas um certo número de condutores (e, naturalmente, muitos desses condutores estão a mais nas nossas estradas – mas será este o mais correcto processo de os afastar do volante?); mas, e nisto exprimo uma opinião pessoal que gostaria de ver discutida em profundidade, muito provavelmente não eliminará das estradas os selvagens que, mesmo sem bebidas alcoólicas, conduzem agressivamente na suposição de que todo o caminho é só para eles e que todos os outros condutores estão a mais na estrada e, se calhar, no Mundo...

6. Outro ponto ainda, e este para juristas: será constitucional penalizar o estado fisiológico do condutor? Não será unicamente penalizável o seu **comportamento**? Bem sei que entra no quadro comportamental o conduzir um veículo depois de ter ingerido álcool; mas quem nos garante que, daqui amanhã, não venha uma lei penalizar os condutores que se sentem ao volante depois de comer, sofrendo de gripe ou com um dente cariado? Hipóteses extremas, mas que penso que podem denunciar um certo arbítrio do precedente. De resto, se o cidadão condutor tiver suficiente educação, saberá abster-se de conduzir depois de beber ou de beber antes de conduzir – que é o que se passa nos países mais civilizados, os países socialistas. Nos países capitalistas, opta-se pela repressão e a educação vai às malvas...

7. A título jocoso, para terminar: quando a lei do balãozinho estiver em vigor, veremos brigadas «da ordem» a fiscalizar o teor alcoólico do sangue aristocrático dos condutores da Estrada Marginal Lisboa-Cascais **no regresso do Estoril**?

Peço-lhe, senhor director, que me perdoe ter-lhe roubado alguns minutos com a leitura destas considerações, provavelmente pouco consideráveis. Mas muito satisfeito me sentiria se o «DL» visse, por trás delas, coisas muito sérias que merecem um debate aprofundado entre especialistas de vários ramos – e isto porque creio que há neste tema indícios de males profundos da nossa sociedade.

Com os meus melhores cumprimentos.

Manuel Ruas

"Tollan" mostra rombos

O «Tollan» mostra desde domingo os seus rombos, por obra e graça dos técnicos italianos da «Sotramar» que até 15 de Dezembro tentaram a sua recuperação sem o conseguir. E um espectáculo que se depara a quem atravessa o Tejo nos cacilheiros ou assoma ao resguardo da Praça do Comércio virada para sul.

Semiafundado no Tejo desde 16 de Fevereiro (vai fazer um ano), o «Tollan» continua a ser objecto de tentativas de recuperação por parte dos técnicos italianos da «Sotramar», segundo o comandante do porto de Lisboa, Sousa Leitão. Será o Governo Português, contudo, a decidir sobre o futuro do porta-contentores.

Devida à incapacidade da empresa «Sotramar» na remoção do navio até 15 de Dezembro, data limite para essa operação, foi enviado no dia seguinte um relatório à Direcção-Geral do Fomento Marítimo. Nele se propõe a abertura de dois concursos, aceitando propostas para a recuperação do navio ou para o seu desmantelamento.

Se a proposta do comandante do porto de Lisboa, Sousa Leitão, for aceite, abrir-se-á, logo que concluído o primeiro concurso, um segundo – este já com caderno de encargos de modo a que o Governo possa avaliar sobre o interesse de recuperação ou desmantelamento.

PASSADEIRA PLÁSTICA
PARA PROTECÇÃO DA SUA ALCATIFA NAS ZONAS DE MAIOR PASSAGEM
BARROS & BARROS, LDA.
R. José Duro, 22-D Alvalade 1700-Lisboa-T. 892057-895013

Sindicatos:

Centristas denunciam "situação aberrativa"

A Federação dos Trabalhadores Democratas-Cristãos (FTDC) lançou um apelo aos militantes centristas para participarem na vida sindical.

«Em democracia não há grandes partidos políticos sem um forte empenhamento laboral. Em democracia cristã, este empenhamento é uma consequência lógica dos princípios comuns que informam os programas dos partidos democratas-cristãos» – diz a FTDC.

O apelo diz que «os militantes centristas, porque democratas-cristãos devem empenhar-se muito seriamente no sindicalismo democrático, a fim de que a democracia-cristã passe a ter a voz activa e coerente no mundo sindical».

«Não se entende – diz a FTDC – que todo o centrista que trabalhe por conta de outrem, não sinta a necessidade de, organizadamente, participar na luta sindical, como democrata-cristão queé. Dir-se-ia que tal situação é mesmo aberrativa, mas é real».

Em Cabo Verde as mulheres estão cada vez mais bonitas, talvez porque vistam e se alimentem melhor; os homens, esses surgem-nos ainda mais obstinados na luta contra a seca, contra as calamidades naturais e contra o apelo à fuga que o vento espalha no arquipélago atlântico.

E da obstinação de homens e mulheres do trabalho duro e de um rigor administrativo incomum na África, nasce a ideia que de militantes empenhados na vida política ou de simples cidadãos se ouve, frequentemente, nas ilhas: «O País anda para a frente».

Cabo V

No aspecto exterior das coisas a mudança verificada em três anos (a última vez que visitámos Cabo Verde fora em Junho de 78) é notória. Nos bairros populares a telha substituiu o colmo que cobria a maior parte das casas; um bairro novo, de certa dimensão para a população da cidade, está em construção com a primeira fase já concluída, há tempos. Isto na capital, onde também se construíram recintos de diversões, se melhoram caminhos e se inicia o saneamento básico dos bairros mais pobres.

Fora da Praia, o regadio amplia-se, os diques cortam a paisagem nas ribeiras secas, de apenas meia dúzia de horas com água ao longo do ano. As árvores, pequenas ainda, vão ganhando as encostas; engenhos de produção de energia eólica surgem nas achadas sobranceiras às aldeias. Em suma, pela face exterior das coisas é possível dizer com segurança que «o País anda». Mas na hora da mudança, com a morte do PAIGC, há problemas políticos e económicos decisivos a ter em conta. Falemos de alguns deles, na certeza de que o Paraíso não é nestas ilhas e que têm mais a ver com as paisagens do Inferno estes montes escalvados e secos, estas ilhas desérticas estas encostas flageladas pelo vento Leste.

A construção de diques, para retenção tração de água é palavra de ordem no a

Alargar a base social de apoio

Alargar a base social de apoio, à esquerda e à direita, ou, pelo contrário, fechar-se sobre si próprio, num reflexo de autodefesa é o dilema que se oferece ao novo partido, o PAICV, na hora da sua proclamação pública.

Esta questão, aliás, e segundo testemunhos que colhemos na Cidade da Praia não deve ter estado alheia à decisão de avançar para um novo partido em vez de manter o PAIGC, ainda que rectificados certos aspectos comprometidos irremediavelmente com o golpe liderado por Nino Vieira. O PAIGC apoiava-se não só nos militantes em Cabo Verde como também na força que do outro lado do mar lhe traziam as ondas, desde Bissau. O PAICV contará apenas com as suas próprias forças e com os seus menos de cinco mil militantes.

Em contrapartida, toda a gente sabe que vão redobrar de vigor os ataques dos inimigos do regime que, com o PAIGC ou, hoje, com o PAICV, está a implantar-se no arquipélago. Há sintomas internos que dizem isto – e Pedro Pires foi explícito sobre este ponto no discurso de encerramento do Congresso constitutivo do PAICV – e a oposição residente em Lisboa parece acordar do sono em que mergulhara durante todos estes anos, como o demonstra a manifestação organizada, há dias, defronte da embaixada de Cabo Verde.

Manter o PAIGC, depois dos ataques que a Cabo Verde foram desferidos desde Bissau, era dar sinal de fraqueza. Avançar para um novo partido pode constituir uma aposta numa dinâmica nova que permita furar o cerco que se desenha no horizonte e criar condições para um alargamento da base social de apoio, muito para além do escasso número de militantes com que contava o ramo cabo-verdiano do PAIGC, cinco anos depois da independência.

À direita não parece muito possível uma abertura mais ampla pois ela afasta na demolição do regime, como caminho para a reconquista de privilégios perdidos, por nacionais e estrangeiros. À esquerda, perfila-se em Cabo Verde um «fantasma» que, embora difuso, tem estado presente, sistematicamente, na vida política do arquipélago, nos últimos anos: é a questão do «esquerdismo», concretamente a difusão de ideias trotsquistas entre os quadros mais jovens. Este fantasma não sai da ideia de certos dirigentes do Partido e ainda agora voltou a ser agitada nas assembleias preparatórias da Conferência Nacional.

Na mais importante dessas assembleias de base, a do sector autónomo da Cidade da Praia, foi mesmo aprovada uma moção em que, um dos pontos votados aponta para «maior exigência no combate oportuno às ideologias esquerdistas e seus mentores que, sendo aliados objectivos da reacção interna e externa, podem ser considerados peões do imperialismo em Cabo Verde».

Vimos apontar a dedo o supremo autor desta moção. Verifica-se depois que a Conferência não lhe tinha dado seguimento, ou pelo menos, a resolução final é omissa a este respeito. Em contrapartida, a resolução apela ao «desenvolvimento e aprofundamento da prática da democracia interna e

Milhões de árvores nascem nestes saquinhos de plástico para serem depois implantadas, em trabalho voluntário, nas encostas vulcânicas batidas pelo vento e a seca

Verde em tempo de mudança

ção de terras e melhor infil- no arquipélago

o exercício da crítica e da au- crítica, no sentido da mobiliza- o de todas as camadas sociais ue participaram activamente no esenvolvimento nacional».

Este alargamento da base cial exige em Cabo Verde ansparência nos actos partidá- os e da administração; tem a u favor a seriedade do Go- rno, que praticamente todos conhecem e de que restam ucos pontos fracos expostos à ítica pública; mas passa tam- m, julgamo-lo nós, pelo randamento desta autêntica icose antiesquerdista que mina certos dirigentes parti- rios. Por vezes isso é apenas ceio de perder o lugar, face ao penhamento nas tarefas itico-partidárias que caracte- a a juventude, e também aqui, dito «esquerdismo» não raro nstitui uma chamada de aten- o para a adequação das práti- s políticas quotidianas ao que em os textos programáticos e e certos quadros instalados m tendência a esquecer.

E se não é lícito garantir que «fariseus» a que se referia dro Pires, no seu excepcional discurso de encerramento da Conferência, sejam esses tão contestados «esquerdistas», também não nos parece apressado ler em certos avisos do Primeiro-Ministro uma ameaça sobre o que resta deles.

E em Cabo Verde esta questão conta mesmo, se se pretende de facto alargar a base social de apoio ao novo partido o PAICV.

A exigência de um Estado de Direito

Entronca aqui, directamente, uma outra questão política que esteve na ordem do dia em Cabo Verde ao dobrar-se o ano de 1980. Ela tem a ver com a permanente exigência de seriedade na construção de um Estado de Direito, como o que defendem os textos partidários, e com a transparência exigida a todos os actos administrativos, como condição de base para alargar o apoio popular à política que se pretende seguir.

Foi o tão falado «rumor de torturas» que os advogados trouxeram à actualidade, no momento em que o PAIGC, na Guiné, sob a direcção de Luís Cabral, era acusado de desrespeito pelos direitos do homem e até de execuções sumárias na pessoa de inimigos políticos.

No dia 12 de Dezembro passado, uma Assembleia Geral do IPAJ (Instituto de Patrocínio e Assistência Judiciária) aprovou por unanimidade dos seus 24 advogados e 35 solicitadores inscritos uma moção pela qual se decidia comunicar ao Presidente da República «a existência de rumores sobre torturas físicas» e manifestar a preocupação dos membros daquele Instituto do Ministério da Justiça. A moção, publicamente divulgada, foi completada com um documento confidencial entregue ao primeiro-ministro com o relato circunstanciado dos casos de violências ou torturas policiais conhecidas do IPAJ e que tinham sido exercidas especialmente em S. Vicente sobre os presos de delito comum.

E das atribuições do IPAJ, segundo o seu Estatuto, velar pelo cumprimento das leis penais entre as quais se inclui a expressa proibição de violência sobre os detidos na esteira, aliás,, da Constituição que diz no seu artigo 35.º que «ninguém pode ser submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos e degradantes».

Estribava-se, ainda, o IPAJ no Programa do partido e na manifestada intenção de instituir em Cabo Verde um Estado de Direito, assim como na prática correcta do Governo, verdadeiramente incompatível, neste domínio, com certos desmandos de algumas autoridades policiais.

Houve o cuidado de apenas tornar pública a moção, evitando-se que o documento entregue ao primeiro-ministro caísse nas mãos da Imprensa de direita em Portugal, que está sempre ávida de divulgar os abusos ou desvios, reais ou fictícios, de que haja notícia nas antigas colónias portuguesas.

Segundo um nosso informador, a reacção do Presidente da República foi de que o interesse manifestado pelos advogados era compartilhado pelo Governo e que a moção só reforçava as instituições, ao mesmo tempo que servia de alerta para males maiores.

O certo é que depois disso se parou completamente com as práticas denunciadas ao mesmo tempo que em S. Vicente se admitia apresentar a julgamento, nos tribunais normais, os autores destes abusos.

O IPAJ é um instituto criado pelo Ministério da Justiça depois da independência e visa reduzir o espaço da advocacia privada, desaconselhada no III Congresso do PAIGC. Tem certas semelhanças com uma Procuradoria Geral da República recebendo todos os processos e distribuindo-os depois aos advogados inscritos. E o IPAJ que regulamenta os honorários, consoante o valor da causa e as posses das partes, recebendo parte desses honorários para custear as despesas dos processos em que as partes não tenham meios económicos. Abre-se, assim de facto, a administração da Justiça a toda a população, até à mais pobre.

Milhão e meio de árvores

Há mais do que razões para a direcção política no arquipélago fazer apelo a todos os que estão com o progresso, com a justiça social, em suma, com a Revolução. E que os problemas económicos são imensos, num país devastado por anos e anos de secas e deixado no abandono por séculos de administração colonial.

Poucos países no mundo têm uma balança comercial tão deficitária como Cabo Verde. As exportações apenas cobrem 5 a 7% das importações e não há muito a fazer neste domínio a médio prazo, para além de aumentar a produção agrícola. Ela está intimamente ligada à captação de água, aos diques que impedem a erosao e o arrastamento de terras aráveis e facilitam o armazenamento no solo da pouca água das chuvas que anualmente cai sobre as ilhas cabo-verdianas. Muito trabalho está a ser feito, mas a tarefa é gigantesca e não se cumprirá numa só geração.

Para um consumo de milho na ordem das 40 mil toneladas apenas se produzem, em anos normais, umas sete mil. Como a produção por hectare se aproxima da tonelada, seriam necessários 40 mil hectares produtivos o que, por enquanto, não passa de um sonho. Os programas de desenvolvimento apontam também para a necessidade de uns oito a dez mil hectares de regadio. Actualmente há 1800 e se no ano 2000 houver quatro mil hectares irigados, dizia-me um cooperante estrangeiro, «já será muito bom».

Quem sobrevoe algumas ilhas, ou atravesse, como nós fizemos, a ilha de Santiago, impressionar-se-á, de certo, com o esforço gigantesco de plantação de árvores que percorre o país. Em 76 plantaram-se 250 mil; em 77 a seca impediu qualquer trabalho útil neste domínio, mas no ano seguinte as plantações subiram para o dobro. Do milhão de árvores em 1979, passou-se para os 1300 mil no ano passado. Este ano estão preparadas um milhão e 600 mil pequenas árvores para serem implantadas ao primeiro sinal de chuva, na época propícia ao crescimento.

Normalmente, este trabalho tem de ser concentrado num número escasso de dias e por isso mesmo ele é feito em regime de voluntariado pelos militares, as organizações de juventude, o funcionalismo público e o pessoal dos serviços. A face das ilhas está, assim, a ser transformada, num combate sério e persistente contra a erosão, a influência nefasta dos ventos e para a criação de microclimas localizados idóneos ao aproveitamento agrícola.

Pela nossa parte, pudemos verificar a Achada de S. Filipe, nos arredores da Praia, coberta de vales para árvores novas e já com uma imensidade de pequenas plantas (acácias americanas, sobretudo) em crescimento. Para as irrigar, nos primeiros tempos, fizeram-se furos de captação de água, com aproveitamento da energia do vento e a energia solar pois o país é pobre e tem de valer-se da imaginação e da inteligência dos seus quadros para triunfar nesta complexa batalha contra os elementos naturais que afugentam o homem das ilhas e o atiram para a emigração.

A propósito de emigração, ela é um dado com que tem que contar-se, sempre, quando se fala de Cabo Verde e quando se quer implantar uma política com raízes populares.

A força e a fraqueza da emigração

A seca dispersou o povo cabo-verdiano pelos cinco continentes e hoje, para 275 mil residentes, calcula-se haver mais de outros tantos cidadãos emigrados. Nos Estados Unidos são uns 200 mil, predominantemente já de segunda e terceira gerações. Em Portugal há 40 mil, em Angola 35 mil, tantos como nos outros países africanos. Na Holanda, na França e na Itália são uns sete a oito mil em cada país, com a particularidade de para a Itália haver uma corrente organizada de empregadas domésticas. Brasil, Argentina, Senegal, Gabão, Alemanha Federal, Costa do Marfim e Luxemburgo são outros pontos aonde chegou a diáspora crioula.

Segundo os últimos números, as remessas de emigrantes atingem os 20 milhões de dólares anuais o que significou cobertura para 45% das importações. O resto das divisas exigidas para o equilíbrio da balança de transacções correntes vem dos rendimentos do Aeroporto do Sal, (uns sete milhões de dólares) e da ajuda internacional. E assim se chega à conclusão que, sendo Cabo Verde um dos países do mundo com pior balança comercial, ele é também um dos que, no Terceiro Mundo, menores problemas de divisas encontra no dia a dia. Por isso as lojas estão abastecidas, por isso não há os problemas de fome e escassez de artigos de uso corrente como se verificava, por exemplo, na Guiné-Bissau.

Só que a administração tem de merecer a confiança dos emigrantes, não obstante eles serem permeáveis por influência dos países de acolhimento, à propaganda dos valores e dos regimes capitalistas ocidentais.

E aqui voltamos à seriedade administrativa, que pouca gente ousa pôr em dúvida e ao tal alargamento da base social de apoio. Viver em Cabo Verde e implantar um regime de progresso social passa, assim, pela captação da confiança dos emigrantes, para que as divisas não faltem e o desenvolvimento tenha meios para avançar.

Grande parte destas poupanças dos emigrantes é canalizada para a habitação e assim se compreende o surto espectacular de construções civis que desponta no arquipélago. Então, na Cidade da Praia, torna-se inevitável fazer comparações com o que existia há três ou quatro anos atrás e o que existe hoje: ou, o que é ainda mais contrastante, com o que acontecia e acontece nomeadamente, na Guiné-Bissau onde as obras chegam a morrer ao fim de anos de esforços e onde para além, de um monumento ou outro, de um liceu e uma auto-estrada, não há construções novas que se vejam.

Se os emigrantes são a riqueza de Cabo Verde eles podem também vir a ser a sua fraqueza e não é difícil admitir que é junto da colónia emigrada em Portugal e nos Estados Unidos que os inimigos do regime maiores esforços desenvolverão para o abalar. O que acontece desde há anos, diga-se, embora com reduzido sucesso.

E de certa maneira conexa com a questão da emigração está a atitude dos Estados Unidos para com o regime cabo-verdiano. Toda a gente conhece os apetites americanos por uma base no arquipélago, apetites extensivos a outros países, como a União Soviética, ainda que com menos insistência e mais para a concessão de «facilidades» de navegação aérea e marítima.

Não às bases estrangeiras

Até aqui, Cabo Verde tem resistido sempre e os seus dirigentes empenham-se em garantir o neutralismo e em impedir a instalação de bases seja de quem for.

Mas em contacto com altos funcionários administrativos pudemos saber, por exemplo, que as multinacionais americanas não param de fazer as suas propostas, semelhantes às que têm funcionado, noutros países, como ponte para as condições políticas que vêm depois. A última proposta é da Firestone que pretende tratar industrialmente em Cabo Verde a borracha que produz na Libéria. Os benefícios com que conta a curto prazo passam pela existência de uma mão - de - obra barata, proletarizada e com um bom nível médio; a mais longo prazo podem divisar-se condições políticas a que não seriam alheios os apetites americanos pelas bases. Mas não houve qualquer cedência até hoje.

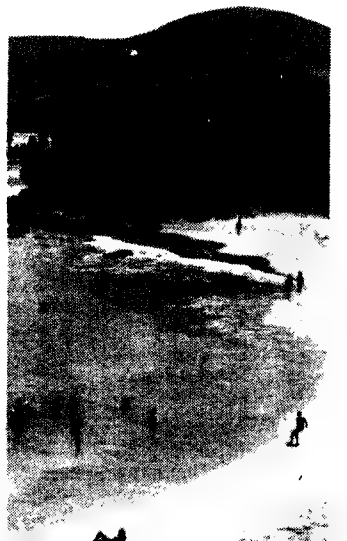
Os cinco milhões de dólares que a Firestone queria investir, escapavam totalmente ao controlo cabo-verdiano e visavam exclusivamente as exportações. Cabo Verde tem sido explícito na recusa do investimento estrangeiro se não tiver sobre ele um certo controlo, como vai acontecer com os estaleiros navais de S. Vicente, em que terão participação empresas portuguesas e holandesas com o Estado cabo-verdiano em posição de maioria.

São todas estas questões que se oferecem ao povo cabo-verdiano neste tempo de mudança quando corta com o PAIGC e avança com um partido autónomo e apenas de âmbito nacional.

«Seremos mais fracos, mas melhores», ouve-se comentar a nova situação. Por nós acrescentaríamos que passam a estar também mais expostos aos ataques internos e externos e que o cerco ao regime nascido da luta de libertação não promete abrandar.

E uma das pontas do nó passa por Bissau, onde não escasseiam os ataques, ainda que verbais, às recentes decisões cabo-verdianas. Em que condições isso é feito, e com que perspectivas, é o que procuraremos ver em próximo artigo especialmente dedicado á malograda (para já...) unidade política com a Guiné-Bissau.

Daniel Reis



Cheias na África do Sul: pelo menos 200 mortos

Segundo estimativas de ontem, elevava-se a duzentos o número de vítimas mortais das cheias do rio Búfalo, na província do Cabo, (Africa do Sul).

As autoridades sul-africanas temem, todavia, que o balanço possa vir a ser mais elevado, dado que há ainda muitos sobreviventes em situações críticas, ameaçados pelas águas.

Helicópteros tentam salvar sobreviventes refugiados nos telhados, sobretudo na cidade de Laingsburg, parcialmente arrasada pela cheia.

O ministro sul-africano da Defesa, Magnus Malan, tomou a direcção das operações de salvamento.

O corte das comunicações e as chuvas que continuam a cair, embora com menor intensidade, dificultam as operações.

«Trata-se do maior desastre nacional da História da Africa do Sul» – afirmou a Rádio sul-africana.

A cheia do rio Búfalo foi provocada por chuvas torrenciais que caíram durante o fim-de-semana passado.

Um bairro inteiro de Laingsburg foi arrastado pelas águas. Algumas das vítimas mortais já detectadas encontravam-se em veículos, surpreendidos pela subida das águas.

Avalia-se em milhares o número de pessoas isoladas nos telhados de suas casas, na cidade e nas aldeias e granjas dos arredores.

Mais pormenores dos ataques sul-africanos contra Angola

Os ataques que forças terrestres sul-africanas, apoiadas pela aviação, lançaram de 15 a 17 do corrente contra a localidade angolana de Cuamato (província do Cunene, a cerca de 40 quilómetros da fronteira com a Namíbia), visaram não apenas um campo militar, mas também uma herdade e uma missão religiosa, verificou um grupo de quatro jornalistas estrangeiros que visitou, no passado fim-de-semana, aquele sector.

Os homens da Imprensa, entre os quais se contava o correspondente da France Presse, deslocaram-se ao local dos combates viajando por estrada a partir de Lubango (200 km ao norte da fronteira da Namíbia), até Xangongo. Ali integraram-se numa caravana militar que os conduziu a Cuamato, utilizando uma pista aberta no mato.

O campo militar bombardeado pela aviação sul-africana era das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) e não da SWAPO (Organização do Povo Sudoeste Africano), como os jornalistas puderam comprovar, através dos documentos ali encontrados, todos redigidos em português.

Próximo do campo militar, viram uma herdade tradicional, constituída por meia dúzia de cubatas de madeira, rodeadas por uma cerca, completamente arrasadas por bombas incendiárias. Só os utensílios de cozinha são reconhecíveis. Segundo as autoridades militares angolanas, este ataque causou pelo menos catorze vítimas civis.

Por outro lado, a missão católica de Cuamato foi igualmente visada pela operação sul-africana. Segundo o padre Emanuel Belchior Valipo, helicópteros metralharam a sua missão em 17 de Janeiro, não atingindo ninguém mortalmente, mas ferindo uma criança. De acordo com o sacerdote, o balanço não foi mais pesado, porque o hospital da missão foi evacuado logo no primeiro dia dos ataques sul-africanos, em 15 de Janeiro.

O padre Valipo pensa que a missão foi visada por os sul-africanos estarem persuadidos de que albergava militares feridos em combate, o que não é verdade – disse. A concluir, evocou o «medo» em que vive a população rural da região e que a obriga a abandonar as aldeias, vendo-se, assim, acossada pela fome.

Conselho da Europa debate Turquia e tortura

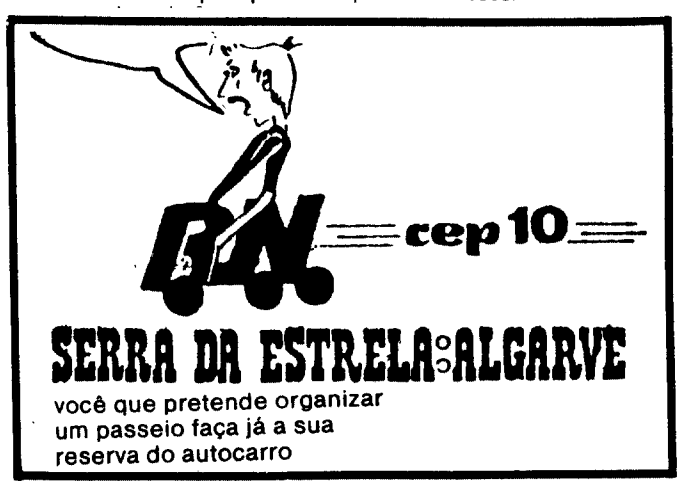
O debate sobre a situação na Turquia, após o golpe de Estado militar de 12 de Setembro, domina a reunião da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa que hoje se iniciou em Estrasburgo.

A sessão, que se prolongará por quatro dias, deverá ainda abordar as questões relativas à elaboração de uma convenção internacional sobre a prática da tortura e à atitude da Europa perante o agravamento das tensões mundiais.

Um relatório, elaborado pelo deputado democrata-cristão suiça José Meier analisa as implicações da utilização generalizada da tortura nos interrogatórios policiais e propõe que o Conselho da Europa apoie a proposta feita pela Costa Rica à Comissão dos Direitos do Homem na ONU, para que a futura convenção internacional sobre a tortura incorpore uma disposição relativa às visitas a prisioneiros políticos.

O deputado gaulista francês, Jacques Baumel, apresentará, durante esta sessão, um relatório sobre a posição da Europa face ao agravamento das tensões internacionais.

Baumel entende que as relações euro-americanas devem processar-se no quadro de uma redistribuição de papéis defendida pela Europa, e que o conflito na Irlanda do Norte poderá agravar-se significativamente nos próximos meses.



Bispo de El Salvador defende a luta armada contra a tirania

O bispo de Goiás Velho (centro-leste de El Salvador), monsenhor Tomás Balduíno, defendeu ontem o direito dum povo «recorrer à luta armada quando está submetido a uma tirania».

Monsenhor Balduíno, que é membro do conselho missionário indígena, disse pensar que, «quando a clemência se tornou vã, a violência, torna-se legítima». «A pior das violências é a institucionalidade, que obriga o povo a viver os sofrimentos que estamos a viver hoje» – acrescentou o bispo de Goiás Velho que continuou: «Nenhum protesto se ergue contra a violência institucionalizada que utiliza o dinheiro do povo. Mas grita-se que é escandaloso quando um bispo, seguindo nisso os preceitos do Papa, afirma que o povo tem direito a reagir contra a tirania».

Sabe-se entretanto que Victor Medrano, secretário administrativo da comissão salvadorenha dos Direitos do Homem, foi raptado na segunda-feira de sua casa, situada nos arredores da capital do país, por civis fortemente armados, revelaram membros da comissão, que exprimiram recear pela sua vida, pois, há três meses, dois outros elementos deste organismo foram raptados em idênticas circunstâncias e depois assassinados.

Há já algum tempo que a comissão vinha a receber ameaças de grupos fascistas, enquanto o presidente da junta, Napoleon Duarte, a acusava de «parcialidade antigovernamental».

Por sua vez, a Polícia salvadorenha anunciou ter detido em San Salvador a gerente da organização humanitária católica «Caritas», Carmen Gonzalez, acusando-a de enviar medicamentos e víveres para a guerrilha da zona de Chalatenango.

Segundo a Polícia a senhora Gonzalez enviara o dito carregamento num camião que foi interceptado nos arrabaldes da capital de El Salvador.

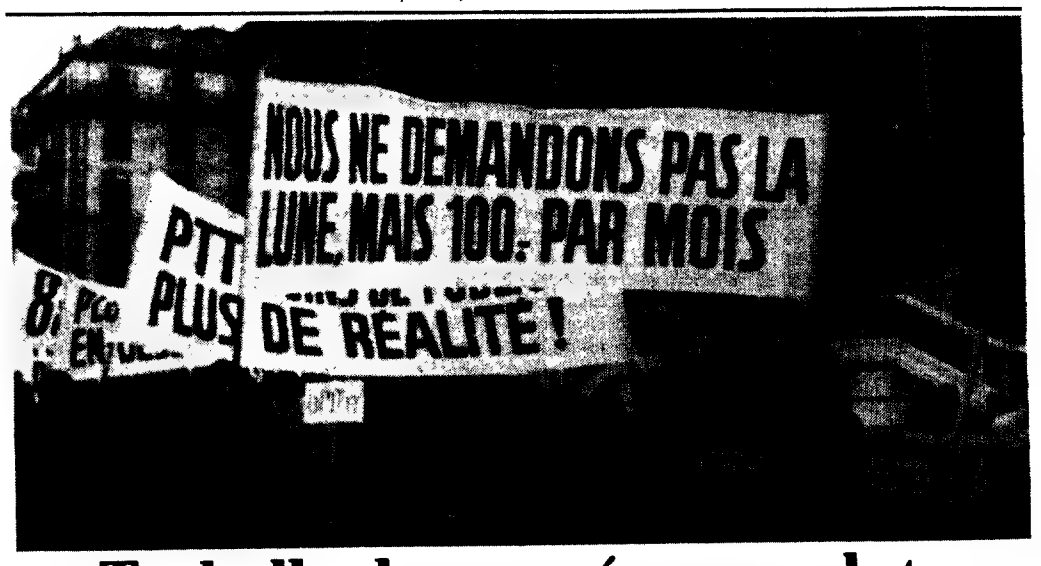
A gerente da «Caritas» foi igualmente acusada de, na altura de prisão, ter em seu poder «propaganda subversiva».

Dois aviões com armas para a guerrilha?

As autoridades salvadorenhas anunciaram que foram capturados, com 24 horas de intervalo e quase no mesmo local, dois aviões de turismo, por suspeita de transportarem armas para a rebelião. Um deles, matriculado na Costa Rica, foi obrigado a pousar e o outro incendiou-se no solo e foi abandonado pelos seus ocupantes, tendo sido encontradas cinquenta espingardas e fardas verde-azeitona, no seu interior danificado pelas chamas.

Solidariedade em Portugal

Na sua última reunião, o conselho de zona da UMAR de Almada/Seixal, saudou «a luta do povo de El Salvador contra a junta reaccionária que governa o país». A União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias exige ainda do Governo português que tome uma posição de repúdio inequívoco pelo massacre que os militares fascistas estão a praticar contra as populações em luta, bem como de oposição a qualquer intervenção americana para sustentar o regime reaccionário.



Trabalhadores suíços em luta

Na Suíça dos banqueiros e das grandes negociatas da alta finança internacional, os trabalhadores também se queixam e lutam. No sábado, dia 17 deste mês, vários milhares de funcionários públicos desceram à rua em Genebra (foto Manuel Lopes), exigindo um aumento salarial de 100 francos por mês, igual para todos, a redução do tempo de trabalho semanal de 44 para 40 horas, e a admissão de mais pessoal no conjunto dos serviços públicos. A ira dos funcionários dos correios, caminhos-de-ferro e repartições oficiais tinha começado a manifestar-se no dia 16 de Dezembro com um desfile de carteiros nas ruas de Genebra. Segundo as uniões sindicais, os salários dos funcionários não são aumentados desde há nove anos e as novas admissões de pessoal foram bloqueadas em 1973, provocando uma cada vez maior sobrecarga de trabalho e a deficiente qualidade dos serviços prestados. Por outro lado, o Conselho Federal recusa desde Novembro passado o prosseguimento das negociações de incidência salarial, argumentando que as Caixas da Confederação estão vazias. Entretanto, o Conselho Federal sentar-se-á, de novo, hoje, à mesa das negociações, sob a pressão da acção sindical. Se as conversações que hoje se iniciam não desbloquearem a situação, as grandes cidades suíças serão cenário de novas manifestações de funcionários no próximo dia 21 de Fevereiro

Itália

Polémica sobre o terrorismo entre o PCI e os socialistas

O terrorismo volta hoje a estar no centro de ásperas polémicas entre comunistas e socialistas italianos.

Na base das discórdias estão, desta vez as recentes afirmações do presidente Pertini, quanto às ligações estrangeiras das Brigadas Vermelhas.

Durante o discurso comemorativo do sexagésimo aniversário do Partido Comunista, o secretário-geral, Enrico Berlinguer, criticou duramente os socialistas, acusando-os de fomentar «uma campanha anticomunista no estilo dos anos cinquenta».

Na origem dos protestos do PCI estão as declarações de Pertini à televisão francesa e ao jornal «Le Figaro», proferidas durante a recente visita de Giscard D'Estaing a Roma.

Segundo Pertini, os «santuários» das Brigadas Vermelhas seriam algures no estrangeiro.

Uma referência aos mil quilómetros de fronteira entre a União Soviética e a Turquia, onde o fenómeno do terrorismo levou ao golpe de Estado militar, foi interpretado pelos comunistas italianos como uma grave insinuação que poderia comprometer as relações com a União Soviética e como um pretexto lançado pelos socialistas para impedir uma alternativa de Governo guiado pelo PCI.

No entanto, as suspeitas de Pertini não são inéditas. A comissão parlamentar para os serviços de informação e segurança, na qual estão representados todos os partidos, já se fez eco várias vezes da opinião de que as organizações terroristas que actuam em Itália gozam de protecções internacionais, embora nenhum estado ou país tenha sido referido oficialmente.

Por outro lado, o argumento habitualmente utilizado por alguns especialistas italianos quanto às deslocações de «expoentes terroristas» à Checoslováquia no início dos anos setenta não constitui nenhuma novidade e os desmentidos de Praga têm sido oportuna e regularmente formulados sem que se tenha verificado qualquer tipo de incidentes ou tensão diplomática.

Presos 123 «mafiosos»

A Polícia prendeu ontem de manhã 123 suspeitos de pertencerem à Mafia, em várias cidades italianas, no seu maior ataque em treze meses contra o mundo do crime.

Embora os funcionários não tenham identificado imediatamente os presos, fontes policiais referiram que estes incluem uma mulher de meia idade, suspeita de chefiar um clã da Mafia no sul da Calábria.

Segundo a Polícia, tais prisões seguiram-se a meses de investigações e representam o maior ataque à Mafia desde que a Polícia apanhou 134 suspeitos durante incursões coordenadas, em Dezembro de 1979.

Os detidos foram acusados de coacção e extorsão em todo o país e de atentados à bomba contra negociantes e industriais que não pagam os montantes que lhes são exigidos, pela «protecção» que a Mafia lhes oferece.

Denunciada chacina de camponeses no Brasil

Polícias e bandidos cometeram assassínios e atrocidades ao expulsarem cerca de seiscentos camponeses e suas famílias de terras que ocupavam na comuna de Juina (Mato Grosso), em Novembro do ano passado – revelou Luís Correa de Lima, testemunha dos factos, na Federação dos Operários Agrícolas do Estado do Mato Grosso (FETRAGI).

Segundo ele, os polícias e os bandidos cometeram uma «autêntica chacina», matando vários camponeses e submetendo homens, mulheres e crianças a toda a espécie de brutalidades.

A FETRAGI exigiu a abertura de um inquérito e exprimiu a sua surpresa perante a ordem de expulsão pois, afirma, as terras ocupadas pelos camponeses tinham-lhes sido vendidas por decisão do governador do Estado.

Berlim-Oeste

Moscovo critica Bona

A Embaixada da Uniã Soviética em Berlim Leste criticou, ontem, a eleição pelo Senado de Berlim Oeste de Hans Jochen Vogel, antigo ministro federal da Justiça, como presidente da câmara da cidade.

Numa declaração difundida pela agência leste-alemã ADN, a Embaixada soviética, dirigindo-se às três potências ocidentais, qualifica a eleição de Hans Jochen Vogel e a presença na chefia do Governo regional de outras personalidades políticos vindos da RFA como «nova tentativa de Bona de tratar Berlim Oeste como uma parte integrante da República Federal da Alemanha».

«Acções deste género estão em contradição com o acordo quadripartido», acrescenta a Embaixada soviética, que acusa as três potências ocidentais, EUA, França e Inglaterra, de «favorecerem as reivindicações ilegais da RFA no que respeita a esta cidade».

Em "dia de acção de graças"

Reagan vai receber ex-reféns com honras de "heróis"

Designados como «ex-prisioneiros de guerra», os antigos reféns de Teerão devem dar uma conferência de Imprensa hoje, em West Point, antes de serem recebidos como heróis, na Casa Branca.

A Imprensa queixou-se por ter sido afastada da recepção, o que terá levado o porta-voz presidencial, Jim Brady a precisar que uma dúzia dos reféns libertados padecem de «graves transtornos» mentais.

O presidente Ronald Reagan assinou uma resolução que proclama o dia de hoje como «um dia de acção de graças nacional em honra dos ex-reféns». Reagan rendeu também homenagem aos oito militares norte-americanos que perderam a vida na fracassada tentativa de libertação em Abril passado, e referiu-se à sua «devoção e valentia».

Polémica no Irão

O primeiro-ministro iraniano, Ali Rajai, defendeu no Parlamento o acordo firmado com os Estados Unidos que libertou os reféns e instou o presidente Ronald Reagan a respeitar os seus termos.

Rajai considerou que «em nenhumas outras circunstâncias podíamos ter obtido dos Estados Unidos mais do que este Governo conseguiu», assegurou.

«Certamente que, se os Estados Unidos se recusarem a cumprir os seus compromissos, mais um escândalo será acrescentado às nojentas acções deste tirano», disse ainda, numa referência à declaração do presidente norte-americano de que examinaria atentamente o acordo, antes de lhe dar seguimento.

A rádio iraniana noticiou que Rajai leu no Parlamento um «relatório pormenorizado e global sobre a solução» da crise dos reféns.

A emissora não forneceu quaisquer indicações sobre os termos do relatório.

Estas declarações de Rajai rebatem, de certa forma, as críticas formuladas pelo presidente iraniano, em entrevista publicada no domingo pelo jornal «Revolução Islâmica».

Bani Sadr criticou a actuação do Governo no processo que conduziu à libertação dos reféns, acusando-o de ter feito com que o Irão nada ganhasse com a ocupação da Embaixada durante mais de catorze meses.

Dirigentes chineses inquietos com grave agitação no país

PEQUIM – (por Dieter Schulz, da DPA – serviço ANOP) – O regime de Pequim mostra intranquilidade ante a oposição no país, maior do que a que os governantes liderados por Deng Xiaoping desejavam até agora reconhecer.

Em várias províncias registaram-se distúrbios de tal gravidade que levaram as autoridades de Pequim a considerar a hipótese de implantar uma espécie de lei marcial naquelas regiões.

Altos funcionários da província de Xinjian teriam sido repreendidos em Pequim por não terem conseguido impedir o início dos distúrbios através de uma melhor política económica.

Tudo indica que em várias cidades foram perpetrados atentados bombistas e outros actos «terroristas».

Operários de Xangai iniciaram uma greve de «braços caídos» em protesto contra a subida de preços dos produtos de primeira necessidade.

Notícias deste tipo foram propaladas por diversas vezes em Pequim nas últimas semanas, mas não foi possível comprovar a sua veracidade.

O «Diário do Povo», órgão central do Partido Comunista Chinês, anunciou segunda-feira que a estabilidade política do país está ameaçada pelos partidários do «Bando dos Quatro» e por grupos criminosos, os quais cometem inclusivamente actos de sabotagem.

Este reconhecimento parece importante, porque se verificou precisamente no dia seguinte ao anúncio das condenações no processo contra o «Bando dos Quatro».

Presumivelmente, os dirigentes chineses pretendem apresentar a condenação da viúva de Mao e dos seus supostos cúmplices como motivo da «campanha» contra os opositores, que se divisa no horizonte há já alguns dias.

Em vista dos focos de distúrbios, que ameaçam reproduzir-se «como bactérias», segundo o «Diário do Povo», o desenlace do julgamento de Pequim adquire outro aspecto interessante.

Como é óbvio, os dirigentes de Pequim não querem correr o risco de provocar ainda mais os partidários da viúva de Mao e do ex-vice-primeiro-ministro Zhang Chun Quiao com a imediata execução de ambos.

O adiamento da execução por dois anos, anunciada pelo tribunal, nó foi uma decisão jurídica, mas política.

Sobre esta questão, registaram-se profundas divergências, nas últimas semanas, nas altas esferas políticas de Pequim.

Por não haver unanimidade, os dirigentes do partido adiaram a decisão sobre se a viúva de Mao deverá enfrentar o pelotão de fuzilamento ou passar o resto da vida no desterro.

A decisão, que será tomada dentro de dois anos, dependerá do evoluir dos acontecimentos políticos internos.

Se a estabilidade se conseguir de novo, não parece provável a pena de morte.

Numa reunião secreta dos mais altos funcionários do partido, Deng Xiaoping, o homem forte de Pequim, falou já em Dezembro sobre diversos «factores de inquietação».

Em contraste com as suas declarações públicas, assinalou perante os funcionários do partido que na sua opinião haveria muita oposição à actual política.

Pouco depois, o jornal do partido sublinhou com clareza que qualquer funcionário que não se sentisse na disposição de apoiar incondicionalmente a política traçada por Deng, o melhor que teria a fazer seria abandonar o cargo.

Os observadores assinalaram que este comentário era dirigido inequivocamente a Hua Guofeng, chefe do partido.

Hua será a mais importante baixa no «carrocel político» de Deng Xiaoping.

Enquanto isto, a AFP anuncia que, segundo fonte fidedigna, a viúva de Mao vai provavelmente ficar presa em Pequim ou nos seus arredores.

Feministas americanas

As feministas norte-americanas lançaram, segunda-feira, uma campanha para salvar a vida da viúva de Mao Tse Tung, condenada à morte por um tribunal de Pequim, com pena suspensa por dois anos.

Bella Abzug, Kate Millet e Gloria Steinem, dirigentes feministas, denunciaram a sentença proferida contra Chiang Ching, considerando-a como vingativa.

«O julgamento de Chiang Ching foi uma caça às bruxas, única e simplesmente para encontrarem um bode espiatório» – disse Kate Millet durante uma conferência de Imprensa.

O encontro com os jornalistas foi convocado para anunciar a entrega na missão chinesa na ONU de uma petição com seis mil assinaturas, em prol da comutação da sentença.

Descrevendo o veredicto como «odioso, incongruente e bizarro», Kate Millet acrescentou que «somente a uma mulher tal coisa poderia ser feita».

Reunião na cidade de Ho Chi Minh

A terceira conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da Indochina, que hoje principia na cidade de Ho - Chi - Minh (ex-Saigão), poderá vir a reforçar a cooperação entre o Camboja, o Laos e o Vietname e decidir uma iniciativa respeitante à situação ao Sueste Asiático, estima-se nos meios diplomáticos em Hanói.

O Vietname socialista, o Laos democrático e popular e o Kampuchea popular (Phnom Penh) estão representadas respectivamente por Nguyen Co Thach, Phnn Sipasenth e Hun Sen, ministros dos Negócios Estrangeiros.

Esta reunião efectua-se num momento em que os Estados da ASEAN (Associação das Nações do Sueste Asiático) se esforçam por convocar uma conferência sobre o Kampuchea, numa tentativa considerada ilegítima por Phnom Penh.

Enquanto isto, a Tailândia acusou forças vietnamitas estacionadas no Kampuchea de atacarem um posto fronteiriço tailandês, matando um soldado.

Conferência de Madrid

Primeiro "embate" entre a URSS e Reagan

Recomeçam hoje em Madrid os trabalhos da Conferência sobre Cooperação e Segurança Europeias. Será o primeiro «embate» entre a nova Administração dos EUA e a URSS, e, se não são de esperar alterações de fundo na política de Washington, poderá, desde já, avaliar-se o novo «estilo» que a delegação norte-americana imprimirá aos trabalhos.

O receio de qualquer golpe sensacional da ETA leva as autoridades espanholas a desdobrarem-se em rigorosas medidas de segurança no Palácio dos Congressos onde as 35 delegações voltam a reunir-se após seis semanas de interregno.

O tema dominante da Conferência deverá ser o da convocação de uma «cimeira» sobre o desarmamento, complemento indispensável do desanuviamento.

Nos meios ocidentais o pessimismo é a nota mais saliente, sendo generalizada a convicção de que as tensões Leste-Oeste não permitirão uma conclusão favorável deste encontro de Madrid. Contudo, apesar do pessimisno ocidental, todos têm consciência de que os supremos valores alcançados pela Acta Final de Helsínquia – desanuviamento, cooperação, coexistência pacífica – são essenciais para a salvaguarda da paz mundial e que, por mais dificuldades que se encontrem em Madrid, a ruptura é impensável.

A Acta final assinada em Helsínquia, no dia 1 de Agosto de 1975, estabeleceu um código de comportamento para os países, europeus (excepto a Albânia, que não participou no encontro) os EUA e o Canadá, assente na permanência do diálogo e da cooperação entre todos os Estados, independentemente dos seus sistemas económico-sociais. Segundo o dirigente soviético, Leonid Brejnev, o valor das decisões tomadas em Helsínquia consiste em se terem estabelecido princípios de cooperação que constituem «instrumentos susceptíveis de facilitarem a passagem da civilização humana a um nível superior nas relações internacionais».

A posição da TASS

Em artigo assinado pelo comentarista político Vladimir Goncharov, a agência soviética TASS afirmou esperar que a Administração Reagan adopte uma atitude «mais realista e construtiva» na segunda fase da Conferência de Madrid que a sua antecessora.

O comentarista chama a atenção para o facto de terem sido agora apresentadas novas propostas, as quais «não são de modo nenhum motivadas pelo empenho de ver realizada a Acta Final de Helsínquia», mas pretendem «uma revisão desses acordos, visando afectar o equilíbrio» atingido na capital finlandesa.

"Cimeira" islâmica apela ao fim da guerra do Golfo

O príncipe herdeiro Fahd da Arábia Saudita, que presidiu segunda-feira à segunda sessão de trabalhos da Terceira Cimeira Islâmica apelou ao Iraque e ao Irão para que cessem os combates e resolvam pacificamente os seus diferendos – informa a Anop.

Os dirigentes de 37 países muçulmanos e a Organização de Libertação da Palestina reunidos em Taif, na Arábia Saudita, discutiram uma proposta de «congelamento» da posição de Israel enquanto membro das Nações Unidas e a concessão de ajuda militar à guerrilha palestiniana.

O príncipe Fahd criticou a União Soviética pela sua presença no Afeganistão, exortando Moscovo a «retirar imediatamente as suas forças do Afeganistão islâmico» e censurou os Estados Unidos por apoiarem e manterem Israel como uma «entidade estranha no interior da região árabe».

Por outro lado, o príncipe herdeiro saudita anunciou que o seu país doará mil milhões de dólares ao Fundo de Desenvolvimento Islâmico, o qual será aumentado para três mil milhões de dólares e apelou aos Governos islâmicos para que contribuam para o mesmo.

Uma resolução aprovada na Conferência dos Ministros Islâmicos dos Negócios Estrangeiros, preparatória da cimeira iniciada no domingo, aponta no sentido de os países amigos de Israel pressionarem o Estado judaico a pôr termo à sua ocupação das terras árabes.

Os Estados islâmicos utilizarão todos os seus recursos militares, políticos, económicos e naturais, incluindo o petróleo – para «apoiarem eficazmente os naturais e inalienáveis direitos do povo palestiniano», lê-se no documento.

Se a resolução for aprovada, os participantes na cimeira terão de comprometer-se a dar «equipamento e assessoria militar» à Organização de Libertação da Palestina bem como a coordenar a acção com os países que fazem fronteira com Israel.

Na sua alocução, o presidente paquistanês Zia Ul Har preconizou a elaboração de «um plano global de acção» destinado a pressionar os países amigos de Israel a desistirem de apoiar a sua política de ocupação dos territórios árabes.

Zia exortou, por outro lado, a nova Administração norte-americana a actuar em conformidade com «o veredicto da comunidade internacional» e a «exercer a necessária pressão para que Israel ponha termo à sua agressão».

Outro importante tema em agenda na cimeira – a guerra entre o Irão e o Iraque – mereceu também a atenção do líder paquistanês, que apelou a que os Estados islâmicos se empenhem na busca de uma solução.

Também presente na cimeira, o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, embora reconhecendo que nem o Irão nem o Iraque parecem dispostos a sentar-se à mesa das negociações, assinalou haver «uma medida de acordo em torno de possíveis elementos de negociação».

Recorde-se que o Parlamento iraniano aprovou o boicote oficial de Teerão à Cimeira Islâmica de Taif, apelando aos chefes de Estado que nela participam para que denunciem como «agressor» o presidente iraquiano Saddam Hussein.

Recuo americano em relação à OLP?

A administração norte-americana recuou ontem na posição assumida por Ronald Reagan em relação à OLP antes das eleições, quando classificou a Organização de Libertação da Palestina como um grupo terrorista.

O porta-voz da Secretaria de Estado William Dyess afirmou que a nova administração iniciou uma revisão de «toda a política norte-americana em relação ao Médio Oriente», incluindo a sua atitude para com a OLP.

Durante a campanha eleitoral Reagan classificou abertamente a OLP de organização «terrorista». No entanto, o secretário de Estado Alexander Haig declarou perante o Senado que a OLP «é uma organização que agrupa vários elementos, alguns dos quais têm reconhecido o terrorismo».

24 horas

● **CHILE: MAIS UMA IGREJA OCUPADA** – Mais uma igreja da capital chilena, a terceira, foi ocupada por grupos opositores ao Governo – informam as autoridades. Esta ocupação é protagonizada por 25 mulheres, uma das quais indicou que vai ser iniciada uma greve de fome em apoio dos desalojados que, há duas semanas, ocuparam a Embaixada da Suécia, em Santiago.

● **CORRUPÇÃO NOS EUA** – O antigo representante Richard Kelly (republicano da Flórida) e dois co-arguidos foram considerados ontem culpados, por um tribunal federal, de haverem aceitado luvas num «negócio» hipotético que lhes foi proposto por agentes do FBI, armadilha que teve o nome de código de «Abscam». O júri decidiu-se pela culpa, depois de ver um filme mostrando Kelly a meter na algibeira vinte e cinco mil dólares que lhe tinham sido entregues por supostos intermediários de árabes ricos, que pretendiam influências nas decisões do congresso.

● **OPOSIÇÃO SUL-COREANA** – Dois dirigentes oposicionistas apresentaram a sua candidatura às primeiras eleições presidênciais que vão realizar-se na Coreia desde que Park Chung-Hee foi assassinado, há quinze meses. Yoo Chi-Song, do Partido Democrático da Coreia, e Kim Jong-Chul, líder do Partido dos Cidadãos da Coreia, registaram as suas candidaturas dois dias depois de o presidente Chun Doo-Hwant ter abolido a lei marcial.

● **SISMO NA INDONÉSIA** – O terramoto que ontem sacudiu a província indonésia de Irian Jaya causou 261 mortes, soube-se de fonte oficial em Jacarta. O número de vítimas poderá ser ainda maior, dada a circunstância de aproximadamente 1.700 pessoas, residentes na zona montanhosa de Java Wijaya, se encontrarem totalmente isoladas e correrem o risco de sucumbirem de fome ou vítimas de epidemias.

● **OFENSIVA SARAUÍ** – O Exército de Libertação Popular saraui causou pesadas perdas às tropas marroquinas em dois combates travados nos passados sábado e domingo em Rous-Khreibichatt – anuncia um comunicado divulgado em Argel. O comunicado do Ministério da Informação da República Arabe Saraui Democrática diz que as forças marroquinas sofreram 175 mortos e igual número de feridos, pondo-os em fuga «sob o fogo denso e certeiro dos combatentes sarauis».

● **DIREITISTAS ESPANHÓIS NA CADEIA** – Vinte e quatro membros da organização de extrema-direita «Frente de la Juventud» foram presos pela Polícia de Madrid e de Valência. São acusados de terem perpetrado acções terroristas. A Polícia apreendeu uma grande quantidade de armas. Entre as pessoas presas figuram todos os membros do secretariado da organização.

● **BOMBAS NO ULSTER** – Cinco bombas explodiram na última noite em várias codades do Ulster, com um saldo de dez feridos, no que a Polícia local descreveu como uma operação-relâmpago do IRA. Dez feridos, todos vítimas da deflagração de uma só bomba, colocada em Portadon, no condado de Armagh, são três membros do Regimento de Defesa do Ulster, do Exercito britânico, e sete civis.

Automobilismo tem "team" Miura/Ciprac

Duas empresas, a Miura e a Ciprac, constituíram para este ano uma equipa que estará presente em diversas modalidades motorizadas que vão desde os ralis até ao karting passando pelo Campeonato Nacional de Velocidade e pelo recém-criado «Troféu Visa».

Apoiados pelo Team Miura/Ciprac estarão os seguintes pilotos: José Pedro Borges, Joaquim Moutinho, Luís Sena de Vasconcelos e Bacelar de Moura. Manuel Santos foi o nome escolhido para o motociclismo.

Para as provas de karting alinharão pelo novo time três nomes conhecidos deste tipo de competições: Figueiredo e Silva, Fernando Moura e Paulo Moura.

Rali de Monte Carlo

Acidente rouba comando a Mikola

● Jean Luc Therier à frente

O finlandês Hannu Mikkola (Audi-Quattro) líder do Rali de Monte Carlo, foi vítima de um acidente depois de ter derrapado durante a 5.ª prova especial, tendo perdido cerca de 15 minutos em relação aos seus concorrentes mais perigosos.

Agora, no comando da corrida, encontram-se os franceses Jean Luc Therier e Michel Vial em «Porsche SC».

O finlandês Hannu Mikkola despistou-se durante a quinta prova especial do Rali de Monte Carlo, tendo partido a roda esquerda da frente do seu «Audi-Quatro», perdendo pelo menos quinze minutos em relação aos seus principais concorrentes.

Na passagem entre montanhas de Ronstans, ao passar sobre um troço gelado, a viatura derrapou apesar da sua formidável motricidade. Depois de ter raspado num talude de neve o carro veio chocar com violência num parapeito de pedra com a roda esquerda.

Receia-se que a suspensão também tenha sofrido com o embate, no entanto, para já, não se fala em abandono da prova.

M. Andretti em Indianapolis

O piloto ítalo-americano Mario Andretti assinou um contrato para que conduza um «Patrick Wildcat VIII» quando decorrer as «500 Milhas de Indianapolis» que se disputarão no próximo dia 24 de Maio, anunciou em Jackson (Michigam) o proprietário da marca, Pat Patrick.

Pilotando esta época um Alfa Romeo de Fórmula 1, o antigo campeão do mundo de condutores (1978) e vencedor das 500 milhas de Indianapolis (1969), participará este ano pelo menos em cinco corridas de fórmula «indy».

Tenis: Mestres começam hoje

A fase final do Torneio dos Mestres dm Ténis inicia-se hoje no Estádio Nacional, decorrendo as meias-finais e final no Pavilhão dos Salesianos, Estoril.

O Torneio dos Mestres é disputado pelos oito melhores jogadores pontuados no «Grande Prémio Gillette» ao longo dos torneios em toda a temporada, que se encontram divididos em dois grupos.

Manuel de Sousa, João Lagos, Luís Filipe e Vaz Pinto integram o «grupo azul-escuro» e Miguel Soares, José Cordeiro, Azevedo Gomes e Pedro Cordeiro constituem o «grupo azul-claro».

De cada grupo sairão os dois melhores para jogar as meias-finais, após a disputa da fase preliminar.

O prémio para este torneio é de 150 mil escudos para as provas masculinas.

A prova feminina reunirá as quatro melhores tenistas pontuadas.

MICROSCÓPIO

Futebol brasileiro

O Paissandu obteve o resultado mais inesperado da terceira jornada do campeonato brasileiro de futebol, ao derrotar domingo o Flamengo por 3-0.

O Botafogo conseguiu também uma vitória inesperada sobre o Corinthians, em São Paulo, por 3-1.

Os restantes favoritos tiveram tarefa fácil, obtendo goleadas expressivas.

O Vasco da Gama e São Paulo ganharam por 4-0, respectivamente ao Internacional e ao Mixto, o Bangu bateu o Ponte Preta por 5-1 e o Fluminense venceu o América por 4-2.

O Cruzeiro empatou em casa a um golo com o Sampaio Correira e a Portuguesa foi ganhar por 1-0 ao campo do Operário.

Bolivianos batem checos

A Bolivia venceu a Checoslováquia por 2-1 em encontro internacional de futebol disputado no domingo à noite em La Paz.

Os três golos foram apontados no primeiro tempo.

Tratou-se do primeiro jogo de digressão da selecção checoslovaca pela América Latina.

sonarte

Aerodinâmico, desportivo, espaçoso!
Toyota Carina* com interior amplo e silencioso para viajar em descontraído conforto durante longas horas.
Toyota Carina para quem gosta de conduzir.
***1.600 c.c.**

A revista TÜVAUTO, uma das revistas mais autorizadas e de maior circulação na Alemanha Federal, considerou em dois anos consecutivos o Toyota Carina 1600 como o melhor carro de entre 84 diferentes modelos.

Consulte o seu concessionário sobre todas as especificações técnicas

DIRECTAMENTE DO JAPÃO A SUPERIOR QUALIDADE TOYOTA

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L. CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAIS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

Via Veneza

SAPATOS— MALAS
ALTA QUALIDADE

CENTRO COMERCIAL DE BENFICA
Est. de Benfica, 739-loja 5-F 1500 LISBOA

seja independente!
trabalhe no que é seu

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.

- COSTURA
- FOTOGRAFIA
- RELAÇÕES PUBLICAS
- VENDAS / MARKETING
- CULTURA GERAL
- RADIO ELECTRONICA TV
- DESENHO E PINTURA
- ELECTRICIDADE
- INGLÊS
- SECRETARIADO

Peça o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒ GRÁTIS

DL 22

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____

CEC - ÁLVARO TORRÃO ✱ Rádio Escola
Rua Fernão Lopes 8 1096 LISBOA Codex Telef. 54 31 36

Cultura e espectáculos

O Alentejo na obra de Almeida Faria

Pedro Martins

Almeida Faria

Almeida Faria é um escritor alentejano de raro talento. Nascido em Montemor-o-Novo, em 1943, publica antes dos vinte anos o seu primeiro romance, **Rumor Branco**, ao qual seria atribuído o Prémio Revelação da Sociedade Portuguesa de Escritores (1962). A propósito, escreveu Mário Sacramento: «Quando se escreve, aos vinte anos precisos, um livro com a densidade deste, é seguro que se tem diante de si uma grande carreira de escritor.»

Em 1965 publica **A Paixão**, romance que já conheceu três edições em Portugal e foi traduzido em França, Itália e Alemanha. Sobre este romance e o seu autor disse Urbano Tavares Rodrigues: «Almeida Faria, jovem escritor cujo primeiro livro **Rumor Branco**, parecia situar-se num ponto de encontro do existencialismo e do novo-romance, verifica-se posteriormente (no romance **A Paixão**), sem prejuízo de uma arquitectura faulkneriana de personagens e eventos e de uma escrita eminentemente poética, até que ponto o «clerc» se sente eticamente obrigado a depor, a intervir: a sua visão do mundo é dialéctica e o seu protesto contra o feudalismo agrário e a mentalidade provinciana da classe senhorial, embora depurado de evidências demagógicas, atinge por vezes extrema violência.»

1979 foi o ano do lançamento do terceiro romance de Almeida Faria, **Cortes**. Romance-ensaio na linha de **A Paixão**, **Cortes** é um livro invulgarmente belo e uma das obras mais importantes da Literatura portuguesa do nosso século. Em **Cortes**, a pena de Almeida Faria penetra com precisão de bisturi no tecido social do Alentejo e expõe sem piedade (nem demagogia) o mundo de exploração desenfreada e de violência (factual e/ou potencial) criado pelos agrários na «Pátria dos Alentejanos». Almeida Faria fala-nos da vida de uma família de lavradores alentejanos durante um dia e nós ficamos a conhecer a vida de um povo durante séculos. **Cortes** é um romance extraordinário (por isso lhe foi atribuído o prémio Aquilino Ribeiro em 1980, o prémio literário mais importante atribuído em Portugal) mas é também um autêntico ensaio de antropologia social.

Silêncio mais pesado

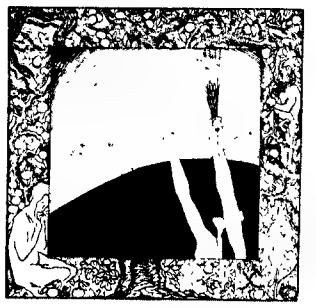
Almeida Faria é um escritor alentejano mas é também, e sobretudo, um escritor **do** Alentejo. Citemos de **Rumor Branco**: «Os homens do Alentejo são profundamente, porque os homens do Alentejo não são como os outros homens, têm um silêncio mais pesado à sua volta cobrindo-os como a um mistério, uma calma agressividade muito intensa no fundo do olhar, na arrastada fala, até no cheiro do corpo a cigarros, a suor e a sémen, a terra entranhada nas mãos duras e grossas, curtas, às vezes sem poderem abrir de tanto pegar na enxada toda a vida, de dia e de noite.» De **A Paixão**: «Na estação, debaixo do alpendre, à sua amável sombra, homens falam baixo, sérios (homens exuberantes e no entanto sóbrios que ali esperam, como nas tardes passadas na taberna, pela liberdade desejada que anunciam profetas, mas a medo, pelas 'pides' paredes, enquanto um traz jornais no bolso, papel bíblia, os passa olhando sempre para o lado, jornais em que vozes falam de prisões, torturas, medos, segredos de trinta dias, interrogatórios de pé durante oitenta horas até se urinar sangue e martírios e suplícios e a morte, perante a qual nada há a perder e é pouco todo o risco, desafio, assim o homem faminto se decide a dedicar a vida inteira àquilo, e a dos filhos e filhos dos seus filhos, se preciso, até um dia ser possível, e do monte em monte corre que surgiu, lá longe, não se sabe bem onde, mas surgiu, messias prometido, um posto de rádio clandestino com um grande nome grato, para escutar o qual, com suor, com sacrifício, os ganhões compram na vila, aos sábados, telefonias de pilhas baratas e portáteis, que levam para casa, em montes e aldeias pobres abandonadas aos ventos da planície que consigo transportam, em ondas pelo céu, vozes longínquas e confusas e tão fascinantemente o fazem, tão amorosamente, que os homens, ao deitarem-se nas duras camas do trabalho em que as mulheres, magras e pacientes de calma permanência, de aflita espera, esperam, são mais ternos para elas e a elas prometem, cheios de uma esperança cósmica, um futuro melhor de paz e pão.» E de **Cortes**: «Francisco ao pentear-se tem saudades dos três anos trespassados em Lisboa fingindo estudar, chafúrdio à bruta em pândegas e pêgas, não passou porém do primeiro da faculdade e desistiu do curso para vir dedicar-se à lavoura de família, tarefa fácil, podia continuar os múltiplos namoros da praxe própria dum rapazola arricalhado, sem precisão de procurar fortuna, pelo avô arranjada ao comprar por tuta e meia os Cantares, sete mil hectares, riqueza rápida, terra desbravada à força de braços que querem sua parte e que de dez em dez anos, quando a ditadura finge fazer eleições, escrevem lá nos seus panfletos A TERRA A QUEM A TRABALHA, braços outrora mal pagos, hoje melhor não basta, salário não consegue terra, hão-de querer levá-la.»

Um autor pouco divulgado

«Acusado» de influências do surrealismo, do novo-romance francês e do romantismo alemão, Almeida Faria, um autor de viragem, tem visto a sua obra ser objecto de estudos e ensaios profundos por parte dos «especialistas» da «coisa literária» mas é um autor pouco divulgado, para além dos grupos de três mil cidadãos comuns que fazer esgotar as edições. É urgente que esta última situação seja alterada porque o autor de **A Paixão** e **Cortes** está longe de ser um escritor «difícil», embora seja um escritor não disposto a concessões ao nível da escrita e, sobretudo, um homem que não se deixa dominar pelas técnicas do «marketing». A excessiva identificação de Almeida Faria com o novo-romance (sobretudo, tendo em conta obras menores de outros autores portugueses responsáveis pela importação do «noveau-roman») é um pouco responsável pelo «divórcio» existente entre o escritor e o grande público, pelo que será bom (e de justiça) transcrever o que sobre **A Paixão** (e que se poderá aplicar a **Cortes**) recentemente escreveu Cristina Oliveira (Textos de Literatura n.º 7, Centro de Literatura da Universidade de Coimbra do Instituto Nacional de Investigação Científica): «A marca mais profunda existente em **A Paixão** é, sem dúvida alguma, a que tenta a conciliação do fundo ideológico do neo-realismo português – onde se alinham as ideias de injustiça e desigualdade sociais, de luta de classes, de opressão e violência exercida sobre o povo pela classe dominante – com uma nova técnica romanesca que revoluciona o tratamento do texto, motivada por uma crise de consciência, uma evidente inquietação estética e espiritual do artista criador.»

● Na próxima sexta-feira à noite será lançado na Casa do Alentejo o último livro de Almeida Faria, «Lusitânia», com intervenções dos escritores Maria Alzira Seixo, Diogo Pires Aurélio, Júlio Conrado e Manuel Gusmão.

SEARA NOVA



"Seara Nova"

Foi distribuído o n.º 1600 da revista «Seara Nova». Publica um fragmento de uma conferência proferida em Coimbra pelo falecido «seareiro» Mário de Castro e uma nota editorial dirigida aos leitores e na qual são explicadas as difíceis circunstâncias em que a «Seara Nova» se encontra. «Limitada – diz-se na nota editorial – em termos de organização e sem apoios financeiros, a 'Seara Nova', depois de um grande esforço, que se prolongou no tempo, está, neste momento, impossibilitada de ajustar-se às mudanças e de relançar-se no quadro das novas condições e tendências, de poder intervir como outrora, com a mesma audiência no mundo de Esquerda.»

E o editorial prossegue: «A publicação deste número da Revista (n.º 1600), simbólico, traduz a totalidade dessas dificuldades e a defesa ao transe do título 'Seara Nova' por imperativo nacional e respeito pelo belo e digno esforço acumulado dos democratas que nos precederam, exigindo continuidade, até que as condições para as quais a empresa se empenha melhorar, permitam a publicação regular das suas edições e que, cultural e politicamente, seja resultado e síntese de confluências de todas as forças que, no Portugal de Abril, se lançaram generosamente na construção de uma Democracia avançada, de uma Sociedade Nova.»

E exprimem a esperança de que «a curto prazo surjam os resultados do empenhamento recuperador promovido pela actual administração, a publicação deste Número, transporta consigo uma mensagem de optimismo e de inconformismo perante o processo de regressão e de desencanto por que passa a sociedade Portuguesa, que mais do que nunca reclama a voz livre, democrata e esclarecedora da 'Seara Nova', aquela mesma voz que antes do 25 de Abril mobilizou e ergueu a Oposição contra o fascismo e dignificou a cultura nacional. A 'Seara Nova' que sobreviveu ao fascismo, continuará a sobreviver no futuro, se todos quisermos. E sobreviverá.»

Buñuel vai ser homenageado em Cannes

O próximo Festival de Cannes homenageará o realizador espanhol Luis Buñuel com a exibição de várias películas suas e a entrega do troféu «A Idade de Ouro».

O Festival de Cannes que se realiza em Maio próximo, terá várias modificações tanto em estrutura como em funcionamento, segundo revelou quinta-feira o presidente da organização Favre le Bret.

O responsável afirmou que não se trata de modificações radicais, mas sim reajustamentos com melhores condições de trabalho, para os órgãos de informação. «Temos de dar aos profissionais da informação, que participam no festival e que contribuem para o êxito do certame, melhores facilidades para trabalhar», disse.

Enquanto não terminam as obras do novo pavilhão, previsto para 1982, o próximo Festival de Cannes terá uma sala maior para o trabalho dos jornalistas e centralização electrónica dos serviços de alojamento e de entradas nos cinemas.

A propósito de eleições

Espectáculo da Função Pública

Um espectáculo no Teatro Vasco Santana, a realizar hoje, às 21 e 30, em Lisboa, encerrará a campanha da lista A, candidata às eleições para os corpos gerentes do Sindicato da Função Publica do Sul, marcadas para o dia 29, depois de amanhã.

Naquele espectáculo, particularmente destinado aos trabalhadores da Função Pública e com entrada grátis, participarão o Quarteto Zimbalino, Jose Viana e Dora Leal, Carlos Paredes, Carlos Mendes e José Carlos Gonzalez.

A estrear em Março

Uma peça inédita de Romeu Correia pelo Grupo de Campolide

Uma peça inédita de Romeu Correia – «A Recta-Guarda» – é o novo original portuguê que o Grupo de Campolide está a ensaiar para apresentar em estreia em Março, no teatro da Academia Almadense.

A peça que terá encenação de Joaquim Benite, será interpretada por Alfredo Sobreira, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Alberto, Carlos Santos, Ema Paul, Fernanda Montemor, Luísa Ortigoso e Teresa Gafeira.

Ao mesmo tempo, com encenação de Joaquim Benite e José Martins, entrou em ensaios o original de Maria Rosa Colaço «Espanta Pardais» para o público mais jovem. Esta peça será interpretada por Alberto Quaresma, Fernando Louro, Manuel Luís, Maria Henriqueta, Marta Bettencourt, Ricado Almeida e Silva Heitor.

O Grupo de Campolide é a companhia teatral portuguesa que mais dramaturgos nacionais tem apresentado e á à sua actividade, que se deve nomeadamente a estreia de dois autores: Virgílio Martinho e José Saramago. Nos planos da companhia está ainda um outro original português: a peça inédita «Viagem a Damasco» de Norberto Avila, o autor de «Historia de Hakim».

Romeu Correia, autor de «O Vagabundo das Mãos de Oiro», «O Cravo Espanhol», «Jangada» e muitas outras peças, é um dos mais importantes autores de teatro portugueses contemporâneo e as suas obras foram representadas com êxito por diversas companhias nacionais, encontrando-se algumas delas traduzidas em diversos idiomas. «A Recta-Guarda», um dos últimos textos de Romeu Correia, ainda inédito, descreve a vida de uma família da pequena burguesia empenhada na resistência antifascista durante os anos cinquenta. Na linguagem teatral que lhe é peculiar, em que o cómico e o trágico se aliam com aparente simplicidade, Romeu Correia traça o quadro de uma pequena história doméstica no interior da história da luta política, aproximando-se do «teatro do quotidiano» sem se afastar, no entanto, do seu estilo tradicional, caracterizado pela pintura de tipos e situações.

Em virtude dos ensaios destas peças, o espectáculo actualmente em cena «Que Farei com este Livro?» de Jose Saramago, com encenação de Joaquim Benite e interpretação de Canto e Castro, passa a ser apresentado apenas aos fins-de-semana: sexta-feira às 21.30, sábados e domingos às 16 e 21.30.

Festival de Teatro Bernardo Santareno

Um «festival de teatro» dedicado a Bernardo Santareno, dramaturgo recentemente falecido, decorrerá em Faro de 21 a 27 de Março.

Estão programados vários espectáculos, com destaque para a representação da peça «A Promessa», a cargo do Grupo de Teatro Lethes.

Simultaneamente decorrerão colóquios e conferências sobre o teatro português.

As datas previstas de início e encerramento, coincidem com as do Dia Mundial do Teatro e do Dia do Teatro Amador.

Colóquio internacional em Lisboa

'O liberalismo na Península na 1.ª metade do século XIX'

Realiza-se em Lisboa, nos proximos dias 11, 12 e 13 de Fevereiro, um coloquio internacional subordinado ao tema «O liberalismo na Peninsula na 1.ª metade do sec. XIX». As sessoes terao lugar no edificio da Fundaçao Calouste Gulbenkian que, com a Junta Nacional de Investigaçao Cientifica e Tecnologica, subsidiou aquela realizaçao.

A iniciativa do coloquio pertence ao Centro de Estudos de Historia Contemporânea Portuguesa do Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, sendo a respectiva comissao organizadora formada por três dos seus membros: professora doutora Miriam Halpern Pereira e drs. Fátima Sá e Melo Ferreira e Joao B. Serra.

O coloquio contará com a presença de cerca de 40 investigadores, franceses, espanhois e portugueses, que apresentarao comunicaçoes sobre diversos temas. Entre os participantes encontram-se os professores Pierre Vilar (Sorbonne), Albert Silbert (Clermont Ferrand II), Georges Boisvert (Universidade de Paris III), Josep Fontana (Universidade Autonoma de Barcelona), Miguel Artola (Universidade Autonoma de Madrid), Antonio M. Bernal (Universidade de La Laguna, Canárias), Jaume Torras (Universidade de Saragoça), Jose Augusto França (Universidade Nova de Lisboa), Joel Serrao (Universidade Nova de Lisboa), J. S. da Silva Dias (Universidade Nova de Lisboa), Armando Castro (Faculdade de Economia do Porto), Miriam Halpern Pereira (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa) e Jose Manuel Tengarrinha (Faculdade de Letras de Lisboa).

O coloquio será aberto a todos os interessados que, para o efeito, se poderao inscrever para o Centro de Estudos de Historia Contemporânea Portuguesa, ou no proprio dia 11, pelas 9 horas, na Fundaçao Gulbenkian.

FITEI-81 será em Novembro

O próximo FITEI (Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica) já tem data marcada. Terá lugar entre 7 e 22 de Novembro, no Porto, como vem sendo hábito. Foi o Secretariado da Cooperativa FITEI que, numa das suas últimas reuniões, assim deliberou.

Neste sentido, foram já levadas ao conhecimento dos diversos departamentos governamentais, organismos oficiais e instituições particulares, que normalmente têm vindo a subsidiar aquele grande acontecimento cultural, as decisões tomadas e solicitados os respectivos apoios financeiros, de modo a poderem evitar-se os atrasos verificados na concessão dos subsídios e a obter-se a participação dos mais prestigiosos grupos de teatro de expressão ibérica.

A organização pretende, este ano, proceder à selecção dos grupos participantes através dos espectáculos gravados em video, pelo que está a tentar obter o material indispensável para o efeito, destinado à sua videoteca, que passará a estar integrada no Centro de Informação e Documentação Teatral, criado na cooperativa de acordo com os seus estatutos.

Finalmente em português

Isidore Ducasse e o Conde de Lautreamont

Um texto de Raoul Vaneigem sobre «Isidore Ducasse e o Conde de Lautreamont nas Poesias» acaba de aparecer nas livrarias traduzido em português.

Trata-se de um estudo que surgiu em Bruxelas em 1956 e no qual, Vaneigem retoma problemas inúmeras vezes levantados a propósito da relação entre os dois livros do Conde de Lautreamont, «Cantos de Maldoror» e «Poesias».

Vaneigem conclui que as poesias de Isidore Ducasse – verdadeiro nome do conde – não representam a negação formal dos cantos nem o seu prolongamento mas que constituem um salto qualitativo.

A edição inclui a correspondência de Lautreamont, também até hoje inédita em português.

Raoul Vaneigem foi um dos principais animadores da Internacional Situacionista, movimento dos anos 50/60 que aprofundou o marxismo e a teoria revolucionária em geral e que teve influência decisiva nas contestações da década de sessenta, das quais Maio de 68 em França é o ponto culminante.

Muitos dos seus livros têm sido traduzidos em português após o 25 de Abril, nomeadamente aquele que reúne o principal do seu pensamento, «Traité de Savoir-Vivre à L'Usage des Jeunes Generations» («A Arte de Viver para a Geração Nova»).

Em 1978 publicou «História Desenvolta do Surrealismo», uma análise inovadora do trabalho e do percurso dos surrealistas.

«Isidore Ducasse e o Conde de Lautreamont» é uma edição antígona e aparece traduzida sob o pseudónimo de Silva de Viseu.

Em Aveiro

Retrospectiva de cinema amador

Dezassete filmes do escritor e cineasta amador Vasco Branco, compoem as três primeiras sessoes de um ciclo de cinema amador que sábado à noite se iniciou em Aveiro.

Organizada pelo Circulo Experimental de Teatro (CETA), com recolha e selecçao do critico Gonçalves Lavrador, esta «Retrospectiva do Cinema Amador do Distrito» inclui a passagem de um total de trinta e seis peliculas da responsabilidade de dez cineastas da regiao.

«Figuras e Abstracto», concluido em 1959, e «A Escola de Belas Artes do Porto», de 1980, sao, respectivamente, o primeiro e último filmes de Vasco Branco a projectar na retrospectiva sobre a sua obra cinematográfica.

O cineasta conta com mais de três centenas de troféus internacionais, obtidos em diferentes pontos do mundo, entre os quais 15 grandes prémios e cerca de seis dezenas referentes a primeiros lugares em festivais de cinema.

«Considero que a minha actividade como cineasta nao se justifica se continuar a trabalhar como amador», disse o realizador que revelou nao tencionar produzir mais filmes por «nao ter condiçoes económicas para fazer cinema profissional».

O seu romance «Os Vagabundos Ilustrados», assemelha-se a uma pré-planificaçao cinematográfica, disse, adiantando ser possivel vir a rodar uma película sobre esse tema «caso encontre meios financeiros e gente à altura de colaborar na producao».

Nove obras literárias, entre conto, novela e romance, compõem os trabalhos escritos de Vasco Branco que, em 1979, mereceu o prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores com o romance «Os Generosos Delirios da Burguesia».

A Retrospectiva do Cinema Amador do Distrito de Aveiro encerra a sete de Março e conta também com realizaçoes de Vasco Afonso, Joao Augusto, Antónuo Campos, Manuel Paula Dias, António Tavares de Sousa, Manuel Bandarra, Maria da Conceiçao, Maria José e Matos Barbosa.

As seis sessoes que preenchem a organizaçao têm lugar aos sábados à noite no Teatro de Bolso do Ceta.

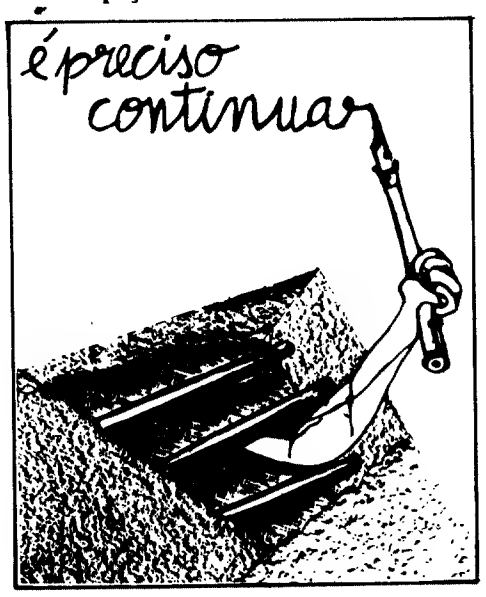
TEATRO ABERTO

P. de ESPANHA (metro: PALHAVÃ) telefone: 77 09 69

grupo 4

APRESENTA

Todas as noites de terça a sexta-feira às 21,45.
Sábados às 16 e 21,45.
Domingo espectáculo único às 16 horas.
Segunda-feira folga da companhia.
A peça...



de JOÃO RIBEIRO CHAVES NETO
reescrita por LUÍS FRANCISCO REBELLO
encenada por MORAIS E CASTRO
figurinos de VERA CASTRO
com
LÍDIA FRANCO/ LINDA SILVA
ALEXANDRE MELO/ LUÍS ALBERTO
MANUEL MENDONÇA/
VASCONCELOS VIANA
Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos.
Este espectáculo não é subsidiado.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
CENTRO CULTURAL
CASA DA CRIANÇA

ATELLIERS LIVRES

ABERTAS INSCRIÇÕES
DOS 6 AOS 18 ANOS
- OFICINA DE DRAMA
- FANTOCHES
- TAPEÇARIA
- EXPRESSÃO PLÁSTICA
- MOVIMENTO
- ILUSIONISMO
- HORTO/FLORICULTURA
- ECOLOGIA

A FUNCIONAR TODOS OS SÁBADOS DAS 9,30 ÀS 12 HORAS

INSCRIÇÕES LIMITADAS DAS 15 ÀS 20 HORAS
NA COMUNA
PRAÇA DE ESPANHA
M/PALHAVÃ
TELEF. 76 26 24

- ATELLIERS GRATUITOS -

Sindicato Livre do Norte dos Trabalhadores de Armazém (abrangendo os distritos de Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Aveiro e Viseu)

Rua de Camões, 219-6.º – Tel. 381215 – PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

Avisam-se todos os associados deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos estatutários, que as eleições para os corpos gerentes para o biénio 1981-1983 se realizam no próximo dia 28 de Março do corrente ano.

Porto, 26 de Janeiro de 1981

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral
Augusto de Oliveira Ferreira

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21,45 h

DE WOLFGANG BORCHERT
3.º mês
últimas
DOMINGO SÓ ÀS 16H
2.ª FEIRA DESCANSO
PRAÇA DE ESPANHA • M. PALHAVA
TEL 76 26 24 – SUB. DA SEC

sm

SINDICATO DOS MÉDICOS DA REGIÃO SUL
(SEDE PROVISÓRIA)

Av. Almirante Reis, 182, R/C.-E – 1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do Artigo do Estatuto do Sindicato dos Médicos da Região Sul, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 13 de Fevereiro de 1981, às 21 horas, no Anfiteatro do Hospital de D. Estefânia, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Posição do Sindicato dos Médicos da Região Sul, perante a Proposta Reivindicativa imediata — PRI — da Função Pública.

NOTA — **Nos termos do Artigo 27.º dos Estatutos, a Assembleia acha-se constituída logo que esteja presente a maioria dos sócios do Sindicato. Passada uma hora após a indicada na Convocatória, poderá funcionar com os sócios presentes, seja qual for o número.**

Lisboa, 26 de Janeiro de 1981

o presidente da Mesa da Assembleia
(ilegível)

1.ª CONSERVATORIA DO REGISTO CIVIL DE LISBOA

ANUNCIO

Faz-se saber que Ceserinda Domingas Pereira, solteira, natural de Lisboa freguesia de Santa Engrácia, filha de António Faria Pereira e de Olivia Domingas Caetano, residente na Rua Rui Barbosa, n.º 47-1.º direito, nesta cidade, requereu a alteração do seu nome para ANA MAFALDA DOMINGAS PEREIRA, pelo que são convidados quaisquer interessados a deduzirem a oposição que tiverem, devidamente fundamentada, perante a Conservatória dos Registos Centrais, no prazo de trinta dias.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1981.

O Conservador,

(Elísio José Barrilaro Fernandes Ruas)

FOTOCOPIAS
DESDE $60
Encadernações, plastificações e trabalhos em offset
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 53 50 40

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença de exploração em Portugal da patente de invenção n.º 49 470 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE FUNGICIDAS PARA USO AGRÍCOLA, À BASE DE FOSFATOS DE AMINOALCOILO»

TRATA: CLARK MODET & C.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

Canal da crítica

Mário Castrim

RTP importa teatro e não se importa

O teatro em língua portuguesa continua a ser o grande esquecido da Televisão.

Não se encontram razões convincentes. Actores em disponibilidade existem, realizadores experimentados também. Questões de verba (a epidemia tradicional) não pegam, quando nos lembramos que a criação de uma peça na TV não exigiria à estação maior dispêndio do que a transmissão de um desafio de futebol.

Nem avance ninguém com motivações de rendabilidade. Os milhões de espectadores **via TV** garantem a produtividade do capital investido. Acrescentaremos ainda os reflexos culturais dos teleteatros, a propaganda que eles espalham. O teleteatro, não substitui o teatro ao vivo. Não é concorrente: é complementar. Não o esvazia: incentiva-o.

Infra-estruturas? Não venham com essa. Melhores nunca foram e já tivemos uma razoável produção em termos de quantidade.

O problema é doutra ordem. Ordem cultural, social, política.

A RTP tem medo do teatro.

Seleccionar e censurar

Opta pelas produções estrangeiras. Vindas do Brasil, porque a censura lá existe e é eficiente, o que evita fazer-se a censura cá. E cómodo, é prático, é simples.

Vindas de França ou da Inglaterra porque a língua representa um grande escolho, isto de andar durante duas horas e mais atrás das lebres com velocidade supersónica, fatiga. E ao fatigar, expulsa. Quer dizer: selecciona.

Estamos aqui na presença de uma forma altamente sofisticada de fazer censura.

Fé e luta de classes

Pois é. Enquanto os responsáveis pela programação e produção digerem, nas calmas, as suas promessas de teatro português, as produções estrangeiras continuam. Pelos modos, continuarão.

Ontem ofereceu a RTP uma sessão de luxo: a peça «Lutero», de Osborne. Estamos face a uma obra deusa, onde cada gesto e cada palavra tem seu peso, seu valor próprio. Tudo o que nos distrai redunda em dificuldade na conquista dos horizontes.

«Lutero» parece ter sido escolhida de propósito para a reflexão na «Semana da Unidade» celebrada pela Igreja Romana. Ela recorda alguns temas e algumas situações que enfraqueceram o catolicismo e provocaram as cisões da Inglaterra, Escócia, Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia, Suíça, Holanda e parcialmente da Alemanha e da Hungria. Apesar de João XXIII, a Igreja Romana, com sede no Vaticano, parece não ter evoluído o suficiente para oferecer garantias aos outros ramos do cristianismo: a igreja ortodoxa e o protestantismo. E a verdade é que, em lugar de conjurar as divisões, a Igreja Romana se vê confrontada com novos perigos que se prendem com diferentes opções dos seus membros.

Nem a fé se esquiva à luta de classes.

Esta palavra cultura...

Osborne procede ao levantamento de uma personalidade sem se prender demasiado à relaçao sociedade-ideologia, colectividade-indivíduo. Surge-nos um Lutero possesso de si próprio e da sua verdade, movido pela força motriz de uma poderosa convicção que lhe confere uma quase auréola de divindade. Marx assinalava que **Lutero recusou a submissão por devoção, substituindo-a pela submissão por convicção.** Na peça de Osborne, estas palavras de Marx, poderiam servir, digamos, como fio condutor.

Outras linhas essenciais do carácter de Lutero ou da Reforma por ele desencadeada se encontram nitidamente desenhadas por Osborne: a salvação do homem dependente da sinceridade da sua fé e não das «boas obras» que ele cumpra; a fonte da verdade religiosa encontra-se no Evangelho e nunca na «tradição sagrada» (vontade do Papa, concílios da Igreja, intervenção dos padres, etc); a influência do pensamento do Lutero no reforço do carácter nacional das nações burguesas e no sentido da responsabilidade individual que abre caminho às liberdades democrático-burguesas e ao combate contra a servidão feudal.

Seria interessante avaliar as repercussões de uma emissao como esta, num país onde a «tradição sagrada» possui uma tão grande força real, onde a «servidão por devoçao» ainda vence a «servidão por convicção». Sem grandes ilusões, aliás. A peça não tinha a facilidade linear da «Dona Xepa», o inferno das legendas afastava grande parte da audiência – e tudo se terá passado naquela franja dos eleitos mais dados ao culto real de uma estranha palavra chamada cultura...

Em tempo: a locutora referiu-se sempre ao «Lutero» como se fosse uma série. Não era. Um erro qualquer tem. Só espanta que **ninguém** na RTP haja dado por ele a tempo de um esclarecimento!

Se isto é trabalho de equipa, então antes quero o belindre.

J. MARQUES
Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuaise colectivas
Tel. 573559 - 577706

Hoje

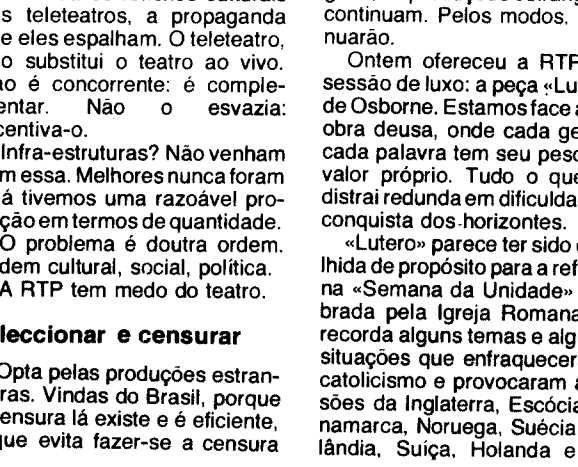
Jane Birkin e seu marido Serge Gainsbourg, que esta noite juntamente com Claude François, Clodettes, Françoise Hardy, Jacques Dutronc, Ballet Africano e Coluche, actuam no programa Canções e Baladas, na RTP-1

RTP-1

18.25 **Sumário**
18.30 **Tempo dos Mais Novos**
19.00 **Paí, País**
19.25 **Desporto Regional**
20.00 **Telejornal**
20.30 **«Dona Xepa»** – episódio n.º 119.
21.00 **O Tempo**
21.05 **Canções e Baladas**
22.35 **Zoom** – programa da Direcção de Informação.
23.35 **24 Horas**

RTP-2

20.30 **Espaço Jazz** – com a participação de Pony Poindexter.
21.30 **Informação/2**
22.00 **Cine Clube/2** – «Vento de Inverno».

TRIUNFO
PERCORRENDO TODA A DISTÂNCIA QUE VAI DA FARSA SURREALISTA À MAIS DURA TRAGÉDIA SORDI NA MAIOR DEMONSTRAÇÃO DO SEU EXTRAORDINÁRIO TALENTO
–IL MESSAGERO
A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA ATINGE NESTA OBRA A SUA MELHOR E MAIS FORTE EXPRESSÃO.
–IL TEMPO
UM DOS MELHORES FILMES RECENTEMENTE PRODUZIDOS EM ITÁLIA.
–LA SICILIA
O PEQUENO BURGUÊS
"un borghese piccolo piccolo"

O burlesco, o humor e o drama na vida de um homem comum.
com
SHELLEY WINTERS / ALBERTO SORDI / ROMOLO VALLI
um filme de MARIO MONICELLI
Colorido
HOJE ESTREIA ÀS 21,45
SATÉLITE
NÃO ACONSELHAVEL A MENORES DE 18 ANOS

É MENINO OU MENINA?

O melhor espectáculo do ano Prémio Assoc. Críticos
3.ª A SAB 21H45 DOM (só) 16H
m. 13 anos Telef. 686300 (sub SEC)
A BARRACA R. ALEXANDRE HERCULANO 70

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Rua Infantaria 15 N.º 55 C 1300 LISBOA

ALGARVE
Terrenos rústicos
Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 70 000$00. Telefone 94 11 13 (horas de expediente).

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205
teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia
NÃO SE PAGA! NÃO SE PAGA!
de Dario Fo
Todos os dias às 21.30
Domingo às 17 horas
Segunda - descanso
... e, de facto, impagável.
C. Porto – D.L.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
ANUNCIO
2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 13.º Juízo, nos autos de execução de sentença n.º 88/79, respeitantes ao executado, VITOR JUNÇA, residente na Rua dos Fanqueiros n.º 257-3.º Esq.º em Lisboa, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e ultima publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução que lhe move, ANABELA CARVALHO DE MARTINS, residente na Calçada do Livramento-Páteo 15 — Porta 67 em Lisboa.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1981

O Juiz
Artur Manuel Ventura de Carvalho
O Escriturario
Teotilio Antonio F. Alvorada

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
RTP-1
Canções e Baladas (21.05)
RTP-2
«Vento de Inverno» (22.00)
ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

RTP-1

Das **13.20** às **17.20**: Ciclo Preparatório TV; **18.27**: Sumário; **18.30**: Tempo dos Mais Novos; **19.00**: País, País; **19.25**: Autores Portugueses; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «Dona Xepa» – episódio n.º 120; **21.00**: O Tempo; **21.05**: Vamos Jogar no Totobola; **21.15**: «O Restaurante de Alice»; **23.20**: 24 Horas.

RTP-2

20.30. Desporto, **21.30**: Informação/2; **22.00**: No Rasto de...; **22.30**: Contos Fantásticos – «O Defunto».

Que farei com este livro?
DE JOSE SARAMAGO
encenação de JOAQUIM BENITE
com CANTO E CASTRO no papel de Luís de Camões
GRUPO DE CAMPOLIDE Tel 2752178 ACADEMIA ALMADENSE

ROTEIRO CULTURAL

Exposições

Toda a obra de fotomontagem do artista alemão Klaus Staeck estará patente em Lisboa, na Cooperativa Diferença, a partir do próximo dia 5 de Fevereiro.

Klaus Staeck trabalhou com Wolf Vostell e Joseph Beyus, tendo participado nas principais manifestações alemãs e internacionais sobre as relações entre a arte e a sociedade. Staeck editou desde 1970 milhares de cartazes, postais, autocolantes e diapositivos.

Henrique Silva na Galeria Tempo. O artista, integrado no movimento artístico de Paris, onde viveu 20 anos, tem-se dedicado ultimamente, no nosso país, à pintura e à video-arte. O Grupo Alvarez realiza agora uma exposição das suas obras na Galeria Tempo, Rua Nova de S. Mamede, 17, Lisboa. A exposição estará aberta até ao dia 15 de Fevereiro, diariamente (excepto às segundas-feiras), das 15 às 20 horas.

Maria Fernanda Amado no Estoril. Encerna hoje, na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma exposição da pintora Maria Fernanda Amado, que apresenta quatro dezenas de óleos da sua produção mais recente.

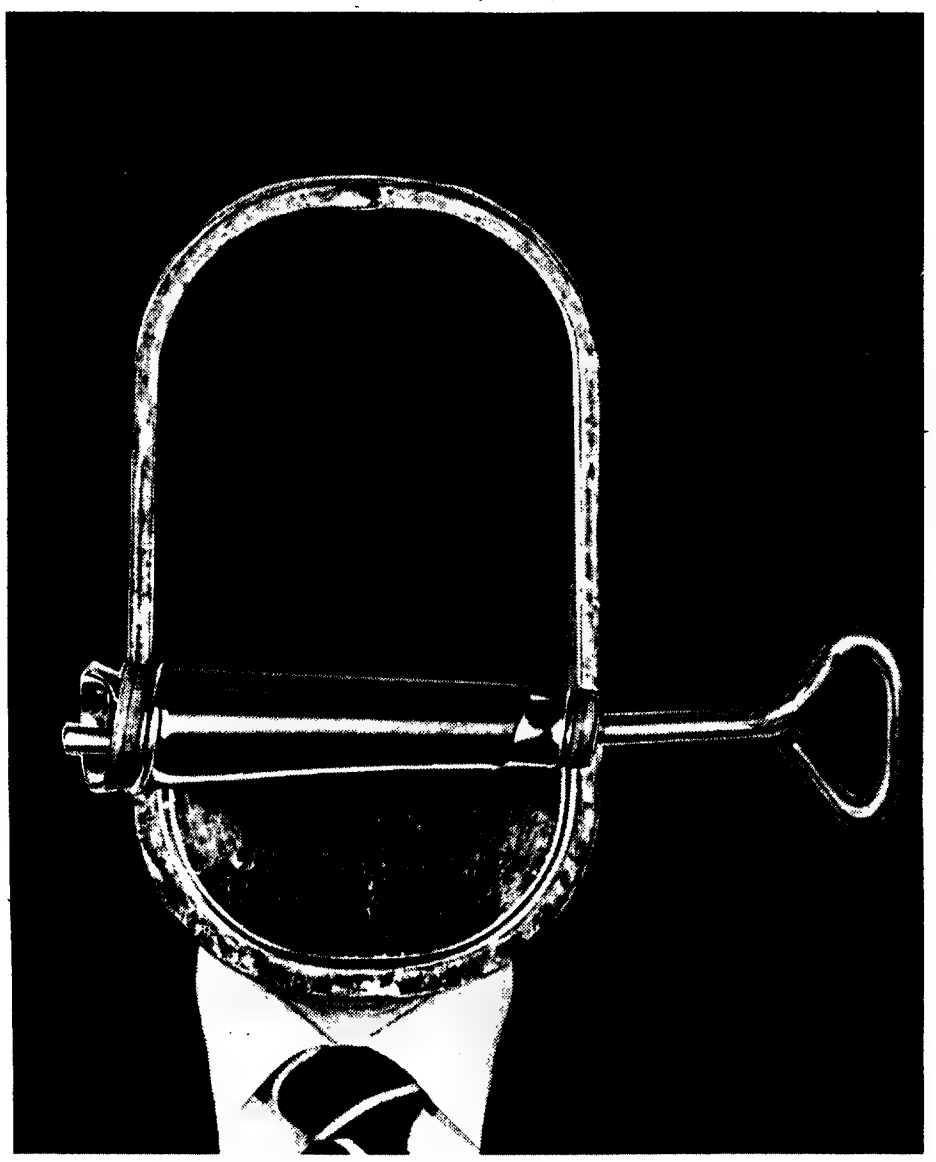
Trinta e cinco artistas expõem desenhos na Galeria de S. Francisco. São eles: Alvaro Perdigão, António Carmo, António Duarte, Arnaldo Figueiredo, Artur Bual, Artur José, Boavida Amaro, Carlos Amado, Cipriano Dourado, Cruzeiro Seixas, Dorita Castel-Branco, Francisco Relógio, Gil Teixeira Lopes, Gonçalo Duarte, Gracinda Candeias, Isabel Laginhas, João Paulo, João Vieira, José Cândido, Lagoa Henriques, Louro Artur, Luis Dourdil, Luís Filipe de Abreu, Luis Gonçalves, Manuel Cargaleiro, Manuel Lima, Maria Lucília Moita, Mário Cesariny, Martins Correia, Matilde Marçal, Pedro Saraiva, Pereira Gonçalves, Raul Perez, Tomás de Melo (Tom) e Ofélia Marques. A mostra, que estará patente de 2.ª a 6.ª-feira, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas (ao sábado das 10 às 13), encerra no dia 13 de Fevereiro.

Continua aberta a 1.ª Exposição Bibliográfica e Iconográfica Camoniana. Na Sala Camões da Sociedade de Língua Portuguesa, rua de S. José, 41-2.º, conti-Rua patente ao público, até 30 de Janeiro, de 2.ª a 6.ª feira, das 13 às 19.30 h, a 1.ª Exposição Bibliográfica e Iconográfica Camoniana, com apresentação de 158 obras, algumas das quais raríssimas.

Educação artística

Um curso de formação de artes plásticas com a duração de três anos vai funcionar a partir do próximo dia 1 na Associação Recreativa de Coimbra Artística (ARCA).

Este curso, que conta já com sessenta inscrições, destina-se aos que concluíram o décimo primeiro ano de escolaridade e a responder às necessidades do ensino preparatório no que diz respeito aos professores de educação visual.



Klaus Staeck – a fotomontagem na linha do dadaísmo

Escultura, tapeçaria, desenho, pintura, cerâmica, serigrafia, gravura, história de arte, e movimentos literários, francês e inglês, constituem as matérias a serem leccionadas.

A ARCA pediu a sua oficialização ao Ministério da Educação e Cultura, do qual aguarda também um subsídio para a sua manutenção.

Cinema de animação canadiano no Porto

Iniciou-se ontem, no Porto, uma «Semana do Cinema de Animação Canadiano». A iniciativa, que tem a colaboração da embaixada do Canadá, é do núcleo de animação da Escola Superior de Belas Artes, criado há dois anos.

As sessões, con entrada gratuita, realizam-se às 14 e 30 e 21 e 30 horas de terça, quarta e quinta-feira, às 14 e 30 de sexta e às 10 horas de sábado.

Música

Sequeira Costa vai orientar um curso na Gulbenkian, de 3 a 7 de Fevereiro. O período de inscrição foi marcado entre 19 e 30 do mês corrente.

Ao alcance das mãos é um espectáculo de canções e poesia que Samuel, Helena Isabel, Nuno Gomes dos Santos e Alberto Albuquerque vão apresentar na Cooperativa do Povo Portuense, nos dias 6, 7 e 8 de Fevereiro, às 21.45, com o apoio da Seiva-Trupe.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇOES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52$75	57$75
ALEMANHA FED. (marco)	26$15	27$25
AUSTRIA (xelim)	3$60	3$80
BELGICA (franco)	1$562	1$662
BRASIL (cruzeiro)	$666	$916
CANADA (dólar notas de 1 e 2)	44$75	46$75
(notas de 5 a 1000)	45$25	47$25
DINAMARCA (coroa)	8$50	8$90
ESPANHA (peseta)	$628	$728
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	53$30	55$30
(notas de 5 a 1000)	53$80	55$80
FINLÂNDIA (marka)	13$65	14$25
FRANÇA (franco)	11$30	11$90
HOLANDA (florim)	24$10	25$10
INGLATERRA (libra)	129$60	133$60
IRLANDA (libra)	98$30	102$30
ITALIA (lira)	$050	$060
JAPAO (iene)	$241	$271
NORUEGA (coroa)	10$05	10$55
SUECIA (coroa)	11$90	12$50
SUIÇA (franco)	28$95	30$05
VENEZUELA (bolivar)	10$75	11$75

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do Centro e Sul e pouco nublado ou limpo nas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR as 9 horas

V. DO CASTELO	5°
BRAGANÇA	-1°
VILA REAL	1°
PORTO	8°
P. DOURADAS	5°
COIMBRA	8°
C. CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	9°
EVORA	9°
SINES	12°
BEJA	8°
SAGRES	14°
FARO	13°
P. DELGADA	16°
FUNCHAL	16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.37 **3,5 m**	0.49 **1,7 m**
20.07 **3,3 m**	13.25 **1,7 m**
Dia 28	
8.29 **3,3 m**	1.44 **1,8 m**
21.09 **3,2 m**	14.25 **1,9 m**
Dia 29	
9.39 **3,2 m**	2.54 **2,0 m**
22.24 **3,2 m**	15.37 **1,9 m**

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo nas regiões do Norte e muito nublado nas regiões do Centro e Sul; Vento fraco ou moderado de Sueste; Formação de geada nas regiões de Nordeste.

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.46
OCASO ÀS 17.54

DIA 28 DIA 4 DIA 11 DIA 18

rádio

1.º Programa

17.00: «Velhos sao os Trapos»; **17.30:** Sem Margem, **18.30:** Na Pista de Camoes, **19.00:** Titulos do «Jornal da Noite» **19.30:** «Jornal da Noite» «Espaço Musical», **21.30:** Folhetim «O Primo Basilio», de Eça de Queiroz, **22.00:** «Programa da Noite», **23.30:** Titulos do «Jornal da Meia Noite», **24.00:** «Jornal da Meia Noite»

2.º Programa

15.30: Que quer ouvir? - Bailado da opera «Idomeneu» de Mozart, pela Orquestra da Opera de Viena - Opera em 2 actos «A Italiana em Argel», de Rossini Coro e Orquestra do Maio Musical Florentino, **18.00:** Musica Portuguesa, **19.00:** Terra Viva Planeta Azul um programa sobre Ecologia, **19.30:** Musica de Telemann. - Concerto em La Maior, pela Orquestra «Schola Cantorum», de Basileia, **20.00:** «Na pista de Camoes»; **20.20:** Musica sinfonica de Schubert, Beethoven e Mozart, **21.30:** Música; **22.30:** O Gosto pela Musica pelo dr João de Freitas Branco, **23.00:** Intercâmbio Musical. Festival Internacional de Musica em Lucerna, 1980 – gravaçoes cedidas pela Sociedade Suiça de Radiodifusao e Televisao Estúdios de Basileia Concerto pela Orquestra Suiça do Festival. 1.ª parte – «Lidice» (de 1943), de Bohuslav Martinu – Sinfonia n.º 6, em si menor, op. 74 «Sinfonia Patética» de Tchaikowsky. Intervalo: – Música de Cravo, peças do Livro IV-24.ª ordem, de François Couperin. 2.ª parte – «Stabat Mater», op 53, para soprano, contralto baritono, coro e orq.ª. **01.00:** Fecho

RADIO COMERCIAL (290 m)

17.03: Contacto, **17.40: e cientifica; 18.40:** Nuno Martins; **19.30:** Actualidade cientifica, **19.45:** Teatro tragico, **20.03:** Quando o Telefone Toca (1.ª edição), **20.30:** Desporto, **21.03:** Novas de Alegria, **21.17:** Nucleo Cristao; **21.30:** Quando o telefone toca (2.ª edição); **22.03:** Quando o telefone toca (3.ª edição) **22.30:** Portugal e a CEE **23.05:** Ponto final

RC. FM-ESTEREO (97.4 MHz)

16.03: Rock em Stock, **18.05:** Circulo em FM, **19.03:** Em Orbita, **20.05:** Musical, **21.03:** Abandajazz, **22.03:** Cafe concerto

RADIO RENASCENÇA

17.00: Jornal da Mulher, **18.15:** Igreja em noticia; **18.25:** Palavra do dia; **18.30:** Transmissao do Terço (Igreja de S. Joao de Brito), **19.00:** Programa da LAR, **20.00:** 60 minutos; **21.00:** Pentagrama, **21.30:** Diálogo e Vida (Curso de Cultura Religiosa); **22.00:** Quando o telefone toca, **22.30:** Actualidade económica; **22.50:** Curso de inglês, **23.00:** Meta final, **23.55:** Fecho

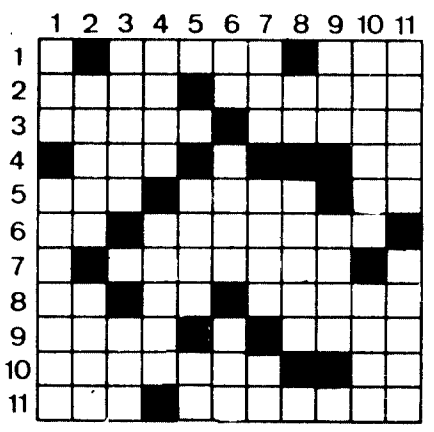
Tiragem média diária do mês anterior: 48.364 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 12 838

HORIZONTAIS

1 **Tombara. Fileira**
2 **Ave de rapina. Caminhais.**
3 **Mulher que tem os olhos azuis. Avarenta.**
4 **Sadio. Segundo.**
5 **Botequim. Bebida usada no Peru. Ósmio (sq).**
6 **Zomba. Introduziras.**
7 **Abundância.**
8 **Vossa Alteza. Gálio (sq). Saburra na lingua.**
9 **Apertar molhos. Ecoar.**
10 **Borrifaria. Basta.**
11 **Pega. Trepam.**



VERTICAIS

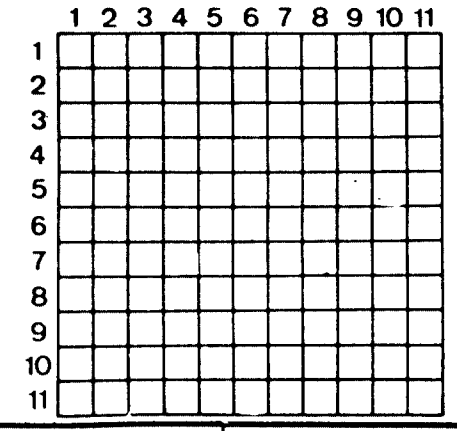
1 Executa. Valentia.
2 Uni por casamento. Procedes
3 Enrubescer. Nome de letra.
4 Qualquer porçao de uma curva Descarnadas.
5 Tempo do verbo ser Ilha francesa no oceano Atlântico.
6 Rádio (sq). Médico inglês célebre pelos seus estudos sobre as vértebras lombares. Suspiros
7 Nome de mulher Criminosos Antes de Cristo.
8 Quinhentos e cinco em romano Cidade de França.
9 Três vogais iguais. Ilha do Pequeno Belt.
10 Nome de flores. Roi.
11 Guarneceis de asas. Habitam.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8898

HORIZONTAIS

1 **Cunho. Farinha cozida com água ou leite.**
2 **Limpar metais. Animal da classe dos acarideos.**
3 **Partida. Um dos dois ossos que formam a cana do nariz.**
4 **Senhor. Gorgulho tropical. Ruim.**
5 **Duna na Suécia. Apelidò.**
6 **Nome de letra (inv). Nome de um peixe do Brasil.**
7 **Região montanhosa da Asia Central Rússia e Afeganistão. Lavrava.**
8 **Atomo. Executa. Bismuto (sq). (inv).**
9 **Nome de flores. Oficio divino.**
10 **Dê marradas. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday**
11 **Clima. Ósmio (sq). Rio de França.**



VERTICAIS

1 Cidade de Itália. Cidade de Itália.
2 Ave trepadora. Levar à toa.
3 Monarca. Preposição. Senhor.
4 Pronome indefinido. Gaita.
5 Jarro (planta) Roces.
6 Zombas
7 As velas de um navio. Seguia. Dois mil e um em romano.
8 Fedor. Rias sem ruido.
9 Utensílios domésticos. Falda. Senhora
10 Lavram. Aconselhar
11 Relativo ao sol Derribe

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 837

HORIZONTAIS:

1 Cravas. Móis
2 Matos.
3 Rs. FAVOR. Lo.
4 Goa. Res COM
5 Aureo Opera.
6 Ra Sr
7 Sa.Val. Aa
8 Pa FAVOR SE.
9 Arão. Upar.
10 Garra Síria
11 Asi Riamos.

VERTICAIS

1 Cargas. PAGA.
2 Sou. Saras.
3 Ab. Arrá. Ari.
4 Ea. For
5 Amaro. VA. Ar.
6 Save Lava.
7 Toso. Lo. Sa.
8 Mor. Ps. Ruim.
9 Os Cera Pró.
10 Por. Asais.
11 Salmao. Era.

Provérbio: FAVOR COM FAVOR SE PAGA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8897

HORIZONTAIS

1 Prisioneiro.
2 Oiros. Orais.
3 Roeram. SSS.
4 Nababo. Oó.
5 Até. Elar.
6 Sr. Pl. Latão.
7 Adi. Bara.
8 Aliava. Aar
9 Chamariz. Ra.
10 Rabos. Ao. As.
11 Osos. Ois.

VERTICAIS

1 Portas. Acra.
2 Rio. Tralha.
3 Irene. Diabo.
4 Sora. Piamos.
5 Isabel. Vaso.
6 Mal. Bar.
7 Nó. Bala. Ia.
8 Er. Orar. Zoo.
9 Ias. Taa
10 Risota. Aras
11 Osso. Obras.

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

MENDES GOMES – Cç. da Ajuda 222 (Tel. 638256); **ESTADOS UNIDOS** – Av. Est. U. América 16 B (Tel. 885859); **FIGUEIRAS** – Av. Marquês Tomar 20-22 (Tel. 44995); **SIMÕES** – Cç. Tojal 102 A (Tel. 749649); **ZIRA** – Pç. Casas Novas Lt. 66 (Tel. 311216); **DIMAR** – Rua Conde Monsaraz 17 B (Tel. 842533); **MARLUZ** – Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **CUNHA** – Rua Escola Politécnica 18 (Tel. 325455); **PINHEIRO** – Rua Presidente Arriaga 16 (Tel. 603054); **ALMEIDA NIFO** – Av. Comb. Grande Guerra 64 (Tel. 2112670); **LEITÃO** – Rua Guil. Gomes Fernandes 62 (Tel. 910051); **PIMENTEL** – Az. dos Bezouros Lt. R 8.

REFORÇO

TELES – Rua João de Barros 2 Frente (Tel. 638176); **ZIL** – Av. da Igreja 9D (Tel. 891780); **ONILDA** – Av. João XXI 13 A (Tel. 886848); **AZEVEDO, FILHOS** – Rossio 31 (Tel. 327478); **COMBRO** – Cç. Combro 78-82 (Tel. 326059); **OURIQUE** – Rua Freitas Gazul 32B (Tel. 671667); **ESTEFÂNIA** – Rua Pascoal de Melo 90 (Tel.44438); **CENTRAL DO LUMIAR** – Alm. Linhas Torres 254B (Tel. 790480); **LATINA** – Av. Ant. Aug. Aguiar 17A (Tel. 42312); **VITEX** – Est. de Benfica 373B (Tel. 780548); **ZEMA** – Rua Gen. Justiniano Padrel 21A (Tel. 832580); **CORREIA** – Est. Principal Lote 172 (Tel. 993148); **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro 6A (Tel. 970660); **NOVA** – Rua Açores 11A (Tel. 910305); **MATOS** – Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (Tel. 2519939).

Linha de Cascais

MALVEIRA DA SERRA – Luz – Até às 21 horas; **TIRES – Guimarães** – L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616) Até às 21 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.ª 40B (Tel. 2650363) Até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Rb.º (Tel. 2421015) Até às 21 horas; **CAXIAS – Nova** – R. Bernardim Ribeiro, 1A (Tel. 242839) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Até às 22 horas; **CARCAVELOS – Vilar** – Av. M.ª Conce.ª Lote 8 (Tel. 2470777) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Saboia, 29B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **OEIRAS – Alcântara Guerreiro** – P. Residencial dr. Augusto Castro, Lote 10 (Tel. 2430691) Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, lote 24r/c (Tel. 2478737) Até às 21 horas; **PAREDE – Alair** – Av. Gago Coutinho B.º Caixas Previdência (Tel. 2472948) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes** – Até às 21 horas; **MURTAL – Primavera** – R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278) Até às 21 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R. de Espinho, 1 (Tel. 260391) Até às 21 horas; **CASCAIS – Cordeiro** – Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170) Até às 21 horas; **A. Costa** – R. Freitas Reis, 24 C (Tel. 280214) Até às 24 e das 0 às 9 horas).

Outra Banda

ALMADA – Magalhães – R. Capitão Leitão, 8B (Tel. 2750242); **COVA DA PIEDADE – Rainha Santa** – Est. das Barrocas, 50 (Tel. 2494182); **LARANJEIRO – Feijó** – R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA – Carlos** – Av. do Mar, 34A – Quinta de St.º António (Tel. 2401060); **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO – Mascarenhas Neto** – R. Almeida Garret, 15 (Tel. 2076454); **AMORA – Julieta Campos** – R. Ribatejo, 2A (Tel. 2211131) Cruz de Pau; **SEIXAL – SOROMENHO** – R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTIJO – Montepio** – R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA – Central – Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210) Permanente; **MELO** – P. D. João I, 9B (Tel. 932756) Até às 22 horas; **DAMAIA – D. João V** – Av. Gurgel do Amaral, 2A (Tel. 970461) Permanente; **QUELUZ – Correia** – L. do Mercado, 3 (Tel. 950906); **CAMARATE – Santos Silva** – L. 25 de Abril, 135 C Apelação (Tel. 2513158); **CACÉM – Garcia** – Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181); **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est. Mem Martins 173 (Tel. 2914103) Permanente; **AGUALVA-CACÉM – Mira Sintra** – P. N. Torre, 310 Até às 20.30 horas); **MERCÊS – Claro Russo** – Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA – Simões** – Estefânia (Tel. 2930832) Permanente); **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088).

MOSCAVIDE – Varela – Av. Moscavide, 44 (Tel. 2518520). Permanente **SACAVÉM – Soares** – Tel. 2518025). Até às 22 horas

Porto

De dia e só até às 22 horas

CONTUMIL – Rua de Contumil, 540; **VAZ Teixeira** – Rua do Heroísmo, 56; **BIRRA** – Praça da Liberdade, 125; COSTA LIMA – Av. da Boavista, 855; **MARQUES DE MENDONÇA** – Rua do Ameal, 251; **MAFALDA** – Rua do Monte Cativo, 444; **CARDONA DOS SANTOS** – Rua D. Manuel II, 90; **ORIENTAL** – Rua do Bonjardim, 727; **SAÚDE** – Av. Combatentes da Grande Guerra, 689.

De dia e toda a noite

PASTELEIRA – Rua André de Resende, 92; **ALMEIDA CUNHA** – Rua Formosa, 327; **SAMPAIO** – Rua de Cedofeita, 636; **SÃO JERÓNIMO** – Rua de Santos Pousada, 622.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

OLIVAIS – Rua Bernardo de Albuquerque, 159. Tel. 72904; Lopes Rodrigues – Rua Fen. Tomás, 4, Tel. 22634.

AGFAMATIC 3000 flash pocket Uma ideia luminosa! Agfa

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
não acons. men. 13 anos
CÃES DA GUERRA
com Christopher Walker
SALA B
às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
não acons. men. 13 anos
STARDUST MEMORIES
(recordações com Woody Allen)

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Estreia às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Para todos
HEIDI E PEDRO
Colorido

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
ÀS 15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
Natassja Kinski-Peter Firth, Leigh Lawson
em TESS
13.ª semana
Às 00.30 h – Não acons. men. 13 anos
AMOR À PRIMEIRA DENTADA

AVIS 547163

Av. Duque d'Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 18 anos
REGGAE SUNSPLASH
a grande música negra
c/Bol Marley, Peter Tosh

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
BEM-VINDO, MISTER CHANCE
Um filme de Hal Ashby
Com Peter Sellers, Shirey MacLaire
e Melvyn Douglas
Technicolor
14.ª semana

CALEIDOSCOPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Walt Disney Productions apresenta
O LIVRO DA SELVA

Falado em Português
6.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
A história sensual
dum amor puro
A LAGOA AZUL
c/ Brooke Sheids e Christopher Atkins
2.ª semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
LAGOSTA AO PEQUENO ALMOÇO
Comédia com Claude Brasser, Enrico Montensano
A grande comédia do ano
5.ª SEMANA
Às 23.45h
int. m/18 anos
SANGUE SOBRE O CORPO DE JENNIFFER

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Int. men. 18 anos
Elas são fabulosas...
e você jamais as esquecerá!
ENTRE COXAS
Às 24 h – não acons. men. 18 anos
GOLPE BAIXO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinheiro Chagas
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
CRISTO PAROU EM EBOLI
A fronteira entre duas culturas
ÀS 24.15 horas – Int. m/13 anos
A CARGA DO BÚFALO BRANCO

CINE CAMOES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
GOLPE DE ESTADO
c/ Peter O'Toole e David Hemmings
Um filme de Martyn Burke

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
A história sensual
dum amor puro
A LAGOA AZUL
Com Brooke Shields e Christopher Atkins
Às 23.45 – N. ac. men. 18 a.
JOGOS PERIGOSOS

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
Às 15.30 18.30 e 21.30 horas
– Int. men. 18 a.
O ANTICRISTO
c/ cenas eventualmente chocantes

D. JOAO V 971794

Pr. Centro Comercial – Damaia
Às 21.30 – Int. men. 13 a.
O AGIOTA
Um filme de J. S. Balan

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
James Coburn, Omar Sharif e Rone Blakley em
O CAMPEÃO DE BALTIMORE
Um filme de Robert Ellis Miller, colorido
Não acons. men. 13 anos

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
ÀS 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
DIÁRIO DE UMA CRIADA DE QUARTO
O filme mais fascinante de Luis Buñuel
com Jeanne Moreau e Georges Geret
9.ª semana

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
PROFECIA DE UM DELITO
O policial e o «suspense» numa obra-prima de Claude Chabrol
com Franco Nero e Stefania Sandrelli

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões: às 15 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
OS REIS DO ASFALTO

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
ÀS 15.15, 18.30 e 21.30h
Não acons. m/13 anos
James Coburn e Omar Sharif em
O CAMPEÃO DE BALTIMORE
Realiz.: Robert Ellis M. Ller

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 18 a
Na encruzilhada dos destinos o desencontro do amor!
ESQUECER VENEZA
Um filme de Franco Brasati
Prémio David Donatelo
Melhor filme de 1980

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.45 h.
Int. men. 13 anos
OS HOMENS DA MONTANHA
com Charlton Heston e Brian Keith
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30 18.30 e 21.30 horas
A MINHA BELA MADRINHA
Um filme de: Guido Leoni
Interdito a men. 18 anos

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Lloyd Bridges, Peter Graves, Julie Hagerty
O AEROPLANO
Um filme de Jim Abrahams, David e Jerry Zucker
Não acons. men. 13 anos
6.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14:00 – Um filme para todos
HISTÓRIA DO LOBO E DO COELHO
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O HOMEM DE MÁRMORE
Um filme de Andrezej Walda
Prémio especial da crítica internacional do Festival de Cannes
Dos estaleiros de Nowa Huta aos estaleiros de Gdansk, o destino de um operário polaco

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
COMIDOS VIVOS
Realiz.: Umberto Lenzi
com Robert Kerman, Janet Agren e Mel Ferrer

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
O mais terrível filme de canibais
HOLOCAUSTO CANIBAL
c/ cenas eventualmente chocantes
Int. m/18 anos

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h
Int. men. 18 anos
O mais terrível filme de canibais
HOLOCAUSTO CANIBAL
c/ cenas chocantes

QUARTETO 771378

R. Flores Lima, 16
SALA 1 – 14, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
Int. men. 18 anos. Fina qualidade
SALVE-SE QUEM PUDER
SALA 2 – Às 15.17, 19, 21.30 e 23.30 h
Int. men. 13 anos
EXIT 7
SALA 3 – 14, 16, 18.30, 21.30 e 23.30 h
Não acons. men. 13 anos
UM BATER DE CORAÇÕES
SALA 4 – 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 h
Não acons. men. 18 anos
VAMOS A ISTO
QUE É FESTA

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30 – Int. men. 13 a.
O TESOURO DAS PIRANHAS

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
Estreia às 15.30 18.30 e 21.30
O credo deles é a velocidade e a violência
AS MOTOS DIABÓLICAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30h
Não acons. m/18 anos
Suspense, Acção! Aventura!
OS SETE PROFISSIONAIS
c/ William Smith Barbara Leigh

SAO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
CÃES DA GUERRA
(Dogs of War)
c/Chrhistopher Walken e Tom Berenger
3.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Estreia às 21.45 – N. ac. men. 18 a.
O PEQUENO BURGUÊS
c/ Alberto Sordi e Shelley Winters
Sexta, sábado e domingo
– Int. men 13 a.
Sessões da Meia-Noite
ROLETA RUSSA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30 h
Interd. men. 13 anos
O MEU TIO DA AMÉRICA
Com Gerard Depardieu e Nicole Garcia

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
Não acons. men. 18 anos
PROMESSAS NA ESCURIDÃO
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30h
Uma explosão de talento jovem!
FAMA
Um filme de Alan Parker – Metrocolor
Interd. men. 13 anos

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30
– N. ac. me
Adorado pelas mulhe
seus in
BRONCO BILLY, O
c/ Clint Eastwood e Sor
IRO
Locke

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Int. men. 13 anos
GLÓRIA
Leão de Ouro do Festival

teatros

Lisboa

VARIEDADES – «Não deites foguetes», 20.30 e 22.45 (18 anos)
ABC – «Reviravolta», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MONUMENTAL – «A Gravata», 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO – «Não se paga! Não se paga!», 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «O Patego olha o balão», 20.30 e 22.45 (18 anos)
TRINDADE – «Baal», 21.30 (13 anos)

Outros Espectáculos

CONDES – «O Império Contra-Ataca», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Garotas de Munique», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
PARIS, – «Sarilhos Sobre Rodas», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Sheriff», 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «A Fúria do indomável», 21.30 (18 anos)
ROYAL – «A rainha das amazonas», 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «Patton», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Colegiais e Muito... Mais», sessões permanentes (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Herói Mortal», 21.15 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Shining» às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – «Bem-Vindo Mr. Chance» 21.30 (13 anos)

outros cinemas

AMADORA – Lido – «O Sedutor Seduzido», 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «Lagosta ao Pequeno-Almoço», 21.30 (13 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Um Homem Cercado», 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Bruce Lee Volta ao Ataque», 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Kramer Contra Kramer», 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «A Maldição», 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Arvore de Guernica», 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Laços de Sangue», 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «E Tudo o Vento Levou», 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «A Grande Tempestade», 17 e 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «A Corrida da Morte do Ano 2000», 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Homem de Hong-Kong», 21.30 (13 anos)

Coimbra

AVENIDA – «A Rapariga de Ouro», às 21.30 (13 anos)
TIVOLI – «Os Reis do Asfalto», às 21.30 (13 anos)
S. TEOTÓNIO – «Escândalo de 1.ª Página», às 21.30 (18 anos)

Porto

JÚLIO DINIS – «Um homem duas mulheres», 21 30 (13 anos)
LUMIERE-A – «Intimidade», às 21.30 (18 anos)

LUMIERE-L – «Um Casamento Muito Original», às 21.45 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Grande Paixão em Emy Wong», às 21.45 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «La Luna», às 21.45 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Sexos Escaldantes», 21.45 (18 anos)

CHARLOT – «O Império Contra-Ataca» às 21.30 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA – «Chega Para Todos», às 21.30 (13 anos)

COLISEU – «Missão Galáctica. Clyon Ataca», às 21.30 (13 anos)

ESTUDIO – «A Força do Tigre», as 21.30 (13 anos)

RIVOLI – «O Raid Relâmpago dos Comandos», às 21.30 (18 anos)

FOCO – «O Herdeiro», às 21.30 (13 anos)

BATALHA – «Mundo Violento», às 21.45 (18 anos)

ÁGUIA – «As Motos Diabólicas», 21.45 (18 anos)

TRINDADE – «O Golpe Secreto do Guarda-Chuva», às 21.45 (13 anos)

S. JOAO – «A Grande Corrida», às 21.45 (13 anos)
BEBE – «Alice já não mora aqui», 21.45 (13 anos)
CHAPLIN – «Oh! Serafina», 21.30 (18 anos)

MARQUISES
CAIXILUX
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 77 76 39 – 76 05 83 – 76 22 86
1100 LISBOA

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO.
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração Redacção Serviços Tecnicos e Publicidade RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA
Telefones 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade – 368740

Agentes Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.° – 1100 LISBOA
Telefones 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro – 321154
Redacção 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegrafico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Almada, 30-2°
Telefones 20954/5 4000 PORTO

Com a crise académica como pano de fundo

Ministro da Educação reúne com reitores

O ministro da Educação e Ciência Vitor Crespo, reúne-se esta tarde com os reitores de todas as universidades portuguesas, num momento particularmente quente da vida académica. Os boatos da demissão do reitor da Universidade Técnica de Lisboa, prof. Arantes e Oliveira, desmentidos pelo Ministério, mas confirmados pelos presidentes dos Conselhos Científicos e Directivos de todas as escolas daquela universidade são o ponto culminante de uma crise latente desde o princípio do ano lectivo.

A reunião de hoje tem uma extensa ordem de trabalhos, que abarca questões candentes na vida universitária. Serão sucessivamente abordadas a situação do corpo docente, os orçamentos, os mestrados, a investigação científica, a organização das licenciaturas, os períodos escolares e a acção social escolar.

No âmbito do primeiro ponto, deverá estudar-se a distribuição do número de assistentes concedido a cada universidade, pelas escolas. Serão também analisadas normas emitidas pelo MEC que permitem a substituição dos assistentes dispensados do serviço docente efectivo, por estarem a cumprir o serviço militar ou por serem bolseiros fora do País.

Os problemas com os docentes foram dos primeiros a ensombrar as relações entre o MEC e as universidades. No princípio do ano lectivo, o ministro Vítor Crespo fixou o número máximo de assistentes e monitores que poderiam ser contratados por cada universidade e esse número foi desde logo considerado insuficiente pelas escolas, que alegavam não poder assegurar o serviço docente.

Depois disso surgiram problemas com a contratação e, mais tarde, com os pagamentos, hoje parece que já regularizados.

Entretanto, esta noite, no Teatro Municipal de S. Luiz encerra-se o Congresso Comemorativo da Universidade Técnica. O prof. Carlos Portas, da comissão organizadora, fará uma alocução e alunos do ISEF darão um espectáculo de música e movimento.

Começaram esta manhã as eleições na AAC

Os estudantes da Universidade de Coimbra começaram esta manhã a ir às urnas para escolher a nova direcção da Associação Académica – a mais importante associação estudantil do País.

Quatro listas concorrem às eleições (cuja primeira volta termina amanhã) para os corpos gerentes da AAC, constituída nos dois últimos mandatos por elementos afectos à Juventude Social Democrata (JSD).

Se nenhuma das listas obtiver a maioria absoluta dos votos expressos (como tudo indica), haverá segunda volta nos dias 3 e 4 de Fevereiro.

A Juventude Comunista Portuguesa (JCP) e o PCTP/MRPP (esta com fraca implantação) não se apresentam ao escrutínio pela primeira vez desde o 25 de Abril.

Contudo, enquanto o MRPP não concedeu apoio a qualquer candidatura, a JCP aconselha, juntamente com a UDP e a UEDS, o voto na lista «D», a única não conotada partidariamente.

Formada por elementos de dezoito estruturas associativas diferentes – organismos autónomos e secções culturais e desportivas que integram a Associação de Estudantes – a lista apresenta para presidente da Direcção, António Barros e tem por sigla «A Associação é de mais».

Pais de Sousa é o nome que a lista «A», afecta à JSD, apresenta como candidato ao mesmo cargo. Com sigla «Por um associativismo reformista» o grupo de candidatos integra oito elementos pertencentes à actual direcção.

«Uma Associação personalista» é a sigla da lista «B», afecta à Juventude Centrista, em que Agostinho Santos Costa é apresentado como primeiro candidato.

Elementos da Juventude Socialista compõem a lista «C» – «O nosso projecto, a tua vontade» – que tem como presidente da Direcção, Taveira Pinto.

Nos meios estudantis de esquerda estranha-se a permanência desta lista, que não só não tem qualquer hipótese de se classificar para a segunda volta (arriscando-se a obter um resultado pouco prestigiante para a JS) como torna praticamente inviável a possibilidade da lista «D» poder vencer à primeira volta.

Se as previsões se confirmarem apenas as listas «A» e «D» têm possibilidades de passar à segunda volta.

Em ordenado e ajudas de custo

Primeiro-Ministro passa a receber 82 contos mensais

Oitenta e dois mil e quinhentos escudos é quanto o Primeiro-Ministro passa a receber desde o início do ano corrente como fruto do aumento das tabelas de despesas de representação que o Executivo da Aliança Democrática se atribuiu a si próprio em diploma aprovado a 29 de Dezembro e hoje mesmo publicado no «Diário da República».

O Primeiro-Ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros viram os seus abonos para despesas de representação subir para 35 por cento do salário mensal, enquanto aos restantes ministros, secretários e subsecretários de Estado foi atribuída uma verba correspondente a 30 por cento da renumeração fixa mensal.

Isto significa que Pinto Balsemão passa a receber 82 500 escudos arredondando-se os 60 contos de salário com os 22 645 escudos de despesas de representação. O prof. André Gonçalves Pereira terá a receber 20 160 escudos de despesas de representação, os ministros 17 200, os secretários de Estado 15 mil e os subsecretários 12 960.

Recorde-se que entretanto, o vencimento do Presidente da República continua a ser inferior ao do vice-Primeiro-Ministro. O Presidente não se pode atribuir a si próprio, à semelhança do que fez o Conselho de Ministros, um aumento salarial, pois tal questão depende da Assembleia da República, onde a Aliança Democrática tem a maioria absoluta.

Motorista de táxi com a faca na garganta

Após se ter frustrado o assalto à mão armada a um motorista de táxi, foram detidos ontem ao princípio da noite, na Avenida António Augusto de Aguiar, em Lisboa, dois indivíduos, ainda jovens, de nacionalidade estrangeira.

Haviam tomado o táxi junto da estação de Santa Apolónia por volta das vinte horas e trinta minutos e ao chegarem àquela avenida encostaram uma faca de mato à garganta do motorista, Diamantino Galrinho, de 57 anos, intimando-o a entregar-lhes todo o dinheiro e mais valores. Embora intimidado, gritou por socorro, sendo ouvido por um outro condutor que, de pronto, bloqueou a viatura, o mesmo fazendo o motorista de um autocarro da «Carris».

Na circunstância os dois assaltantes resolveram fugir a pé, mas logo se montou uma perseguição levada a efeito por numerosos populares que lograram alcançá-los e... sová-los antes de os entregar às autoridades policiais.

Seriam identificados como: Carlos Arturo Marinhas, peruano, e John Jairo de la Rosa, espanhol, ambos de 21 anos, os quais se encontram no nosso país sem documentação há cerca de um mês. Serão hoje presentes ao juiz de Instrução Criminal que decidirá da sua situação enquanto a Judiciária tenta averiguar da sua anterior actividade ou antecedentes.

Com "espanto" e "viva condenação"

Cabo Verde reage a manifestações em Lisboa

A rádio oficial de Cabo Verde emitiu, na segunda-feira, um comentário condenando vivamente uma recente manifestação de cabo-verdianos em Lisboa.

«Não consideramos de boa ética que o Governo de um país membro da ONU tolere no seu território a organização de actividades subversivas contra outro membro da ONU, com quem fiz manter relações diplomáticas e de cooperação exemplares» – afirmava o comentário.

Depois de exprimir o seu «espanto» por o Governo português ter autorizado a referida manifestação, «contra um Governo com o qual Portugal mantém relações diplomáticas e económicas», a rádio oficial cabo-verdiana duvida de «quetudo isso esteja no âmbito das facilidades possibilitadas pela democracia pluralista.»

«Um grupelho, constituído na sua maioria por gente, que optou pela nacionalidade portuguesa, resolveu utilizar o território português para promover uma manifestação de algumas dezenas de pessoas contra o Estado de Cabo Verde, com a cobertura da Rádio e da Televisão, pertencentes ao Estado português» – acrescenta.

A rádio cabo-verdiana, afirma, ainda, que os organizadores da manifestação, realizada no sábado, «mantêm relações estreitas com a direita portuguesa com o intuito de desestabilizar Cabo Verde».

Congresso do CDS em fins de Março

Em reuniões sucessivas da sua Comissão Política e Conselho Nacional, o CDS decidiu convo o VIHCongresso do partido para os dias 27, 28 e 29 de Março em Lisboa.

Durante as reuniões foram aprovadas a ordem dos trabalhos do Congresso, alterações ao regulamento interno e ao regulamento de eleições de delegados.

Ponto quente nas discussões centristas é a criação de um organismo agrícola no momento em que a CAP se debate numa grande crise culminada com a demissão do seu secretário-geral, José Manuel Casqueiro.

Desemprego provoca agitação na Bélgica

Estradas cortadas e comboios bloqueados

O clima de mal-estar social reinante na Bélgica foi particularmente sentido, ontem na Valónia, região francófona do país, onde as estradas e comboios foram bloqueados pelos trabalhadores da siderurgia e dos têxteis, preocupados com as dificuldades económicas da região.

Em Liége, os automobilistas foram bloqueados, à entrada da cidade, pelos trabalhadores siderúrgicos encolerizados, que protestavam contra um projecto de fusão entre duas grandes empresas siderúrgicas, «Cocckerill», perto de Liége, e «Triangle de Charleroi», o que deverá ocasionar a supressão de 4.500 empregos.

Nos têxteis, que atravessa grandes dificuldades, a tensão também é grande. Os trabalhadores desse sector imobilizaram os comboios internacionais Paris-Bruxelas. Reclamam nomeadamente que seja posto rapidamente em prática um plano do Governo de reestruturação, prevendo uma verba de 34,5 mil milhões de francos belgas (cerca de 57 milhões de contos) para a indústria têxtil.

Finalmente, no sector automóvel, os trabalhadores da British Leyland em Seneffe, receiam o encerramento da sua fábrica (2.200 trabalhadores).

O mal-estar social, que se agrava num país que é particularmente atingido pelo desemprego (9,3 por cento da população activa), poderá pôr em dificuldade o Governo de coligação de Wilfred Martens, que reagrupa socialistas e sociais-cristãos.

Por outro lado, Martens tenta actualmente, sem o acordo dos sindicatos, fazer aprovar pelo parlamento um programa económico e social de austeridade que prevê nomeadamente um bloqueamento de todos os lucros e aumento dos descontos para a previdência.

Política velha aviões usados

O «C-5 Galaxy», da Lockheed, é o maior avião do mundo. Pode transportar 900 homens armados e equipados, ou, em versão de transporte de carga, umas 200 toneladas de material de guerra: canhões, tanques, helicópteros, material pesado de engenharia. Foi esse gigantesco avião, capaz de transportar dez mísseis «Pershing» com respectivos veículos de reboque e lançamento, essa ave que transporta no seu imenso bojo a guerra, que descarregou no aerodromo militar de Alverca seis aviões T-38, oferecidos à Força Aérea Portuguesa. A dádiva veio dos E.U.A.

Estes novos aviões de treino avançado e de combate ultrapassado, são aviões velhos. Mas, embora usados pelos americanos doadores, poderão servir mais uns 20 a 25 anos.

Segundo lemos, em relatos da cerimónia realizada em Alverca, o general Lemos Ferreira teria opinado que estes aviões «pouco ou nada poderão contribuir para alargar o potencial e capacidade defensivas dos sistemas de armas em serviço». E teria mesmo acrescentado que não existem no País «sistemas de armas mais evoluídos de que continuamos a carecer no plano nacional e no contexto NATO.»

No que à Força Aérea se refere estamos, em termos de defesa nacional, desarmados. Em termos de cooperação na aliança NATO, desprovidos de meios. Não está à vista, nem cabe nas possibilidades materiais de Portugal, sair desta situação.

Uma reflexão séria do problema, aconselharia, talvez, a rever, com realismo, quanto nos custa a política de participação na NATO, quanto nos custa a apagada colaboração que à Aliança podemos prestar.

A não ser que à NATO interesse apenas o nosso território continental e insular. Mas essa é outra questão. A nossa participação apresentar-se-ia com um carácter passivo que agravaria a situação de dependência.

LIMITES DA PUBLICIDADE

Na actual RTP, ao contrário do que parece ter sido noutros tempos a regra, colaboradores qualificados, como o dr. José Hermano Saraiva, ou funcionários, como o eng. Sousa Veloso, fazem locuções publicitárias.

A imagem, a voz e até o tema que a publicidade explora comercialmente, estabelecem confusão com os programas habituais da RTP. A publicidade bancária ou editorial não deveria utilizar, na RTP, a imagem e a voz de pessoas que aparecem em programas especializados ou culturais.

Comuna Coop de Mira Sintra tem cinco anos de vida

A Comuna Coop – Cooperativa Popular – dos moradores de Mira Sintra faz hoje cinco anos de vida.

Muitos dos habitantes daquela populosa zona dos subúrbios de Lisboa, face à especulação desenfreada que se fazia – e faz – sentir nos circuitos económicos, resolveu deitar mãos à obra. Reduzindo os intermediários os preços baixariam naturalmente – pensaram. E foi o que aconteceu: iniciativa de alguns, a Comuna Coop, cooperativa de consumo, foi crescendo e hoje, passados cinco anos, é uma realidade. Que não pára de crescer.

CARNAVAL
Divertidissimo!
PARIS
28 FEV. a 3 MAR.
AMESTERDÃO
28 FEV. a 3 MAR.
VENEZA
1 a 7 MARÇO
NICE
28 FEV. a 3 MAR.
LUCERNE
28 FEV. a 4 MAR.
Informações e reservas:
Europeia
UM NOME ANTIGO COM UMA DINÂMICA NOVA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778082
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Viv. Sant'Ana Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

VIENA
Cidade da Música
VIAGENS ESPECIAIS em voos «CHARTERS»
★ 16 a 20 ABRIL (Páscoa)
★ 5 a 8 JUNHO
PREÇOS DESDE: 17.800$
Informações e reservas:
Europeia
UM NOME ANTIGO COM UMA DINÂMICA NOVA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778082
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Viv. Sant'Ana Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional
Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 4/81
Terça-feira, 27 de Janeiro de 1981

Nas páginas centrais

UM SOCIÓLOGO COMENTA O "MILAGRE BRASILEIRO"

A esquerda dividida nas presidenciais francesas

AS DÚVIDAS SOCIALISTAS

Miterrand

■ **Suzanne Citron** *
□ **Le Monde**

Os homens que dirigem o PS francês debatem-se com uma contradição fundamental. Não podem tomar o poder do Estado sem o PC e não podem aceitá-lo – sem correr riscos – com ele, ou melhor com o seu aparelho actual. No dia anterior a Vitry, o PS deveria ter apresentado uma análise e uma reflexão bastante corajosas e lúcidas sobre aquilo que está realmente a acontecer no PCF. Simultaneamente o PS de Epinay deixaria de se manter preso a um passado que o conduziu a uma situação de mera máquina de condução ao poder, integrada no quadro de uma estratégia de «unidade» que esteriliza a sua força criadora.

Com efeito, não tendo estratégia de alternativa, circunscreve-se a uma linguagem de duplo sentido: «Nós actuamos sozinhos mas somos defensores da união». Deixa de ser um dinamizador dos movimentos sociais, um refractor e um difusor de ideias e de propostas, um ponto de encontro de lutas contra as arbitrariedades (terá mobilizado contra o projecto «segurança e liberdade», a favor dos objectores presos, no sentido de obter um estatuto para as emissoras de rádio independentes, etc.?). Nesta situação de Maio galopante que vivemos actualmente, caracterizada por uma bipolarização que se acentua entre a sociedade civil no seu complexo e contraditório contexto e a sociedade política confinada a disputas e ao seu parisianismo, o PS, submetido à existência do seu «projecto», que não é sequer um facto, já não critica a realidade e fala «como se» o PCF viesse um dia a ficar «sujeito» a voltar à união.

Acontece que o caso de Vitry é tão grande, tão inacreditável que é a partir de agora legítimo, segundo outros indícios, levantar interrogações. O PCF não estará a viver uma espécie de «Doriotisation» (1)? Trata-se de estar submetido a um fenómeno de união entre a palavra do chefe, o aparelho subordinado e os «homens fortes» em actuação. Através de uma sucessão de golpes de Estado internos, sobre os quais não sabemos nada desde a doença de Waldeck Rochet, Georges Marchais impôs os seus discursos e a sua prática. A campanha aberrante e estupidificante sobre a venda da «Esperança para o presente», diariamente prosseguida no «Humanité», constitui um dos seus sintomas.

A forma como Marchais, redactor-chefe do «Jornal do inesperado» da RTL, se citou no dia 13 de Dezembro de 1980 mais de cinco vezes numa hora é bastante elucidativa da dimensão da personagem. E que significarão estas acções dos «homens fortes» da CGT em várias ocasiões e nomeadamente contra a CFDT, em Dubigeon – Normandia e em France – Dunquerque, em Dufour? Voltando a Vitry não se terá somente passado uma acção de comando contra a sede da ADEF sob pressão para levar os ocupantes a manifestarem-se? As mentiras, injúrias e confusões verificadas diariamente nas colunas do «Humanité» ou o discurso dos dirigentes sobre a «convergência» do PS e do giscardismo, a desconfiança lançada sobre todos os meios de comunicação não afectos ao PC – «Libération», «Le Monde», «Le Matin», «Le

▸ 6

NO PCF: BATER GISCARD?

■ **Patrick Jarreau**
□ **Le Monde**

A campanha do PCF está escalonada por sessoes de esclarecimento em que participa George Marchais e que serao, no total, em número de setenta. A assistência a essas reunioes tem correspondido até agora, à expectativa dos organizadores, com excepçao das que se realizaram na regiao parisiense, nos meses de Outubro e de Novembro, que de certo modo fracassaram devido à preparaçao insuficiente nalgumas cidades de província. Os auditorios de Marchais sao de certo modo, numerosos. Compõem-se de miliantes e simpatizantes que concordam com as ideias que o secretário-geral desenvolve desde que foi designado como candidato, pela conferência nacional de Outubro passado: a crise, na qual o poder mergulha o país exige uma «transformaçao radical» apenas proposta pelo partido comunista; as outras forças políticas entram em acordos para tentar suscitar um «consenso» em volta das medidas de austeridade, obrigando os assalariados e os pequenos agricultores a suportar o peso da crise; estao, portanto, todas contra as soluçoes preconizadas pelo PCF, cuja influência tentam reduzir, para poder impor compromissos governamentais ou parlamentares de tipo centrista

O Partido Comunista apoia as ideias que defende na existência de relaçoes entre o Partido Socialista e o RPR, uma «cadeia» que liga os dois partidos, em sua opiniao, à UDF. Para sublinhar o carácter «político» das iniciativas que pode vir a tomar o PS, o PCF recorda as opçoes de François Mitterrand na IV República e procura, dando ao candidato socialista a imagem dum homem do passado, apagar a recordaçao das campanhas unitárias de 1965 e 1974. Esforça-se por mostrar que as convergências gaullistas e socialistas confirmam o regresso de Mitterrand às práticas que foram as suas antes de 1958 e o seu abandono da uniao da esquerda. Nestas condiçoes, segundo o PCF, uma eventual vitória do candidato socialista sobre Valery Giscard d'Estaing, nao daria qualquer garantia de transformaçao politica.

▸ 6

Marchais

NOVA-IORQUE — Diminui a população e aumenta a criminalidade

■ **Nicole Bernheim**
□ **Le Monde**

Os Estados Unidos têm 228 milhões de habitantes, ou seja mais 22 milhões que em 1970, de acordo com os resultados do último recenseamento, habitualmente feito de dez em dez anos, e que foram trazidos ao conhecimento público antes de terem sido divulgados oficialmente, no dia 31 de Dezembro. Os Estados cuja população tem vindo a aumentar são os que pertencem à «região do sol», nomeadamente Arizona, Califórnia, Florida e Texas, mas igualmente alguns do «novo Oeste»: Nevada, Utah, Wyoming e Idaho, nos quais foram recentemente descobertas novas fontes de energia e que se industrializaram rapidamente.

Os Estados que têm vindo a registar um decréscimo da população são os antigos Estados industriais do Norte e de Leste: o Illinois, Pensilvânia, Nova Jersey, Massachusetts, mas sobretudo o Estado de Nova Iorque, que perdeu mais de 4% da sua população. O decréscimo da cidade de Nova Iorque não terminou ainda e é, aliás, objecto de grandes polémicas: um incêndio destruiu há duas semanas os documentos de recenseamento que se encontravam num edifício de Brooklyn. Segundo as últimas estimativas, os cinco bairros administrativos de Nova Iorque teriam perdido no total cerca de oitocentos mil habitantes, ou seja mais de 11% da sua população. Mas tal como em relação à cidade de Detroit estes números têm vindo a ser contestados pelo autarcas que vêem neles o risco de perder uma parte dos fundos federais atribuídos em proporção ao número de habitantes. No pior dos casos: se estes números vierem a ser considerados exactos, o Estado de Nova Iorque, perderá cinco dos seus trinta e nove deputados na Câmara de Representantes em Washington e dois em Illinois.

Os deputados municipais asseguram que o decréscimo de representantes das minorias étnicas não foi efectuado com precisão, por um lado porque os bairros onde habitam não têm sido tão bem «cobertos» pelo pessoal dos departamentos de recenseamento como os outros e por outro lado porque estas minorias étnicas incluem inúmeros imigrantes e ilegais. Foram levantados diversos processos no Departamento Federal de recenseamento por municípios desconfiados. Mas as autoridades federais prevêem que, mesmo no caso de virem a ser efectuadas correcções, de algumas centenas de milhares aproximadamente, o número de 228 milhões de americanos pode ser mantido como definitivo.

As causas do movimento de população em direcção ao sul e ocidente são diversas, mas incidem essencialmente sobre a atracção que exercem sobre as empresas das regiões onde o terreno é menos caro, os impostos menos pesados, os salários menos elevados e o pessoal menos contestatário. Por outro lado um número de quadros superiores está a imigrar para regiões mais privilegiadas pelo clima que o Oriente ou o Norte onde o custo de vida é mais baixo e as actividades desportivas e por vezes culturais mais acessíveis.

Os espíritos maldosos comentam que a «belle époque» do sul está em vias de chegar ao fim: que a poluição, a criminalidade, a subida de custo de vida e as greves não poupam uma cidade como Phoenix (Arizona) cuja população aumentou um terço nos últimos dez anos. Mas os investidores continuam a acreditar na «cintura do sol».

O novo «oeste» pelo seu lado começou a registar um futuro dourado: No Colorado e Montana a administração Carter tinha decidido investir 8 biliões de dólares na prospecção do carvão de gaś natural e de xistos betuminosos. E pouco provável que a chegada dos republicanos ao poder retarde o movimento. Bem pelo contrário, será precisamente o oposto que se irá passar.

No Oriente e no Norte, os meios económicos recusam capitular. Calculam que ainda detêm dois trunfos de que o Ocidente e o Sul não dispõem: uma mão-de-obra qualificada e água em abundância.

A criminalidade

A Polícia nova-iorquina divulgou recentemente as suas últimas estatísticas, que mostram que, de há seis anos a esta parte, o aumento da criminalidade na cidade de Nova Iorque atingiu proporções consideravelmente superiores às do resto dos Estados Unidos. Mais de quatro mil e quinhentos delitos num total de cem mil habitantes foram levantados, colocando Nova Iorque em nono lugar entre as vinte e cinco cidades do país com um indice de segurança mais baixo: Phoenix (Arizona) aparece à cabeça da lista com mais de seis mil delitos em cem mil habitantes.

A partir de 1976, a segurança tem vindo a fazer consideráveis progressos na grande metrópole. No entanto, nos últimos meses, os ataques à mão armada têm sido cada vez mais numerosos. Segundo o comissário McGuire, chefe do departamento dos assuntos criminais, uma das causas para este aumento é a diminuição do número de efectivos da Polícia: para fazer economias, a cidade despediu no período de cinco anos nove mil policias, sendo o seu actual número de vinte e dois mil. Nova Iorque detém o recorde dos assaltos, dos roubos de automóveis e está igualmente em bom lugar no que se refere a assassínios e violações.

O que principalmente inquieta os especialistas no assunto é o facto de criminalidade não se ter restringido aos «ghettos», dado que atingiu também os bairros da média burguesia, como Queens e Staten Island. E um facto, segundo comentários de polícias encarregados da segurança do norte de Manhattan, que determinados «ghettos» como o centro de Harlem ou o sul de Bronx, que viram a sua população diminuir consideravelmente em seguida aos fogos postos que devastam periodicamente as casas, não têm grande coisa para oferecer aos assaltantes «de pé-de-cabra».

Uma causa evidente do recrudescimento da criminalidade é, para os sociólogos, o aumento das famílias separadas, cujo chefe é uma mulher que trabalha todo o dia, enquanto os filhos crescem na rua. A inflação, o desemprego, as dificuldades de habitação contribuem para o aumento do subproletariado metido nos «ghettos» pela delinquência.

À falta de camas e também o facto de os hospitais psiquiátricos serem objecto de críticas violentas leva a que inúmeros doentes mentais tenham alta sem que um sistema de assistência lhes possibilite uma reintegração progressiva na vida quotidiana. Abondonados, sem alojamento, sem família, esquecendo a sua medicamentação povoam determinados hóteis miseráveis de Bowery ou algumas instituições de recolhimento temporário. Os serviços sociais têm vindo a assinalar frequentemente o perigo que um tal sistema constitui para doentes e o ambiente onde vivem.

Os mais optimistas afirmam que as estatísticas da Polícia devem ser encaradas com reserva, dado que a situação não é mais alarmante que anteriormente – há cerca de dez anos – altura em que os drogados constituiam a maioria dos delinquentes.

Mas a maior parte das grandes cidades tem vindo a ser perturbadas por esta nova vaga de criminalidade que afecta tanto – se não mais – as cidades do Ocidente-Oeste e do Sul como as antigas metrópoles de Leste e do Norte.

Entre os remédios propostos periodicamente por diversas organizações e alguns legisladores figuram o controlo das armas de fogo e a instauração de um cartão de identidade nacional. Mas estas duas medidas são consideradas «policiais» pelo americano médio que vê nelas uma infracção bastante grave aos mais elementares direitos do cidadão. Durante bastante tempo ainda, pensa-se, poder-se-á na maior parte dos Estados comprar armas sem licença e a não ser obrigado a apresentar a sua identidade senão quando se vai ao volante de um automóvel. ■

LUMUMBA FOI MORTO HÁ VINTE ANOS

Completaram-se vinte anos sobre a morte de Patrice Lumumba, dirigente africano cuja curta vida ficou estreitamente ligada à história da independência do antigo Congo Belga, actual República do Zaire, e, em geral, à luta dos povos africanos contra o colonialismo e o imperialismo.

Nascido a 2 de Julho de 1925, Patrice Lumumba morreria com 36 anos de idade, assassinado na sequência de um golpe de Estado encabeçado pelo entao presidente do jovem Congo independente, Joseph Kasavubu, e pelo actual dirigente, Joseph Mobutu. Lumumba era então primeiro-ministro e batia-se por uma independência autêntica do seu país, dilacerado por uma luta provocada por aqueles que estavam, e ainda estão, embora sob outras formas, ligados ao capitalismo colonialista.

Preso pelos esbirros e mercenários de Moisés Tchombé, homem muito das boas graças dos dirigentes fascistas portugueses, que tinha entretanto desencadeado a secessão da rica província de Katanga, Lumumba foi torturado até à morte. As imagens do seu martírio emocionaram então todo o mundo progressista.

Patrice Lumumba estudou em missões religiosas até conseguir obter o nível escolar máximo que um negro podia alcançar na antiga colónia belga, posto o que passou a desenvolver numa semiclandestinidade, através sobretudo de associações culturais, uma discreta mas eficaz luta pela independência, advogando a formação de «um Congo unido numa Africa unida».

Hoje, um pouco por toda a Africa, Lumumba é recordado, quer nos países que conseguiram alcançar a verdadeira independência quer naqueles em que os povos procuram desembaraçar-se das tutelas neocolonialistas. O seu exemplo está vivo também nas lutas dos povos sul-africanos e na Namíbia, sujeitos à ditadura racista de Pretória.

Está vivo e frutifica. ■

HAITI

Regresso à miséria

■ **Francisco Urizarri**

□ **Prensa Latina**

Para duas centenas de haitianos, que recentemente desembarcaram em Port-au-Prince, depois de semanas e semanas de sofrimento no arquipélago das Bahamas, vai começar um novo rosário de desgraças.

Durante quatro dias o barco bahamiano «Lady Moore» transportou, através das águas das Caraíbas, uma carga humana de 206 haitianos, muitos deles estropiados, e todos exaustos de fome e sede.

Cem desses pobres seres humanos encontravam-se presos nos cárceres das Bahamas, e 106 faziam parte do grupo de náufragos que durante mais de um mês esteve «perdido» no ilhéu de «Cayo Lobos» no arquipélago das Bahamas.

Todos eles sairam do país em busca de trabalho, e de sobrevivência, pois no Haiti as condições de existência são de tal modo precárias que a mortalidade infantil alcança a taxa de 110 por mil e a esperança de vida não ultrapassa os 40 anos.

Esses infelizes que venderam os escassos bens e se deixaram cair nas mãos de traficantes sem escrúpulos, julgando que iam encontrar uma vida melhor, simbolizam bem o inferno em que vegeta o povo haitiano sob a ditadura de Jeau Claude Duvalier.

Mas vale a pena deixar esclarecidos certos pontos da odisseia destas 206 pessoas. E que o regime do Haiti tem vindo a ser objecto de uma propaganda segundo a qual se terá «humanizado» nos últimos tempos. E convém que as instâncias internacionais tomem consciência dos negócios macabros feitos pelos traficantes cujas actividades não são desconhecidas das autoridades de imigração tanto dos EUA como das Bahamas.

Eis os factos na sua terrível nudez.

a) no dia 9 de Outubro os serviços da guarda costeira dos EUA avistaram pela primeira vez 112 náufragos haitianos, num pequeno ilhéu com um quilómetro quadrado de superfície.

b) Imediatamente esse facto foi conhecido pelos governos dos EUA, Bahamas e Haiti,

c) o regime do Haiti recusou-se a ir em busca dos náufragos alegando não dispor de embarcações.

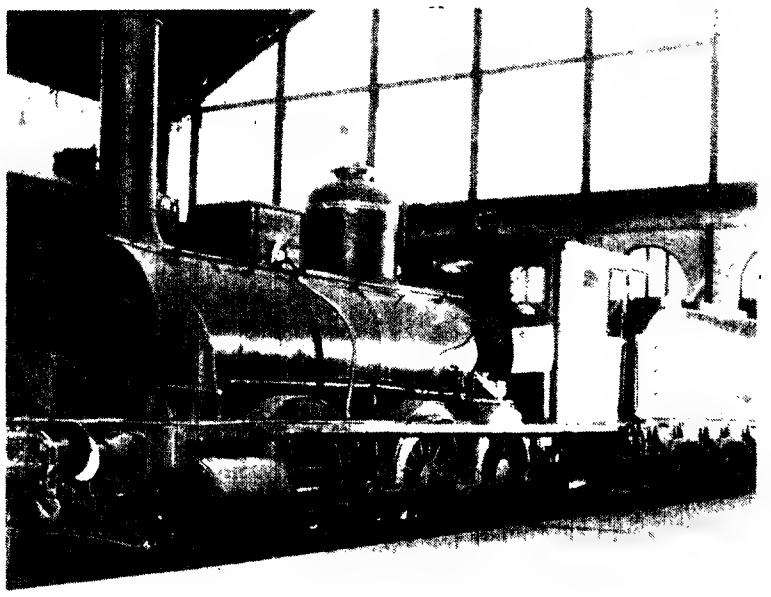
d) apesar das inúmeras diligências internacionais nem os EUA nem as Bahamas aceitaram acolher aquelas 112 pessoas, embora soubessem muito bem que corriam perigo de vida se regressassem ao Haiti.

e) a polícia das Bahamas, depois de uma primeira tentativa fracassada, forçou os 106 haitianos–seis deles tinham morrido entretanto de fome – a sairem do ilhéu onde se encontravam há 40 dias.

No seu regresso a Port-au-Prince, os refugiados depararam com uma multidão de jornalistas, na sua maioria norte-americanos, que os esperavam para montar um autêntico **show** de propaganda a favor de Duvalier, sem se importarem com as penosas circunstâncias em que os 206 haviam desembarcado. O «banquete» que as autoridades da Cruz Vermelha lhes ofereceram à chegada e os 40 dólares que muito «generosamente» foram dados a cada um pelo ditador constituiram uma espécie de «último desejo» satisfeito ao condenado à morte. Quem lucrou com tudo isto foi Duvalier que aproveitou a estadia dos jornalistas para fazer propaganda da sua «bondade» e para atrair a chegada de outros viajantes de maior peso. os turistas e os homens de negócios estrangeiros. ■

FOTO EXCLUSIVO

Aviso à população das aldeias ao sabor dos velhos tempos, mas já com microfone! Um empregado municipal francês toca o tambor e lê o aviso para que todos fiquem cientes



Na estação ferroviária madrilena de Delicias foi recentemente inaugurado um museu dos caminhos-de-ferro. A colecção inclui os mais diversos veículos e acessórios desde 1848 até aos nossos dias. Na foto EFE: uma máquina poderosíssima de 1880

ETIÓPIA

O exército derrotou a guerrilha em Ogaden

■ **J.P. Langellier**

□ **Le Monde**

O conflito de Ogaden parece ser uma guerra em eclipse. Ignorado na maior parte das vezes, recordamo-nos de um comunicado ou de uma declaração de vitória de difícil obtenção. Os combates – da escaramuça ao engajamento massivo – não deixaram, no entanto, nunca de se verificar após a derrota do exército somali há dois anos e meio.

No campo de batalha, a Frente de Libertação da Somália Ocidental (FLSO) que, mantida por Mogadíscio, reivindica a independência do Ogaden, parece estar com uma certa perda de vitalidade. No princípio do ano, os seus combatentes controlavam profundamente as imensidades desérticas da sua região natal. Efectuavam deslocações nocturnas com a máxima impunidade. Nem o exército etíope nem os seus aliados soviéticos e cubanos se aventuravam a afastarem-se muito das cidades da guarnição.

Em alguns meses, a relação das forças inverteu-se. No princípio de Outubro, as unidades de Mogadiscio, envolvidas em Ogaden nas fileiras da FLSO, sofreram graves derrotas. O exército de Addis-Abeba recuperou a sua posição de supremacia não só no centro da província mas principalmente em regiões fronteiriças que lhe tinham sido desde há bastante tempo inacessíveis. A FLSO já não domina a terra de ninguém onde até à data circulava livremente. Um grande número de rebeldes foram colocados perante uma alternativa pouco animadora: isto é passar a fronteira na companhia de refugiados civis, ou fugir para os montes para aí retomar as suas forças. A Frente já não se encontra em condições de escoltar jornalistas estrangeiros nas suas «zonas libertadas».

A superioridade etíope em número de homens e em material desempenhou um papel importante na alteração da situação. Os rebeldes estão equipados essencialmente com armas ligeiras e de lança-foguetes. Deslocam-se a pé, os seus Land-Rover tornaram-se bastante vulneráveis às minas e aos ataques aéreos. Mesmo em frente, o exército de Addis-Abeba possui um artilharia pesada, caças Mig-21 e Mig-23, assim como helicópteros soviéticos do tipo MI-24 semelhantes àqueles utilizados no Afeganistão.

Entre quinhentos e mil «efectivos» somalis continuariam, apesar disso a servir como «efectivos» em Ogaden.

As defesas somalis estão à mercê da aviação etíope. A base aeronaval de Berbera encontra-se a dez minutos de voo da fronteira. O milhão de civis refugiados em território somali representa um fardo financeiro pesado. O Governo de Mogadíscio não tinha até agora parecido tão isolado. Todos os seus vizinhos condenam a sua política de manutenção do FLSO. Responde-lhes muitas vezes levantando o tom dos seus ataques. Addis-Abeba e Nairobi foram, assim, acusados, no princípio de Dezembro de ter assinado um comunicado comum «equivalente a uma declaração de guerra contra a Somália».

Este isolamento verifica-se a nível do continente. O comité de «bons ofícios» da OUA reagrupando oito nações africanas não deu razão a Mogadíscio, na altura da sua última reunião, reconhecendo Ogaden como «parte integrante» da Etiópia. O apelo para uma conferência regional para resolver o conflito aberto em Agosto por Hassan Gouled, presidente de Jibouti, com o apoio declarado da França ficou até ao presente sem resposta.

Com efeito as perspectivas de um compromisso em Ogaden parecem bastante remotas. Tendo marcado pontos sobre o terreno, o Governo de Addis-Abeba está melhor colocado para obter o respeito pela sua tripla exigência política: renúncia de Mogadíscio a qualquer reivindicação territorial à custa da Etiópia, do Quénia e de Jibouti; promessa de não ingerência nos assuntos internos da Etiópia; reconhecimento solene da fronteira somalo-etíope. ■

A moda pode pegar em todo o mundo, e começa a ser muito seguida na RFA: os proprietários dos automóveis converteram-se à «pintura artística» ou de «protesto» e transformam as carroçarias dos veículos em jardins, cartazes antipoluição e tudo o mais que lhes der na real gana. Vantagens? O automóvel fica menos feio, a cidade diverte-se mais, e os donos só gastam o dinheiro nas tintas. O resto é deixado à sua fantasia. (Foto «Impressões da Alemanha»)

Um sociólogo e o "milagre brasileiro"

«Se quiser evitar uma explosão social, o Brasil terá de inventar outro modelo de desenvolvimento» – tal é a convicção do sociólogo Fernando Henrique Cardoso

Por meados da década de sessenta, produziu-se uma viragem radical na teoria social da América Latina. Tudo contribuiu para esse resultado: a falência da concepçao, até entao dominante, do «desenvolvimento nacional», a estagnaçao económica de uma parte do subcontinente, o exemplo da revoluao cubana. Assim foi amadurecendo a teoria da «dependência» onde foram inspirar-se economistas, sociólogos, políticose filósofos.

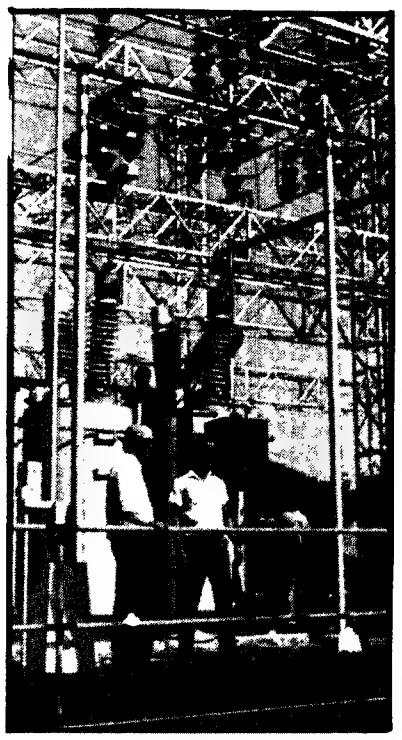
De acordo com esa tese, a integração das economias latino-americanas no sistema capitalista mundial por via das multinacionais conduziria necessariamente a um beco sem saída. A desigùaldade da situaçao entre as economias «periféricas» e «do centro» (americana, japonesa e europeia) torna inevitável que os capitalistas dos diferentes países superexplorem os seus trabalhadores; os regimes militares surgidos a partir de 1964 na região asseguram essa superexploração. Superexploraçao, que tende, nomeadamente, a reduzir o consumo popular e que acentua a orientação da economia dos países subdesenvolvidos para a exportação. Conjugada com o aumento do desemprego numa população em rápido crescimento, esta situação necessariamente acabará por provocar uma explosão de grandes proporções, a qual irá desembocar num novo sistema: a inevitável revoluçao socialista.

Fernando Henrique Cardoso, sociólogo brasileiro, director de um dos mais importantes centros de estudos sociais da América Latina. o CEBRAP (Centro Brasileiro de Planificaçao, fundado em São Paulo em 1969), eleito em 1978 senador suplente pelo Estado de Sao Paulo, sob a bandeira do partido da oposição, MDB (1) não concorda inteiramente com essa análise. Evidentemente que reconhece que certos elementos constantes da argumentaçao dos defensores da tese da «dependência» sao de ter em conta. Mas, embora o seu pensamento seja tambdem marxizante, recusa as conclusões apocalípticas pue tais premissas poderiam implicar.

«Continua-se a repetir: sem revoluçao, só nos resta o subdesenvolvimento. Ora verifico que isso não bate certo. Que existe um desfasamento entre o centro e a periferia, uma dependência desta em relação àquele, isso ninguém o pode negar. Mas há que ter em atenção as características específicas de cada situação nacional. A periferia será uma única periferia? E o conceito de Terceiro Mundo será ainda hoje operacional? Há várias maneiras de a periferia se integrar no centro. E a história que nos dá os elementos de explicação. Veja-se o caso do Brasil. A economia agrária exportadora tradicional do nosso país estava sob o controlo dos nacionais. Havia, pois, uma camada de empresários, uma burguesia local. E uma situação muito diferente daquela que ocorre noutros países latino-americanos, como o Peru ou a Bolívia, onde a economia de exportação era um autêntico enclave totalmente dominado por estrangeiros. O Brasil nunca foi um país de enclaves.»

– Mas a industrialização veio modificar essa situação!

– A industrialização do Brasil começou com meios locais. Depois



chegaram as multinacionais, e começaram a investir em força a partir dos anos 55-60. De então para cá, o Brasil conta com uma camada de empresários agrícolas, capaz de controlar as exportações e uma camada de empresários industriais aliados às multinacionais.

O modelo brasileiro de que tanto se fala é isto: um desenvolvimento dependente associado. Porquê associado? Porque as multinacionais instalaram-se sem por isso apearem a economia local. Não houve desnacionalizaçao, mas sim internacionalização. Os capitalistas locais inseriram-se numa economia aberta para o Mundo.

– E no meio de tudo isso qual é o papel do Estado brasileiro?

– Desde o começo da industrialização que o Estado brasileiro teve o seu papel. Nos anos 30-40 a ideia prevalecente foi a de repetir aquilo que a Europa fizera no século XIX, uma industrializaçzo pesada. Foi isso o que Vargas (2) pretendeu com as siderurgias, os caminhos-de-ferro... Só o Estado podia abalançar-se a tais obras. Quando rebentou a Segunda Guerra Mundial, o Estado protegeu as indústrias de subsituição de importações, nascidas em virtude da sus-

pensão do comércio internacional. Depois o Estado acorreu em auxílio de certas indústrias lançadas por capitalistas brasileiros mas que tinham falhado – como, por exemplo, a do automóvel. E quando, a meio da década de 50, chegaram as multinacionais, o Estado embarcou em formas de associação tripartida, com essas multinacionais e os capitalistas brasileiros.

A máquina «gripou»

– Qual o impacto das multinacionais sobre a industrialização?

– Alteraram o estilo de desenvolvimento. Agora já não se tratava de produzir aço e criar infra-estruturas, mas sim de fabricar bens de consumo acabados – automóveis, frigoríficos, televisores. O automóvel individual substituía o caminho-de-ferro como símbolo da modernização.

Como é evidente, isto produziu grandes desequilíbrios no desenvolvimento. Primeiro, criou uma dependência. Porque para fazer funcionar o sistema, houve que começar a importar equipamentos, máquinas, prensas... e também petróleo, em quantidades crescentes. Para tanto, houve que aumentar a todo o custo as exportações – a fim de pagar as importações! E houve que criar uma classe média para absorver os bens assim produzidos.

De 1968 a 1973 a coisa funcionou. As taxas de crescimento atingiram os 10 a 11 % ao ano, à custa de um aumento anual das exportações da ordem dos 14 a 20 %, o que pressupunha, evidentemene, a criação de excedentes. Mas, depois, com a crise do petróleo, a máquina «gripou». As exportações tornaram-se mais difíceis devido à reduçao do comércio internacional. O crescimento passou a ser cada vez mais problemático.

– Mas poderemos dizer que o Brasil é hoje um país subdesenvolvido?

– Não. E um país que se encontra realmente em vias de desenvolvimento. Mas de uma maneira muito especial. Há, de facto, industrialização e criaçao de posts de trabalho. O que provoca intensas migrações no seio do país, uma urbanização acelerada: a população do Brasil, que há 30 anos era rural em 65 %, urbanizou-se de tal modo que 2/3 dos seus habitantes vivem hoje nas cidades.

A situação da agricultura é complexa. Por um lado, há um sector moderno em crescente processo de capitalização; por outro, subsistem as pequenas explorações faduz um milhão de automóveis por ano. Exporta apenas 6 % dessa produção. Ficam novecentos e quarenta mil. Há pois que concentrar rendimentos para que estes carros tenham quem os adquira. Ora no Brasil o leque de salários é considerável: fico aquém da verdade se disser que vai de 1 para 100. O salário mínimo é de cerca de 3300 escudos. Em termos reais baixou de 1963 para 1977. Em 1975 dois terços dos assalariados brasileiros ganhavam menos que o equivalente a dois salários mínimos (portanto menos de 6600$00).

– Que é isso do «milagre brasileiro»?

– Há três elementos: a modernização do aparelho de Estado que criou uma burocracia mais capaz de gerir um Estado-empresário; o controlo feroz dos salários; as portas escancaradas aos capitais estrangeiros. Nada disto teria sido possível sem uma forte repressão – nem mesmo a abertura aos capitais estrangeiros, pois prevaleceria no país um generalizado sentimento nacionalista.

Teriam os militares uma ideia bem precisa do modelo que iriam impor? Não me parece. Acho que tinham uma vaga ideia de que o país deveria conhecer um forte crescimento para se transformar numa grande potência. Mas incumbiram os civis de traçar as linhas da política a seguir.

Deixaram-se convencer pelos economistas civis de que a grande produção industrial moderna só pode conceber-se num quadro internacional. Além disso, em princípio, pelo menos, eram antiestatistas, porque pensavam que o estatismo é a antecâmara do comunismo. E hoje cá temos as multinacionais, bem instaladas, e de que maneira!

A questão da escolha de outro modelo de desenvolvimento para o Brasil vai decerto levantar-se; anda no ar: uma outra industrialização que tenha em conta os recursos disponíveis. Há que fazer uma escolha diferente da opção implícita das multinacionais: podem-se obrigar estas empresas a reconverter a sua produção. O crescimento do PNB não é o mesmo que desenvolvimento. Na base das opções dos militares, estava o gosto pelas coisas espectaculares, o desejo de andar depressa, em vez de caminhar em profundidade. A ideologia dos militares era escandalosamente superficial.

– Será que a «abertura» política destes últimos dois anos demonstra uma tomada de consciência destas realidades por parte dos militares?

– Na verdade, porquê esse degelo? Em 1978 houve uma crise social generalizada, tanto no próprio interior do **establishment** militar como nas classes médias, nos estudantes, na Igreja. Todas essas pressões tiveram, sem dúvida nemiliares, as quais se encontram em aumento devido ao acréscimo natural da população e à maior disponibilidade de terras – um dado

"

Entrevista conduzida por Jean Pierre Clerc «Monde-Dimanche»

fundamental no Brasil, porque constitui uma válvula de segurança.

Mas vejamos o caso do Piaui, um dos Estados mais atrasados do Nordeste. Ainda há cinco anos, aquilo era o fim do Mundo: não havia luz e quanto a estradas havia uma ou outra em construção. O sistema fundiário consistia na coexistência de latifúndios com pequenas parcelas miseráveis. Quando, numa óptica de modernização, os grandes proprietários começaram a vedar as suas terras, isso destruiu a economia camponesa: os minifundiários deixaram de poder aproveitar como anteriormente terras de que não eram proprietários para lá criarem quatro galinhas e um porco. E assim emigraram para as cidades, em especial para Teresinha, capital do Piaui, que se transformou numa cidade literalmente «cheia como um balão».

– Como é que essa situação se pode aguentar? Porque é que essa fabulosas desigualdades não acarretam maiores mobilizações?

– Não existe um verdadeiro desespero porque há um ligeiro crescimento que amortece as frustrações. Além disso, existe no Brasil aquilo a que eu chamaria uma «ideologia da integração». Há uma crença difusa, em grande medida utópica, segundo a qual se poderá evoluir na escala social nomeadamente através da escola. As pessoas acreditam que podem, logo querem. A migração é, e não estou a fazer nenhum jogo de palavras, uma forma de mobilidade: por vezes permite encontrar trabalho, salário. Estas pequenas melhorias evitam a explosão.

– Um sistema tão anti-igualitário poderá ser corrigido a partir de si próprio?

– A única coisa que podemos dizer é que se produzem mexidas. Este capitalismo selvagem transforma a sociedade e atinge as suas próprias raízes. Produz uma formidável acumulação de recursos, uma impressionante concentração de rendimentos. Creio que a combinação da rapidez das transformações com a desigualdade é a própria essência do modelo. Tudo isto é mantido por um sistema político autoritário. Quer isto dizer que eu não acredito que o sistema possa autocorrigir-se.

Cada modelo tem a sua lógica própria. A distribuição de rendimentos não é independente do estilo de industrialização. Quando o modelo é orientado para o consumo local de um certo tipo de bens que os pobres não podem comprar, há que criar o mercado através da concentração dos rendimentos. Um exemplo apenas: o Brasil pronhuma, o seu peso. Mas no conjunto as transformações não foram guiadas por essas forças. O próprio modelo tem a sua dinâmica específica: necessita de um fluxo de ideias, de uma livre circulação de ideias. Esquematizando, diria que os técnicos não podem ser estúpidos!

Além disso, os militares embora tenham conseguido destruir o tecido social, não foram capazes de controlar a vida quotidiana por intermédio de um partido, de uma ideologia, do fascismo. Porque nunca o conseguiram? Curiosamente a sua ideologia nunca foi antidemocrática. Sempre se disseram «anticomunistas», mas sempre quiseram manter aparências de legalidade mesmo na fase da mais violenta repressão. Creio que começam a dar-se conta da profunda fraqueza que constitui um tal divórcio entre um Estado (por mais «forte» que seja) e a nação. Talvez a «abertura» se explique também em parte pela tomada de consciência de que este fosso existia.

– Qual é hoje a margem de liberdade no Brasil?

– E uma situação muito ambígua. E evidente que se deu uma transformação. Os presos foram libertados, os opositores regressaram, a Imprensa escrita é livre. Criou-se assim um espaço de liberdade. Mas o que o sistema pretende è legitimar-se através da sua evolução. Para tanto, quebrou a organização politica da oposição. Tudo continua de pé. O Exército mantém o direito de veto. A evolução é controlada de cima para baixo.

Note-se que quando em 1978 o Governo propôs uma negociação com vista à redemocratização, o negociador, Portella, deixou o partido da oposição fora de jogo. Encontrou-se com representantes dos sindicatos, da Igreja, de organizações profissionais. Depois o regime tomou as suas decisões, fê-las aprovar por congresso. E... dissolveu os partidos. Agora está a seguir de muito perto a sua reorganizaçao. O povo está contra tudo isso. Mas ninguém lhe pede a sua opinião. O menos que se pode dizer é que isto é uma democracia restrita, uma democracia sem as massas. ■

1 – MDB – Movimento Democrático Brasileiro. Até à sua dissolução, em 1979, nos termos da lei da «reformulação dos partidos», o MDB foi o único partido da oposição (legal). Agora repartiu-se por quatro formações distintas.

2– Getúlio Vargas esteve no poder uma primeira vez de 1930 a 1945 primeiro como presidente eleito, e, depois (a partir de 1937) como ditador. Foi reeleito em 1950 e permaneceu na chefia do Estado até ao seu suicídio em 1954.

3– A população activa do Brasil é de 40 milhões de pessoas. A população total ultrapassa hoje os 110 milhões.

COREIA

Mensagem de Kim Il Sung um balanço e um programa de acção

Na sua habitual mensagem de fim do ano, o presidente Kim Il Sung da República Democrática Popular da Coreia fez um balanço dos êxitos alcançados em 1980 e das tarefas que os operários os camponeses e demais camadas da nação enfrentam para os doze meses que agora se iniciam.

De especial importância se revestiu o VI Congresso do Partido do Trabalho da Coreia: «uma grande festa de triunfadores, na qual orgulhosamente se traçou o balanço das brilhantes vitórias alcançadas pelo nosso povo, na luta revolucionária e no labor de construção, mediante a aplicação da ideia **zuche, e que demonstrou eloquentemente, perante todo o mundo, a férrea e inquebrantável unidade e coesão de todo o partido e de todo o povo em torno do comité central. Foi um congresso de importância histórica, que delineou o programa mais correcto de luta para realizar a obra revolucionária do zuche** e assentar firmes alicerces sobre a qual ela se há-de edificar (...) As nossas fileiras revolucionárias adquiriram maior solidez no plano organizativo e ideloógico e abriram-se perspectivas ainda mais claras para um novo impulso na construção socialista do país. O Congresso fez elevar à escala de toda a nação o impulso para a reunificação da pátria e firmar ainda mais a unidade das forças independentes anti-imperialistas e a solidariedade internacional com a nossa revolução.»

Kim Il Sung traçou de seguida o balanço dos êxitos alcançados em 1980, devidos à excepcional mobilização que o desejo de saudar o VI Congresso suscitou em todas as camadas trabalhadoras.

No domínio da indústria extractiva: reconstruíram-se e ampliaram-se minas de grandes dimensões, exploraram-se novas minas de menores dimensões, produzindo-se uma viragem na produção do carvão e outros recursos do subsolo.

Na indústria transformadora, a metalurgia e mecânica conheceram novo ritmo de produção, tendo sido modernizados os equipamentos técnicos. Em ambos os domínios da indústria referidos, Kim Il Sung destaca que os principais esforços visaram essencialmente acentuar o carácter independente, **zucheano**, da economia nacional.

Durante o ano de 1980, obras públicas de grande vulto foram concluídas: o complexo de maquinaria pesada de Dean; as instalações de laminação a frio junto da fábrica de fundição de ferro «Kim Chek», a central hidroeléctrica de Dondang; a electrificação de mais de 600 quilómetros de via férrea, a inauguração de diversas fábricas de artigos de consumo corrente; a construção da importante Avenida Changcuang na capital da revolução (Pyongyang), assim como de uma nova maternidade, dum novo centro de saúde, do palácio de estudo do povo e de numerosos outros edifícios e modernos estabelecimentos culturais.

No plano agrícola, as condições naturais adversas impediram a realização plena dos progressos que seriam de esperar. Contudo, o esforço dos trabalhadores e a aplicação consequente dos **métodos zucheanos** permitiram que as colheitas atingissem os níveis de 1979 (ano recorde).

Por fim, no ano de 1980 registou-se um grande avanço no labor ideológico e na disseminação do espírito revolucionário entre as massas, em cujo comportamento «se exibe plenamente o estilo comunista de luta, consagrando todos os esforços ao partido e à revolução, à pátria e ao povo».

Traçado o balanço do ano que findou, Kim Il Sung desenvolve depois em síntese as tarefas a empreender para 1981, de acordo com os ditames do VI Congresso. Missão principal: cumprir com antecipação os objectivos do segundo plano septenal, e, ao mesmo tempo, fazer os necessários preparativos para alcançar as dez metas da edificação socialista.

«Este ano temos que normalizar em alto nivel a produção em todos os ramos da economia nacional mediante um enérgico movimento de inovação técnica e a mobilização total das reservas e possibilidades; temos de melhorar sensivelmente a vida do povo, aumentando em grande escala a produção de artigos de consumo. Ao mesmo tempo, temos de pôr em execução um plano concreto para alcançar os dez objectivos fixados para a edificação socialista».

As indústrias onde se deverão concentrar os principais esforços, são, segundo as palavras de Kim Il Sung: a da energia eléctrica e a extractiva (aumentando rapidamente a produção do carvão e outros recursos do subsolo, reforçando a prospecção geológica, incrementando a produção de equipamentos e procurando explorar novas minas).

Inovações técnicas, maior eficácia na manutenção dos equipamentos, rigorosos disciplina da co-produção, criação de bases sólidas para abastecimento seguro de matérias-primas – eis alguns dos métodos propugnados para alcançar objectivos.

No domínio dos transportes e comunicações, há que ser mais rigoroso no cumprimento das tarefas «de modo a transportar a tempo equipamentos e matérias-primas para as fábricas, empresas e locais de construção», e há que aumentar ainda mais a capacidade de transporte, produzindo maior número de locomotivas eléctricas, redobrando esforços no sector automobilistico e na produção de camiões e barcos mercantes.

A agricultura terá de atingir este ano a meta dos 9,5 milhões de toneladas de produção cerealífera como um passo decisivo para o objectivo posterior dos 15 milhões. Para tanto, urge elevar sensivelmente o rendimento das colheitas por unidade de superfície e ganhar mais terras para cultivo.

Por outro lado, o VI Congresso assinalou para a década de 80 a significativa melhoria da vida da população, o que exige um aumento das capturas de peixe, da produção de outros alimentos, e, no sector industrial, uma acentuada viragem na produção de artigos de consumo corrente. Ainda neste âmbito há que melhorar e reforçar o ensino, a saúde pública, o desporto, e fazer florescer ainda mais a cultura e a arte.

Kim Il Sung salienta depois a importância dum «vigoroso trabalho politico» a empreender sob a direcção do partido.

Por fim, o dirigente do Partido e do Estado norte-coreanos aborda a magna questão da reunificação nacional: «A nova proposta que o VI Congresso do Partido apresentou para a reunificação da pátria, mediante o estabelecimento da República Federal Democrática do Koryo é a mais justa, razoável e realista para alcançar esse objectivo. Devemos lutar tenazmente, possível e para que esta nova proposta se concretize o mais rapidamente possível e para que seja satisfeito o anseio da reunificação da pátria. No ano que ora se inicia, todos os compatriotas coreanos no Norte, no Sul, e no estrangeiro devem erguer-se como um só homem na luta nacional pelo estabelecimento da Republica Federal Democrática do Koryo, sem distinção de ideologia, sistema, militância partidária ou critérios políticos. Daqui declaro o meu apoio a todos os compatriotas que na Coreia do Sul e no estrangeiro lutam resolutamente para impedir as maquinações do imperialismo «yankee» e de seus lacaios, visando criar «duas Coreias», e que se batem denodadamente pela reunificação indepedente e pacífica da pátria, desejando brilhantes êxitos nessa luta durante este Novo Ano». concluiu Kim Il Sung. ■

A ESQUERDA DIVIDIDA

As dúvidas socialistas

A esquerda quando estava ainda unida: Mitterrand ao lado de Marchais

1 ♦

Nouvel Observateur» «Le Canard Enchaine» são os mais visados – tudo isto se orienta no mesmo sentido, tal como a atitude de Andrieu no «Clube de Imprensa», mais procurador que jornalista.

Em que sentido? Seria a altura, a altura exacta mesmo se vier a dar mau resultado, mesmo que diga respeito ao aparelho e não aos militantes do PCF de se interrogarem e de deixarem de se manter calados... como táctica eleitoralista. Um chefe de um partido que só acredita nele, um aparelho submetido, militantes desorientados e suplantados pelas acções de tropas de choque... isso não tem já nada a ver com a esperança de um socialismo autogestionário.

E manter-se calado só na esperança de ganhar não é nem conveniente nem sequer útil. Ganhar calando-se é com toda a certeza uma vitória fictícia, uma vitória de derrotados.

As massas desorientadas

Mas simultaneamente seria preciso perguntar se a linha Marchais, a candidatura Marchais, o discurso Marchais não vão actuar, muito mais do que se imagina, em relação a massas desorientadas, vítimas da crise e cuja informação oscilando entre a televisão e a «Esperança do presente» não constituirá qualquer barreira psicológica ou intelectual à «palavra» do candidato Marchais. As sondagens feitas actualmente não apresentam hipóteses senão para a segunda volta. E se Marchais conseguisse mais votos que Mitterrand?

Recusar o simples exame desta hipótese é ainda um dos silêncios do PS, completamente discutível quando se é posto perante o leque das «pequenas» candidaturas de esquerda de Arlette Laguiller a Michel Crepeau, passando por Hélène Bouchardeau, Alain Krivine e Brice Lalonde. Não falando em Michel Colucci.

Portanto, até ao dia 25 de Janeiro – e a seguir a Vitry – os dirigentes do PS, todas as correntes reunidas, irão finalmente consultar as bases, os seus militantes? Aperceber-se-ão da aversão quase unânime à personagem Marchais? Traduzir em discurso corajoso as convicções de inúmeros militantes que nunca irão votar num homem que de há três anos para cá, apoiado por todo o seu aparelho, lhes acena a «viragem à direita»? Mesmo que, por uma nova mudança da linha, o PCF «volte à união», segundo a fórmula consagrada, é preciso que os dirigentes do PS saibam que para muitos dos seus militantes o corte é total.

Com efeito, qual seria a estratégia e quais as palavras para dirigentes de um PS que reencontraria a sua função de dinamizador dos movimentos sociais ao lado e em frente de um PC que optou pela função comicieira e para o neo-arcaismo de um discurso «classe contra classe»?

1) Dizer claramente o que se passaria se Mitterrand fosse eleito. Rocard não seria favorável a uma dissolução imediata da Assembleia. Mitterrand terá, com todos os riscos de recaídas do movimento, nascido de uma eventual vitória se não se tomam medidas positivas? O presidente escolhe o seu primeiro-ministro e nomeia o Governo. O eleitorado deve saber claramente se os membros do actual secretariado político do PCF entrariam ou não neste Governo. E eles devem sabê-lo antes da primeira volta para não serem levados por negociações do tipo das de 13 de Março de 1978 e se Mitterrand não quiser trair o seu eleitorado da primeira volta, incluindo os socialistas. É preciso também conhecer antes das eleições o nome do primeiro-ministro e pelo menos figuras de Governo possíveis;

2) O programa apresentado deverá ser tal qual é, não somente um programa para governar, mas também um programa de oposição, de batalhas a levar por diante, face a um novo Governo, em que o PS não seria membro, programas objectivos a defender, de acções concretas sobre o plano económico e social, sobre o plano da informação, do ensino, sobre os abusos do Estado: redução das desigualdades através da contenção dos rendimentos superiores, desmantelamento do projecto «segurança e liberdade», apoio aos novos empreendedores e à experimentação social por intermédio de medidas de revisão dos impostos e das taxas, apoio às associações lei de 1091, defesa dos objectores de consciência, modalidades de desenvolvimento das novas energias, plano progressivo para uma alteração do modelo de consumo, associado a novas relações com o Terceiro Mundo, etc.

Que esperam do PS todos aqueles que poderiam ainda confiar nele? Não será por certo a disputa verbal da República contra a Monarquia – discurso dos republicanos, associados aos grandes negócios dos anos 80 (1880) – que permitiria resolver pelo silêncio os verdadeiros problemas e a realidade de 1981.

François Mitterrand e todos aqueles que se encontram à sua volta compreenderão os militantes e que existem demasiados silêncios tácticos e retóricas empoladas? ■

1 – Alusão ao caso de Jacques Doriot, que em 1934 se opôs à linha do partido e foi expulso em 1936.

* **Suzanne Citron, assistente da Universidade de Paris-Nord e membro do PS.**

No PCF: bater Giscard?

1 ♦

Esta crítica da diligência do PS e do seu primeiro secretario é sobretudo o cavalo de batalha da Imprensa comunista e, principalmente, do «Humanité». Marchais reserva-lhe espaço reduzido nos seus discursos, destinados a expor as propostas do PCF. Estas constituem no conjunto um «plano de luta», o que significa que devem ser consideradas não como um programa de Governo mas como objectivos de acção, em torno das quais o Partido Comunista procura reunir os seus partidários, nomeadamente por altura das eleições presidenciais. Para o PCF, estas eleições só podem ser uma etapa, de modo algum decisiva, na via de «transformaçao» necessária. Tem pois, de criticar Mitterrand, sem falar muito dele, para evitar que o dirigente socialista surja como o protagonista principal da campanha, contra Giscard d'Estaing.

A hipótese Miterrand

Os dirigentes comunistas parecem calcular que Mitterrand esteja em posiçao mais favorável que em 1974 para derrotar Giscard d'Estaing. Com efeito, por um lado, o primeiro-secretário do PS não tem que responder, perante o eleitorado centrista, pelo comportamento do PCF, do qual deixou de ser aliado. Enquanto que por um lado, os ataques dos comunistas contra ele tinham enfraquecido, em 1977, a posiçao do dirigente socialista, hoje, pelo contrário, reforçam-na. Por outro lado, os comunistas, muito antes de uma sondagem publicada na semana passada confirmar esta hipótese, avaliavam em um quarto a proporção de eleitores gaullistas dispostos a dar o seu voto a Miterrand na segunda volta das eleições.

As eleições legislativas parciais de fim de Novembro forneceram dados sobre o comportamento possível do eleitorado comunista em 10 de Maio próximo: a vontade de bater o poder parece sobrepor-se à preocupação de interceptar a emergência de uma poderosa formação social-democrata. Os dirigentes do PCF optaram entao por acompanhar o movimento, pondo em evidência que a sua palavra de ordem a favor do PS, contribuira para a derrota dos candidatos giscardianos. Não se esquecendo de salientar hoje, que o seu objectivo é «derrotar Giscard». Marchais parece orientar-se sem ambiguidades para a desistência contra o presidente cessante, com muitas reservas sobre a confiança que merece o candidato socialista. Poderia assim manejar ao mesmo tempo, o sentimento unitário de uma parte do seu eleitorado e o anti-socialismo que anima outros dos seus partidários.

O PCF esforça-se entretanto, por minimizar a importância desta questão e centra a sua campanha nos seus próprios temas. Luta de classes e exaltação do progresso nos países socialistas e do socialismo no Terceiro Mundo são, com a recuperação minuciosa das reivindicações adiantadas pela CGT nas lutas sociais, o essencial dos discursos de Marchais. O secretário-geral recorre ao mesmo tempo, aos temas que permitiram ao PCF consolidar a pontuação obtida por altura das eleições europeias, ou seja, a crítica da construção europeia e da supremacia da Alemanha Ocidental. Acrescenta-lhes finalmente a expressão dos sentimentos que surgem nos bairros ou comunas em que os trabalhadores imigrantes são numerosos.

A posição do PCF sobre o problema inclui dois aspectos. Um diz respeito à crítica de uma situação que favorece a concentração dos trabalhadores imigrantes em certas comunas, muitas vezes geridas pelos comunistas e cujo «budget» social é agravado pelo desemprego que atinge em maior proporção os operários pouco qualificados. O outro aspecto da campanha do PCF vira-se para a categoria dos eleitores menos politizados, cuja situação social é a mais difícil – os mesmos que os comunistas incitaram a inscreverem-se nas listas eleitorais, enquanto os comunistas se esquecem muitas vezes de o fazer – e que são os mais sensíveis à concorrência dos imigrantes no mercado do trabalho. São também essas famílias que, a maior parte das vezes, vivem lado a lado, com os imigrantes nos prédios e nos bairros.

Existe aí um terreno favorável a reacções racistas, que o PCF não deixa de explorar. Ao retomarem o tema do seu voto favorável à construção de um centro cultural islâmico, os autarcas comunistas de Rennes provaram que o caso do centro de Vitry não era um acidente, mas procedia de uma política deliberada.

Os dirigentes comunistas correm o risco, com tais escolhas, de submeter os seus militantes a contradições que atingem um grau de tensão raramente igualada no passado. Surgem reacções em todos os meios, em particular nos intelectuais, nos autarcas e em casos de certos funcionários, como os jornalistas do «L'Humanité», dos quais muitos não subscreveram o apelo a favor do voto em Marchais. Alguns, que se tinham recusado a deixar o partido no período que se seguiu às legislativas de 1978, e entendiam que deviam prosseguir a sua acção no interior, decidem sair agora.

Henri Fizbin e François Hincker, ex-membros do Comité Central, mostram-se inquietos com essa tendência, e alertaram os militantes que discordam com a linha actual, contra os encorajamentos à demissão que lhes dão, paralelamente, os que se opõem, porque pensam que «nada mais há a fazer neste partido» e os que apoiam a Direcção, que afirmam que os que não concordam «não têm lá nada que fazer». Fizbin e Hinckel declararam que estão resolvidos, por seu lado, a assumir «todas as responsabilidades» que resultariam da sua vontade de continuar o combate no seio do partido.

Esta linguagem destina-se aos intelectuais, mas também e sobretudo, aos autarcas e aos quadros que, em particular no sul da França, desespe am de ver o partido voltar a uma política unitária. Estes admitem que o programa comum não foi uma boa solução, mas não poupam as suas críticas ao Partido Socialista (senão teriam abandonado o partido, em 78 ou 79), mas pensam que não tem saída a via solitária que o PCF adoptou. A sua importância é tal que a Direcção é obrigada a continuar a polémica com eles, ao declarar por exemplo, como fez Marchais a 9 de Janeiro, em Paris: «É preciso decidamente demonstrar-se total cegueira política para não ver (na actual política do PCF) a prática audaciosa, ofensiva, da estratégia que definimos nos Congressos XXII e XXIII» Estas afirmações mostram que a Direcção está consciente de que nem todos os comunistas estão convencidos da justeza da sua orientação. ■

O cemitério judaico de Berlim foi fundado há cem anos

■ Panorama DDR

O cemitério judaico no bairro de Wissensee em Berlim, capital da RDA, é rodeado por um renque de árvores. Fundado há 100 anos, é um dos maiores cemitérios judaicos da Europa.

Grandes artistas e cientistas estão ali sepultados: Lesser Ury (1861-1931), pintor e desenhador; Karl Emil Franzos (1848-1904), escritor; Eugen Goldstein (1850--1930), físico. Alguns túmulos estão gravados com caracteres cirílicos e recordam que, depois de 1881, um certo número de judeus refugiaram-se em Berlim, escapando aos «progroms» da Rússia czarista. A Primeira Guerra Mundial exigiu pesado contributo à comunidade judaica, como o atesta o monumento às 366 vítimas do conflito.

Sob o fascismo hitleriano, os judeus foram vítimas das piores perseguições e muitos deles caíram assassinados. Só uma pequena parte da comunidade (inicialmente composta por 120 mil pessoas) judaica berlinense sobreviveu ao inferno nazi. Até 1941, mais de 50 mil judeus emigraram. Nessa época, as esperanças de numerosos judeus voltaram-se para o jardim do cemitério, onde se organizou clandestinamente uma escola depois de os nazis terem encerrado todas as escolas da comunidade.

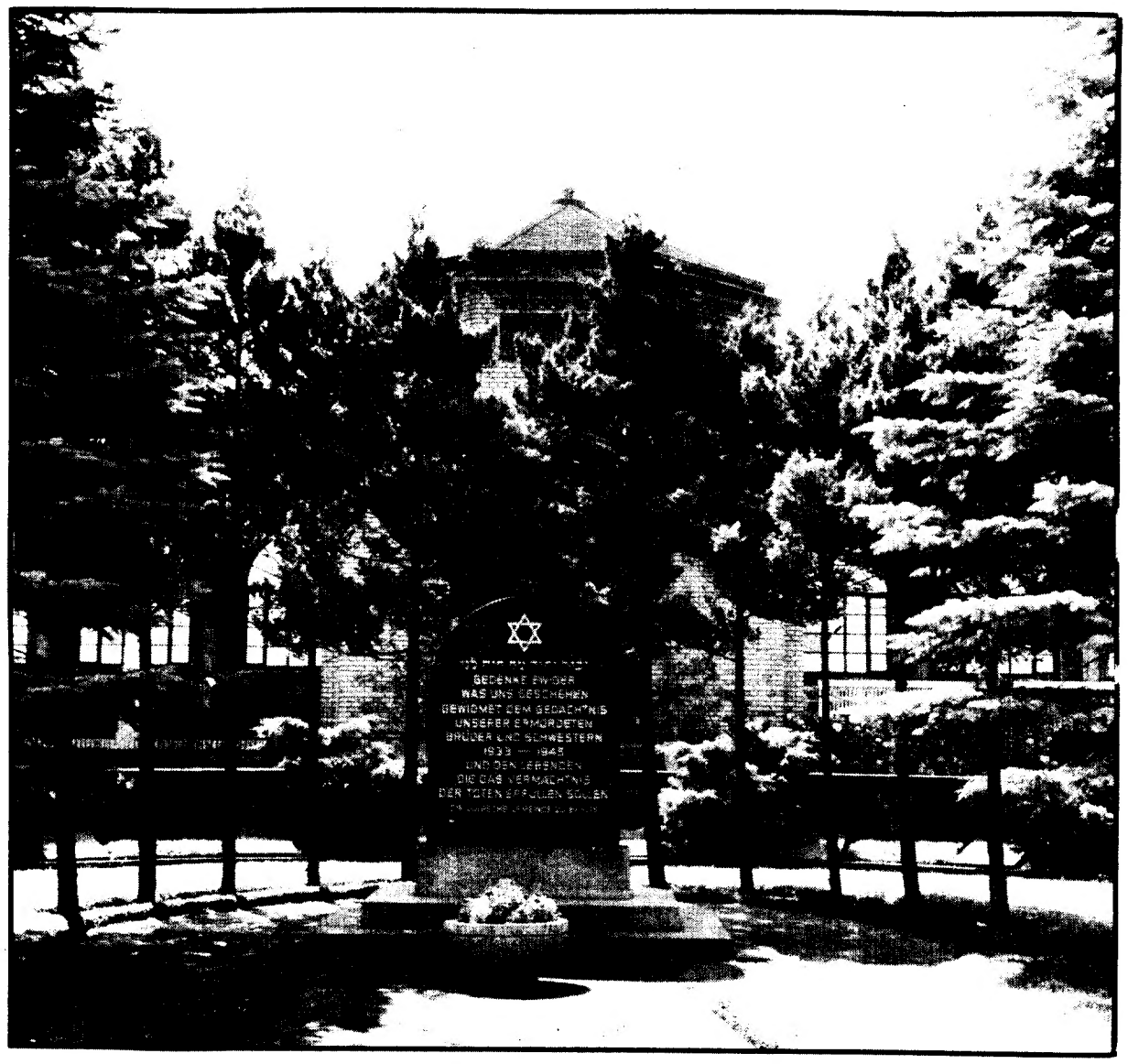
Em Outubro de 1941 o início das deportações em massa pôs termo a todas as tentativas de interajuda da comunidade.

Vêem-se no cemitério os túmulos de 811 judeus que, em 1942, foram obrigados a matar-se pelos fascistas. Dos 50 mil judeus de Berlim deportados para os campos de concentração nem um único sobreviveu. O monumento que se ergue à entrada do cemitério evoca o calvário dos judeus exterminados nos campos de concentração. Várias placas funerárias foram gravadas com os nomes dos campos de concentração e contêm um apelo à luta contra o fascismo e contra a guerra.

Um dos 115 mil túmulos é o do judeu comunista Herbert Baum, um dos mais heróicos resistentes de Berlim. Uma placa evoca a sua acção e as dos membros do seu grupo. Baum organizou um grupo de judeus para a luta contra Hitler. Em Maio de 1942, grande parte do grupo foi executada. Herbert Baum viria a ser assassinado em Junho desse ano pela Gestapo quando estava sob prisão preventiva.

Os membros da comunidade judaica conseguiram recuperar 583 thoras confiscadas pelos nazis e esconderam-nas no cemitério. Logo que o Exército Vermelho libertou o país, as thoras voltaram a aparecer à luz do dia.

Quando se comemoram certos aniversários, como o da Noite de Cristal (9 a 10 de Novembro de 1938, que assinalou o começo dos programas sistemáticos do fascismo hitleriano contra os judeus) ou o Dia Internacional das Vítimas do Terror Fascista (em Setembro) representantes do Estado, dirigentes dos partidos e grandes multidões vão ao cemitério judaico depositar ramos de flores. A memória das vítimas do fascismo continua bem viva na RDA.



O cemitério judaico é mantido com o auxílio do Estado e com o trabalho efectuado pelas juventudes comunistas. Representa um monumento contra a guerra e o fascismo. Muitos berlinenses e visitantes da capital vão ao cemitério prestar homenagem a todas as vítimas do fascismo. ■

O futuro prepara-se hoje

■ Vaclav Kvasnicka

□ ORBIS

Como será o mundo no ano 2.000? A humanidade sobreviverá a esta data? E, nesse caso, qual o desenvolvimento da ciência e da técnica que lhe trará benefícios, e a ajudará a resolver com êxito os problemas que nos esforçamos por resolver hoje, ou causará a sua ruína?.

Estas questões não são formuladas presentemente apenas pelos autores dos romances de ficção--científica. Recentemente tem despertado muito interesse um estudo americano elaborado por um grupo de trabalho especial conduzido por Guss Speth, presidente do Conselho para a qualidade do ambiente dos Estados Unidos. Esta publicação descreve o estado do mundo no ano 2.000 e apresenta um carácter quase mitológico; o estudo chega a conclusões pouco optimistas. Conclui-se que o mundo estará mais povoado, mais poluído, menos estável sobre o plano ecológico e mais inclinado aos desequilíbrios do que o mundo em que vivemos nos nossos dias. Os autores admitem que o número de habitantes na Terra aumentara de 4 biliões, actualmente, para 6,5 biliões, dos quais 90% desse crescimento demográfico se situará nos países em vias de desenvolvimento. Eles chegam à conclusão que a separação que existe entre países evoluídos e aqueles em vias de desenvolvimento ainda se aprofundará mais. A fome aumentará nestes próximos vinte anos para cerca de 3 biliões de pessoas. A publicação é igualmente pessimista em relação às fontes naturais, constatando que as reservas de madeira, os terrenos produtivos, as fontes de água, diminuirão, assim como serão destruídas cerca de 20% de espécies de flora e da fauna existentes ainda hoje sobre a Terra. Numerosos factos que aí são mencionados deveriam ser examinados atentamente, porque não se pode subestimá-los. Mas este estudo, como outros de países ocidentais, consagrados ao mesmo tema, são incompletos.

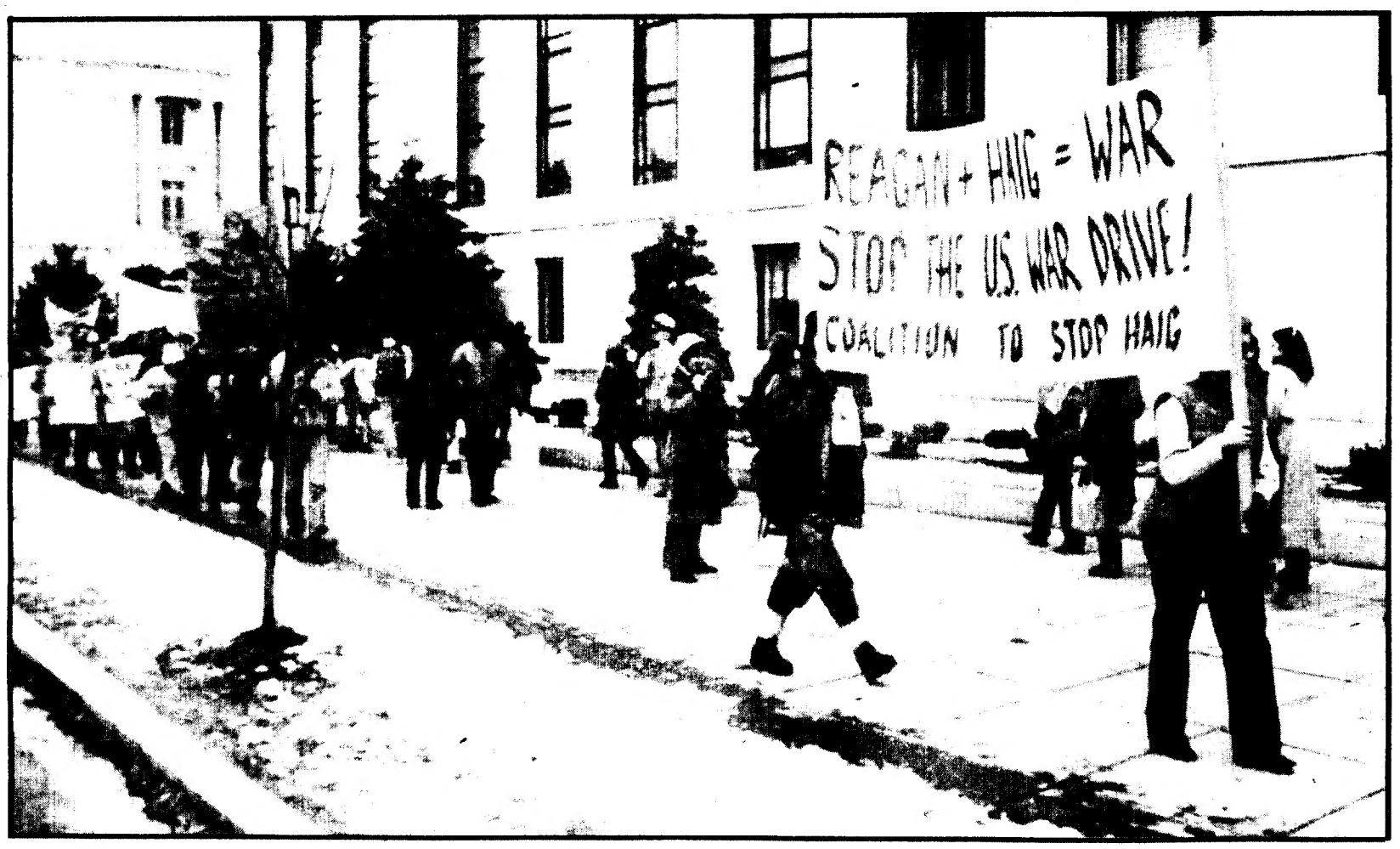
A evolução negativa do nosso planeta é apresentada como a única alternativa possível e à qual não é fácil escapar. O estudo esquece a existência de forças progressistas que sublinham a possibilidade real duma evolução completamente diferente daquela encarada pelos autores. Estes passam em silêncio a questão da responsabilidade do estado social e ecológico negativo no mundo actual.

O estudo não fala das consequências catastróficas que poderá ter a política dos dirigentes ocidentais, e sobretudo dos Estados Unidos, que preferem actualmente o estudo das possibilidades da ciência posta no fabrico de novas armas de destruição em massa, à solução de diversos problemas do ambiente. Começa-se a preparar a concepção duma nova guerra ofensiva nuclear, que provocaria a perda da humanidade e a deterioração impensável das condições indispensáveis para qualquer forma de vida no nosso planeta. E assim, que a luta pela salvação da humanidade e da natureza, no futuro, deve ser conduzida a partir de agora e não pode separar-se da luta contra o perigo duma guerra catastrófica.

As experiências conhecidas até hoje com as consequências ecológicas da corrida aos armamentos, é de facto, mais que eloquente. Entre outras é negativa a influência exercida pelos ensaios nucleares no ar, que têm prosseguido, e a não observação dos acordos sobre a sua proibição. Perdas energéticas importantes e desgastes do ambiente são causadas igualmente pelo fabrico de armas, incluindo as armas convencionais. Deve-se ainda acrescentar que a corrida aos armamentos exige presentemente despesas extraordinárias (ulptrapassando os 450 biliões de dólares por ano), de modo que não restam meios suficientes, não somente para a redução da separação entre os países evoluídos e os países em vias de desenvolvimento, mas ainda para a luta contra a ruína ecológica da huma-

PELO MUNDO

REAGAN MAIS HAIG IGUAL A GUERRA



Manifestantes transportando um cartaz contra Reagan e contra Haig («Reagan mais Haig igual a guerra»), passam pelas ruas de Washington, preparando-se para desfilar em frente ao Senado, onde Haig estava a ser interrogado

A GRÉCIA NA CEE

Há cerca de seis anos que a Grécia vive um clima agitado. O governo de Kostas Karamanlis, que chegou ao poder depois de derrubada a junta militar, adoptou medidas para sanear a economia dos efeitos da inflação e restabelecer os direitos e as liberdades democráticas. O gabinete encabeçado por Georgeos Rallis, formado em Maio último, propôs-se seguir os mesmos objectivos.

No entanto, a economia grega vai decaindo. O ritmo inflacionário cresce desmesuradamente. As fracas tentativas de aliviar a crise económica não deram resultado. Observadores locais consideram que a austeridade e a redução dos fundos do Estado para os fins sociais são medidas insuficientes para debelar a situação. A política do «apertar o cinto» acaba sempre por traduzir-se na descida do nivel de vida da populaçao.

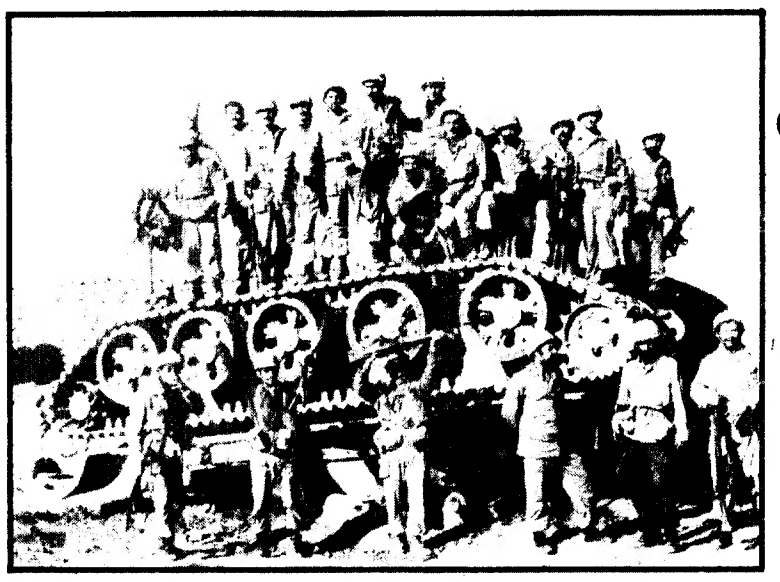
A 1 de Janeiro, a Grécia entrou para o Mercado Comum, pelo menos a título formal, até que decorra o «período de transição» de cinco anos, imposto pela CEE, de modo que as suas exportações deixem de chocar com as barreiras alfandegárias da organização. Seja como for, a verdade é que a sua participação neste agrupamento económico contribuirá, inevitavelmente, para fortalecer o domínio estrangeiro na indústria grega.

Desde já, a maior empresa de tratamento de bauxites e de produção de alumínios pertence à companhia francesa «Péchiney». As siderurgias de Salónica estão controladas por firmas japonesas. Os bancos norte-americanos «Chase Manhattan Bank», «Bank of America» e outros abriram mais de 15 filiais na Grécia, sendo menor o número de bancos gregos.

A entrada na CEE não foi de graça. A organização impôs exigências. Durante o «período de transição», as exportações gregas serão limitadas pelas tarifas alfandegárias, enquanto as mercadorias e capitais vindos dos outros países do Mercado Comum terão todas as facilidades no país.

No que respeita à exportação de certos produtos agrícolas gregos, ou à livre deslocação de mão-de-obra no seio da comunidade, a «quarentena» prolonga-se não por cinco, mas por sete anos.

A indústria, constituída fundamentalmente por pequenas e médias empresas, não poderá competir com os grandes monopólios europeus. O futuro da agricultura não apresenta perspectivas melhores. Tudo isto deverá indubitavelmente agravar o desemprego. ■



A guerra entre o Iraque e o Irão

TANQUE DESTRUÍDO

Soldados iranianos celebram a vitória obtida sobre um tanque iraquiano destruído, durante a sua recente ofensiva na frente do Kuzistão

Demissão de um ministro

O ministro das Finanças de Israel, Yigal Horowitz, que se demitiu há pouco, criou dificuldades políticas a Menahem Begin

Deputados trabalhistas em Cabul

Os três deputados trabalhistas da esquerda (Ron Brown, Robert Litherland e Allan Robertrs) que visitaram o Afeganistão e cujas impressões causaram a cólera do ministro britânico dos Estrangeiros e da própria Thatcher. Os deputados declararam efectivamente que o Ocidente exagerava sobre o caso do Afeganistão e que a Imprensa alinhava muitas mentiras sobre o assunto. (Foto Ferlaque)

O FUTURO PREPARA-SE HOJE

7 ♦

nidade. A travagem da corrida desenfreada aos armamentos, proposta consequentemente e com insistência pelos países socialistas, compreendendo entre eles a Checoslováquia, torna-se pois indispensável para salvaguarda do futuro da humanidade.

Estes problemas urgentes não podem ser resolvidos por um só país, nem por alguns. A sua solução exige a cooperação de todos os países do mundo. A essa conclusão chegaram os delegados dos países participantes na Conferência de Helsínquia para a segurança e cooperação na Europa. Propostas semelhantes foram apresentadas no âmbito da ONU. Mas a experiência destes últimos tempos que nao se pode realizar com sucesso nenhum projecto importante referente à protecção do ambiente, desde que os países se encontrem num estado de tensão. Graças aos esforços pacientes dos países socialistas conseguiu-se resolver alguns problemas internacionais urgentes na Europa central e verificar os primeiros sucessos no domínio da protecção do Mar Báltico. Pelo contrário o projecto referente ao Mediterrâneo não teve ainda realização devido à situação de tensão do Médio-Oriente.

Assim, por outras palavras, o estado do nosso planeta no ano 2.000 e a vida dos seus habitantes durante o primeiro século do próximo milénio, dependerão em definitivo do que os governantes e os povos de todo o mundo farão, pelo seu futuro, desde agora. ■

N.º 4/81 EXCLUSIVO